



UFRR
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRA – PPGSOF

DELAIDE TRINDADE DOUGLAS

FORMAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS MACUXI E WAPICHANA NA
COMUNIDADE MANOÁ, TERRA INDÍGENA MANOÁ/PIUM
Região serra da Lua – Bonfim - RR

BOA VISTA, RR
2020



UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRA – PPGSOF

DELAIDE TRINDADE DOUGLAS

FORMAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS MACUXI E WAPICHANA NA
COMUNIDADE MANOÁ, TERRA INDÍGENA MANOÁ/PIUM
Região serra da Lua – Bonfim - RR

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Sociedade e Fronteiras.

Área de concentração: Fronteiras e Processos Socioculturais

Orientador: Prof. Dr. Maxim Repetto

Boa Vista, RR
2020

DELAIDE TRINDADE DOUGLAS

**FORMAÇÃO SOCIAL DOS JIVENS MACUXI E WAPICHANA NA
COMUNIDADE MANOÁ, TERRA INDÍGENA MANOÁ/PIUM**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Fronteiras e Processos Socioculturais. Defendida em 31 de agosto de 2020 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Maxim Paolo Repetto Carreño
Orientador – PPGSOE/UFRR

Prof. Dr. Hiran de Moura Possas

Membro Externo – UNIFESSPA

Prof.^a Dr.^a Márcia Maria de Oliveira

Membro Interno – PPGSOE/ UFRR

DEDICATÓRIA

À minha família, irmãos,
em especial meu pai e minha mãe,
Alan Douglas e Demilza da Silva Trindade,
pela força e incentivo em toda minha trajetória de estudo.
Aos meus filhos e esposo,
aos meus professores que nunca desistiram de mim.
A toda comunidade Indígena Manoá.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela força e pela vida, por ter me sustentado nos momentos de desânimo para que eu pudesse chegar ao fim dessa jornada acadêmica.

Aos meus pais e irmãos, que estiveram sempre me dando força e algumas vezes se prontificaram a cuidar de minha casa e de meus filhos nos períodos de minha ausência.

Aos meus filhos, Rayssa Douglas, que é meu braço direito e nunca me deixou sozinha, nos momentos mais difíceis desta caminhada, Raide Alejandro Douglas, Isabelle Pinho Douglas e Pedro Pinho Douglas pelo aconchego familiar.

Ao meu esposo, Edinho Pinho, pelo incentivo e companheirismo.

Aos amigos, e em particular Jonner Chagas e Mozart Monte Farias, pelo incentivo, para que eu não desistisse dessa caminhada e por me darem total apoio nos momentos mais difíceis que precisei.

À comunidade Manoá por ter me apoiado e me acolhido nessa pesquisa, que é de grande relevância para o conhecimento local e principalmente acreditar em uma nova educação para a sociedade.

Por fim, a todos os professores que fizeram parte dessa luta diária, em especial ao meu orientador, o professor Dr. Maxim Repetto, que me acompanhou durante esse percurso, desde a graduação, e que é um dos grandes mestres da minha vida acadêmica. Pela disponibilização de seu tempo, de horas dedicadas a realização dessa pesquisa e pela confiança que sempre depositou em mim como sua aprendiz, sempre com elogios e críticas construtivas que foram muito importantes na minha vida para o meu crescimento pessoal e profissional.

EPÍGRAFE

“O saber que não vem da experiência não é realmente saber”.

Lev Vygotsky

RESUMO

No presente trabalho apresentamos uma análise da educação indígena e do processo de formação social dos jovens, do reconhecimento dos direitos da educação intercultural dos povos indígenas o desafio de ser jovem Macuxi e Wapichana na comunidade indígena Manoá. Nesta perspectiva, aprofundaremos o diálogo do conflito da formação social que ocorre entre os jovens e os elementos que moldam a vida social desses sujeitos que está ligado diretamente aos valores, costumes e tradições da comunidade e da sociedade. A partir das experiências ligadas às atividades dos jovens na comunidade, buscamos relacionar os conhecimentos existentes em seu contexto familiar envolvendo as regras de convívio social, o conhecimento de mundo e os conhecimentos implícitos das atividades mais significativas, nas quais os jovens participam dentro da comunidade. Diante desse desafio reconstruiremos o calendário socionatural da comunidade Manoá, apresentando propostas de ensino através do método indutivo intercultural, da teoria da atividade na perspectiva Vigotskiana. Este estudo envolve as atividades cotidianas e o conhecimento indígena, que são analisadas conforme a relação sociedade e natureza de Gasché, compreendido na educação indígena como conhecimentos específicos, criando instrumentos articuladores de conhecimento de formação social e escolar, em uma nova perspectiva de ensino que vem se mostrando interessante para construção de uma nova educação indígena. Nesse estudo o tempo, o espaço e o meio ambiente fazem parte desse processo, principalmente a interação de respeito com a natureza, que são os principais objetos de estudo dessa dissertação.

Palavras Chave: Educação, Juventude, Calendário Socionatural, Método Indutivo Intercultural

ABSTRACT

In the present work we present an analysis on indigenous education and the social formation process of young people, the recognition of the rights of intercultural education of indigenous peoples, and the challenge of being young Macuxi and Wapichana in the Manoá indigenous community. In this perspective, we will deepen the dialogue on the conflict of social formation that occurs between young people and the elements that shape the social life of these subjects, which is directly linked to the values, customs and traditions of the community and society. From the experiences related to the activities of young people in the community, we seek to relate the knowledge they have in the family and social context of the community, involving the social rules and knowledge of the world, involving the implicit knowledge of the meaningful activities in which the young people participate within the community. Faced with this challenge, we will reconstruct the socionatural calendar of the Manoá community, presenting teaching proposals through the intercultural inductive method, and the theory of activity in the Vigotskian perspective. This study involves daily activities and indigenous knowledge, which are analyzed according to the relationship between society and nature of Gasché, understood in indigenous education as specific knowledge, creating instruments that articulate knowledge of social and school formation, a new teaching perspective that has come showing interesting for the construction of a new indigenous education. In this study, time, space, the environment are part of this process, and especially the interaction of respect with nature, which are the objects of study of this dissertation.

KEY WORD: Education, Youth, Socionatural Calendar, Intercultural Inductive Method

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Maquete da Terra Indígena Manoá/Pium.....	19
Figura 2 – Fotografia aérea da comunidade Manoá 2018.....	24
Figura 3 – Imagem da comunidade Manoá 2020.....	30
Figura 4- Jovens (feminino) jogando Futsal.....	67
Figura 5 – Jovens (masculino) cuidando os filhos.....	68
Figura 6- Igarapé arraia nível baixo no verão.....	70
Figura 7 – Jovens participando da dança do parixara.....	71
Figura 8 – Jovens se alimentando na beira do igarapé Arraia.....	72
Figura 9 – Jovens jogando Vôlei na beira do igarapé.....	72
Figura 10 – Grupo jovem de quadrilha junina “Pisada Quente”	72
Figura 11 – Jovens representando Futsal nos jogos escolares.....	73
Figura 12 – Malocão Comunitário.....	74
Figura 13 - Jovens plantando maniva.....	91
Figura 14 –. Croqui dos pontos de formação social da comunidade Manoá.....	96
Figura 15 – Jovens na oficina da pesquisa de campo educação indígena e formação social dos jovens Macuxi e Wapichana na comunidade Manoá	106

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Calendário Socionatural da Comunidade Indígena Manoá.....	61
Tabela 2 – Calendário Socionatural dos Jovens.....	75
Tabela 3 – Atividade social 1- Fazer Roça e aplicação da Teoria da Atividade.....	92
Tabela 4 - Atividade social 2- Festa Junina e aplicação da Teoria da Atividade	96

LISTA DE SIGLAS

AIS - Agentes Indígenas de Saúde

AISAM - Agentes Indígena de Saúde e Meio Ambiente

CIR - Conselho Indígena de Roraima

DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FUNAI- Fundação Nacional do Índio

MII - Método Indutivo Intercultural

OMIRR - Organização das Mulheres Indígenas de Roraima

OPIRR - Organização dos Professores indígenas de Roraima

PNLD - Programa Nacional de Livros Didáticos

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

SPI - Serviço de Proteção ao Índio

TA - Teoria da Atividade

TI - Terra Indígena

ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. TERRA INDÍGENA MANOÁ/PIUM E COMUNIDADE MANOÁ.....	18
1.1 COMUNIDADE INDÍGENA MANOÁ E SUA FORMAÇÃO	22
1.2 COMUNIDADE E FORMAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS.....	24
1.3 ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA, POLÍTICA E SOCIAL DA COMUNIDADE INDÍGENA MANOÁ.....	27
1.4 EDUCAÇÃO ESCOLAR NO MANOÁ	33
2. FORMAÇÃO SOCIAL E CONHECIMENTOS CULTURAIS NA COMUNIDADE INDÍGENA MANOÁ.....	37
2.1 FORMAÇÃO SOCIAL NA COMUNIDADE	37
2.2 FORMAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS MACUXI E WAPICHANA NA COMUNIDADE MANOÁ.....	47
2.3 CONHECIMENTOS CULTURAIS DA COMUNIDADE E A RELAÇÃO COM A TEORIA DA ATIVIDADE (TA) E O MÉTODO INDUTIVO INTERCULTURAL (MII).....	56
2.3.1 Calendário socionatural da comunidade indígena Manoá.....	59
2. 4 CALENDÁRIO SOCIONATURAL ANUAL DAS ATIVIDADES DOS JOVENS.....	66
3. APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO DO MÉTODO INDUTIVO INTERCULTURAL COMO ESTUDO E APRENDIZAGEM NAS ATIVIDADES SOCIAIS DOS JOVENS DA COMUNIDADE INDÍGENA MANOÁ.	81
3.1 MÉTODO INDUTIVO INTERCULTURAL.....	82
3.2 ANÁLISE DA TEORIA DA ATIVIDADE NA FORMAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS NA COMUNIDADE MANOÁ	85
3.3 TEORIA DA ATIVIDADE E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO SOCIAL	88
3.3.1 Atividade Social 1: Fazer Roça	88
3.3.2 Atividade Social 2: Festa Junina.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS	109
ANEXO.....	114
FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE DOS JOVENS NA COMUNIDADE MANOÁ	114

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta a sistematização de uma pesquisa realizada no contexto dos estudos de mestrado do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Analisando a formação social dos jovens Macuxi e Wapichana na comunidade indígena Manoá, Terra indígena Manoá/Pium, Região Serra da Lua no município de Bonfim Roraima.

A fim de compreender os processos que conduzem a formação social no contexto comunitário. Iremos adentrar na explicitação dos conhecimentos próprios, ou seja, dos conhecimentos de suas realidades através dos estudos de suas atividades sociais (o que eles fazem como fazem e por que fazem), dos valores culturais, de suas crenças e de suas relações com a natureza. Nesse contexto, buscamos identificar os conhecimentos próprios que são transmitidos aos jovens no contexto da família e da comunidade, envolvendo valores e visões de vida e de mundo.

A metodologia utilizada para desenvolver essa pesquisa baseou-se nos estudos de natureza qualitativa, uma análise com realização de entrevistas, registro no diário de campo, roda de conversas, curso e participação em eventos na comunidade indígena.

Partindo da convivência e oficina pedagógica, foram feitos os levantamentos das atividades significativas dentro da comunidade, principalmente a dos jovens. Em nosso estudo, além da revisão bibliográfica e do referencial teórico, nos aprofundaremos na experiência do Método Indutivo Intercultural e na Teoria da Atividade. Trago uma orientação teórica e uma metodologia que é uma praticam de acordo com a ideia de convivência que pode ser aplicado na educação como um novo método de ensino, ou seja, uma questão de lógica, um estímulo na área teórica, política, pedagógica e de inovação na educação indígena.

Nesse contexto desenvolveremos este estudo para conhecer e tornar claro os conhecimentos implícitos nas atividades da qual os jovens fazem parte e participam, partindo da realidade dos moradores, e entender as concepções de atividade em relação ao conhecimento de mundo e aos conhecimentos indígenas na relação sociedade e natureza.

Discutir a formação social e cultura como algo que está sempre em movimento e se modificando como parte de um processo de aprendizagem, construído no cotidiano, na vida presente de cada pessoa, não é diferente nas comunidades indígenas,

principalmente entre os jovens, é nesse sentido que buscamos entender o processo de formação atual da juventude da comunidade indígena Manoá.

Esse estudo tem como proposta conhecer a realidade das pessoas, seus contextos históricos, suas atividades e suas práticas diárias, assim como o de entendermos o processo no qual o sujeito está inserido.

As informações apresentadas, parte da experiência da comunidade, de conversas com os moradores, da realização de oficinas para reconstrução do Calendário sociocultural, das atividades com professores e alunos do Ensino Médio, de entrevistas com jovens estudantes, do diretor da escola, do líder da comunidade (tuxaua), dos anciãos (conselheiros comunitários), dos professores indígenas, dos agentes de saúde e de outros grupos focais.

O estudo da formação social dos jovens da comunidade Manoá foi baseado no conceito marxista que diz que o ser humano aprende a partir de um processo de vida e, através da ação humana no meio social cria signos, linguagens e instrumentos que vão sendo transmitidos e aperfeiçoados historicamente na sociedade.

Vigotski, que segue a mesma linha teórica de Marx., fala das realizações e atividades sociais no processo de formação transmitido como forma de ensino, e baseado nesse conceito, criou a ideia da mediação da cultura humana, o qual se tornou em Teoria da Atividade (TA). Os instrumentos, os signos que também é importante nesse processo de pesquisa ensino aprendizagem, onde ele cria a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

O método de análise de Jorge Gasché, nesse mesmo sentido, fala que as pessoas estão sempre se relacionando entre si e com a natureza, mas que precisam um do outro, de uma ação, questionando como se trabalha a cultura na escola no meio social e qual a integração dela com a sociedade e a natureza. Ele cria o Método Indutivo Intercultural (MII) fundamentado nos teóricos anteriores e principalmente na Teoria da Atividade (TA) de Vigotski, defende que o desenvolvimento humano se dá através da necessidade de uma relação com o meio no qual está inserido, sendo, portanto, a personalidade produzida pelas relações sociais que o ser humano estabelece por suas atividades e relações com a natureza.

A construção do calendário cultural descrito por Carvalho e Repetto, os quais seguem as ideias de Gasché e Maria Bertely, são baseadas nas experiências e possuem ênfase nos sete indicadores que são os animais, vegetais, clima, astronomia, atividade das crianças, atividades da comunidade e problemas socioambientais visam explicar o

conhecimento indígena e a execução nas atividades da sociedade através do calendário sacionatural da comunidade, é um detalhamento das atividades rotineiras destacando as diversas ações desenvolvidas durante 1 (um) ano na comunidade, dividido por faixa etária e no dinamismo que acontece dentro da comunidade.

A partir do objetivo geral, analisamos como ocorre a formação social dos jovens. Os objetivos específicos foram desenvolvidos e traçados buscando compreender o conceito de cultura através de suas atividades e seus conhecimentos no contexto sócio natural.

Foram feitas algumas buscas de informação na comunidade Manoá, realizamos um curso de extensão na Escola Estadual Nossa Senhora da Consolata com os jovens do ensino médio em parceria com a Universidade Federal de Roraima, parte do curso de pós-graduação sociedade fronteira. Falamos do projeto e buscamos descobrir os conhecimentos e domínios da localidade, partindo de relatos de pessoas da comunidade.

Com base nas entrevistas de moradores, reformulamos o Calendário Sacionatural da Comunidade, pois esta é uma sequência de estudos desenvolvidos na graduação, onde já foi feito uma pesquisa parecida, com o mesmo tema na comunidade, que nos permitiu compreender amplamente a integração entre a sociedade e a natureza, e nos proporcionou uma reflexão do processo de formação social dos jovens Macuxi e Wapichana.

Desta maneira, buscamos entender a relação das atividades sociais com os indicadores da natureza, e a partir dessa ideia pensar a mudança e a vivência da comunidade, utilizando o Método Indutivo Intercultural, descrevendo e analisando questões acerca da juventude indígena nas idades entre 15 e 18 anos e suas relações com a natureza e no contexto em que vivem.

Essa dissertação de mestrado está dividida em três capítulos, sendo o primeiro sobre a Terra Indígena Manoá/Pium e a comunidade Indígena Manoá, sua contextualização histórica e os povos indígenas que estão inseridos nela; no segundo o debate gira em torno dos Conhecimentos Culturais, da Formação Social e da Interculturalidade na comunidade indígena Manoá; já no terceiro capítulo trazemos o Calendário Sacionatural, o Método Indutivo Intercultural e os conceitos a eles relacionados.

No primeiro capítulo, sobre a “Terra Indígena Manoá/Pium, comunidade Indígena Manoá e sua contextualização histórica”, fizemos um breve histórico da terra indígena e do processo de sua ocupação na região Serra da Lua, com ênfase nos

movimentos que a define como terra de fronteira dentro do estado de Roraima, a partir disso, apresentamos o contexto da comunidade Manoá, desde a sua fundação até a organização comunitária no espaço reocupado, um pouco sobre a educação escolar que também faz parte dessa conjuntura, considerando o papel dos líderes indígenas nesse contato com a organização da sociedade não indígena e da própria comunidade. Para essa contribuição dialogamos com os autores Grumberg (2006), Douglas, (2008), Baines, (2003), Farage, (1986), Santilli, (2001), e outros.

No segundo capítulo iremos falar sobre os “Conhecimentos Culturais, Formação Social e Interculturalidade na comunidade indígena Manoá”, vamos explicitar a discussão da fundamentação deste trabalho, que será apresentado sobre o Método Indutivo Intercultural e a Teoria da Atividade, dando importância ao início do estudo dos conhecimentos dos moradores do Manoá e de como os jovens estão inseridos nesses processos de atividades sociais, o que eles realizam como isso contribui na formação social em suas relações com a natureza, o que está explícito e implícito nas ações cotidianas.

Esse mesmo método irá subsidiar o propósito de identificar as atividades sociais significativas da comunidade, isto é, o que é realizado durante o ano, então sistematizará o que iremos chamar de calendário sacionatural no processo de explicitação dos conhecimentos indígenas para então fazer os estudos que fundamentarão o diálogo da educação indígena intercultural e da formação social dos jovens inseridos na comunidade.

Para discutir a interculturalidade, explanaremos as principais atividades que a comunidade considera relevante nessa interação sociedade e natureza, promoveremos a contribuição em relação a educação indígena, fazendo a análise e utilizando a teoria da atividade, considerando que é a partir das atividades realizadas que o homem se socializa, ou seja, que acontece a formação social. No decorrer desse capítulo utilizamos as referências dos seguintes autores: Sales Ingaricó (2012), Ramos (2013), Lima (2014), Douglas (2014) Gasché (2008), Leontiev (1983), Repetto e Carvalho (2016) e outros.

No terceiro capítulo trataremos do “Calendário sacionatural”, iremos reconstruir o calendário sacionatural, destacar as técnicas metodológicas e os conceitos relacionados a eles, construir um modelo conforme as atividades da comunidade pesquisada, salientando as maneiras como são transmitidos os conhecimentos e valores aos jovens, como se utilizam dos espaços e do tempo para a formação comunitária e

social, as orientações que recebem e os conflitos sociais e culturais que estão presentes no contexto atual que fazem parte de suas vidas.

A partir de suas atividades sociais fizemos uma reflexão em relação a transmissão dos seus conhecimentos, da interação entre eles e da relação com o ambiente onde vivem e com a natureza, analisando o resultado desta proposta junto à comunidade. Para este debate apresentamos os autores Vygotsky (1999), Gasché (2008), Andrade (2016), Bertely (2009), Leontiev (1983), Repetto e Carvalho (2016) dentre outros.

Enfim o presente trabalho de pesquisa irá contribuir com a população em geral e será de suma importância para o estudo tanto na área de educação como em outras, pois traz uma pesquisa com a temática voltada aos conhecimentos e saberes culturais dos povos indígenas e de sua comunidade, relacionados a educação indígena e educação escolar indígena, que tenta entender os processos e os contatos atuais mediante as conquistas, os conflitos, os desafios e os elementos culturais envolvidos, entre a sociedade e jovens que estão inseridos nesse contexto.

1. TERRA INDÍGENA MANOÁ/PIUM E COMUNIDADE MANOÁ

A terra indígena Manoá – Pium foi homologado através do Decreto Federal nº 86924 de 16 de fevereiro de 1982. Ocupada por duas etnias, Macuxi e Wapichana, com a área de 43.336 ha, divididas em sete comunidades: Manoá, Pium, Alto-Arraia, Cumaru, Cachoerinha do Sapo, São João e Novo Paraiso.

A Terra Indígena (TI) Manoá/Pium está localizada no Município do Bonfim, Roraima/ Brasil, sentido leste, faz fronteira com a Guiana, na região da Serra da Lua. Os Wapichanas e Macuxis vivem em harmonia, um grupo Aruwak e um grupo Caribe dois grupos distintos mostrando a interação das culturas, línguas, costumes e tradições. Está localizada em uma área considerável de lavrado, matas densas e mata ciliar, fica a aproximadamente 90 km da capital de Boa Vista.

A demarcação da terra indígena Manoá/ Pium ocorreu devido a presença de fazendeiros e colonos que ameaçavam a invasão da localidade, ou seja, o espaço que tinham delimitado para os indígenas, isso fez com que as lideranças indígenas locais tomassem uma atitude concernente a conquista de seus respectivos territórios mediante a lei, já que suas terras estavam sendo invadidas.

Esse processo ajudou na aceleração da demarcação da região e hoje a TI Manoá-Pium, que por lei, é ocupada tradicionalmente por povos indígenas. Possui uma extensão média de 43. 337 ha. Foi homologado com o decreto federal nº 86.924 de 16 de fevereiro de 1982.

A terra habitada tradicionalmente pelos povos Macuxi e Wapichana não havia fronteiras, então iam e vinham sem medo, caçavam e pescavam de forma nômade. A fronteira política entre Brasil e Guiana fez com que os povos dividissem seus territórios, causando um impacto na política indígena nesta região de fronteira internacional. (BAINES, 2005).

Segundo Santilli, a fronteira internacional entre Brasil e Guiana Inglesa, que foi delineada em 1904, deixava de ser uma questão militar para ser uma questão de economia, registrando a ocorrência de um movimento migratório, o qual se mantém contínuo desde meados do século XIX. (SATILLI, 1994. p 39)

A TI Manoá-Pium é rodeada e formada por rios, igarapés e lagos que banham as comunidades. O Rio Tacutu, o único da região, fica situado a leste e faz limite com a Guiana. Os igarapés presentes são: Igarapé Manoá, Igarapé Cumacá, Igarapé Arraia,

Igarapé Veado, Igarapé Galinha, Igarapé Jabuti, Igarapé Progresso, Igarapé Encrenca, Igarapé da Onça, Igarapé Machadinho, dentre outros menores. Os principais lagos são: Lago do Samaúma, Lago da Canoa, Lago do Murirú, Lago do Boi, Lago da Cigana e Lago do Timbó, estes lagos fazem parte do Igarapé Manoá. Existem também outros lagos considerados isolados como o lago da Flecha, o lago do Japini, o lago do Valto, o lago do Caxias e o lago do Cumarú dentro da terra indígena. (VIRIATO, 2008).

Estes recursos hídricos facilitam a alimentação da comunidade, pois neles existem várias espécies de peixes, mas o relato que temos nos últimos anos é que os peixes estão reduzidos em sua quantidade. Acredita-se que um dos fatores que têm contribuído para isso é a pesca predatória e o crescimento da população. Como consequências disso, alguns peixes estão quase extintos na dentro da Terra indígena, assim também como outros animais na comunidade.

Quanto à vegetação, podemos afirmar que a TI Manoá/Pium ainda detém áreas de mata virgem. Nessas matas existem várias espécies de plantas que são usadas na medicina tradicional, extração de madeira para a construção biodegradável, tais como: jatobá, pau-rainha, freijó, goiabinha, cedro, maçaranduba, copaíba, dentre outras (TRINDADE, 2010).



Foto: Alan Trindade 2019. (Maquete da terra Indígena Manoá/Pium feita por um grupo de alunos do ensino médio)

Ao longo tempo o crescimento da comunidade tem sido bastante progressivo, essa percepção tem gerado uma preocupação com o bioma local, que vem diminuindo cada vez mais. Essa preocupação não é somente pela falta da madeira e matas, mas

também das palhas (folhas) que são utilizadas na cobertura das casas, além dos frutos comestíveis, animais silvestres, que são alimentos na localidade, que está bem mais difícil de encontrar.

A região que é conhecida como Serra da Lua, abrange dois municípios do estado de Roraima, Bonfim e Cantá, ocupa uma extensa área formada por fazendas, vilas e comunidades indígenas com demarcações em ilhas, fica ao sentido leste do estado fazendo fronteira com a Guiana Inglesa. Mas neste paragrafo vamos focar no movimento de ocupação dessa área pelos Macuxi e Wapichana, povos predominantes da região. BAINES em sua pesquisa sobre os movimentos políticos indígenas em Roraima, ao longo da fronteira internacional entre o Brasil e a República da Guiana (antiga região conhecida como Rupununi) iniciada em 2001 junto aos povos indígenas Macuxi e Wapichana, diz:

Até o início da década de 70 do século XX, essas populações indígenas, após mais de duzentos anos de contato interétnico com segmentos das sociedades nacionais brasileiras e guianense, e décadas de subordinação a fazendeiros e garimpeiros que invadiam suas terras, eram vistas pela população regional como populações rurais, índios camponeses, ou "cabocos". Nos últimos quarenta anos, o protagonismo indígena inverteu parcialmente essa situação. (Baines, 2012.)

Farage faz uma observação, de que a ocupação colonial portuguesa na região, teve início da década de 70 do século XVIII, uma maneira estratégica e militarizada dos portugueses em ocupar a região, evitando uma possível invasão dos espanhóis e holandeses, até que houve o processo de aldeamento multiétnico de indígenas na região, pois se preocupavam em assegurar a posse dessa área. (FARAGE 1991. P. 125)

Na segunda metade do século XVIII, Farage descreve em seu livro “Muralhas dos Sertões” que houve uma grande revolta devido à superexploração de trabalho dos “índios Aldeados”, resultando em fugas maciças, devido à violência utilizada pelos portugueses para reprimi-los, pois a ordem dada era a de que os índios deveriam ser capturados e reduzidos à obediência. (FARAGE, 1991. P. 134)

Depois dos conflitos entre os governos do Brasil e da Grã-Bretanha na então colônia da Guiana Inglesa, sobre a definição da fronteira no final do século XIX e no início do século XX (Rivière, 1995), as terras dos povos indígenas que habitavam essa região foram divididas pela linha fronteira traçada entre o Brasil e a Guiana em 1904. (BAINES 2012)

No lado brasileiro dessa fronteira, foram estabelecidas duas agências indigenistas no início do século XX: o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), sediado na fazenda São Marcos, e a missão evangelizadora beneditina no alto rio Surumu, ambos

substituídos, respectivamente, pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e pela Ordem da Consolata (SANTILLI, 2001, p.39-40).

Com relação à diversidade linguística, os Macuxi formam um povo de filiação linguística Caribe e habitam a região das Guianas, entre as cabeceiras do rio Branco e Rupununi, um território politicamente dividido entre o Brasil e a Guiana (SANTILLI, 1994). Já os Wapichana, são um povo de filiação linguística Arawak que também habitam os campos cercados pelo rio Branco e Rupununi, região de fronteira entre o Brasil e a Guiana (FARAGE, 1997).

A comunidade Manoá é mista, a língua predominante é o português por consequência da colonização. Os idosos falam Macuxi e Wapichana fluentemente e alguns jovens, porém, na escola existe o incentivo para que a língua não seja esquecida, as crianças é que decidem qual língua desejam estudar ou os pais conforme se identificam melhor. Por estar em área de fronteira, outra língua comumente falada entre eles é o inglês, o que torna este povo uma comunidade multilíngue.

Conforme o planejamento das lideranças indígenas, segundo meu avô Constantino Trindade que gostava de contar histórias, da comunidade e de sua família, e que foi por muito tempo um grande líder dentro da comunidade, a demarcação seria na área contínua entre Moscou e Manoá-Pium. Porém, pela falta de representação da Comunidade Moscou, os demais tuxauas decidiram excluir a Comunidade Moscou do processo de demarcação.

Com o processo em andamento, reivindicado e quase pronto para ser homologado, o tuxaua Constantino Trindade, da Comunidade Manoá e representante maior da linha de frente dessa marcha, renunciou seu cargo porque se sentia cansado (já estava com a idade avançada e não tinha mais tanta disponibilidade para os movimentos que o cargo exigia). A tarefa de liderança foi repassada para o senhor Enedino Macuxi, que em sua gestão concretizou a homologação, porém seguindo um planejamento totalmente diferente do curso esperado.

A Terra foi demarcada entre 1975 e 1976 pela FUNAI, na gestão do tuxaua Constantino Trindade Macuxi. Sua homologação ocorreu em 07 de fevereiro de 1982, sendo divulgada no Diário Oficial da União no dia 16 de fevereiro de 1982, na gestão do tuxaua Enedino Macuxi (TRINDADE, 2010).

1.1 COMUNIDADE INDÍGENA MANOÁ E SUA FORMAÇÃO

As informações desta primeira parte são fragmentos de um estudo etnográfico conforme pesquisas realizadas por outros que passaram pela região estudando e de conversas informais com pessoas da comunidade que serão apresentadas como referências humanas sobre a comunidade Manoá. Conhecimentos como a localização e características geográficas, etnias e famílias linguísticas, relatos da história desses povos, modo de vida e organização social são dados das pessoas que habitam a região e a comunidade.

Manoá tem aproximadamente uma população de mais de 1000 habitantes, segundo o censo do posto de saúde da comunidade de 2019. Novo Paraíso fica numa distância de 15 km, também pertence ao Manoá, e conta no total de habitantes. Nesse levantamento eles também incluíram os não indígenas, que vieram de outros estados do Brasil, como Maranhão, Ceará e Goiás, e que formaram famílias, agora com a demanda de venezuelanos, temos também a presença de dois na comunidade.

Segundo pesquisa realizada por Viriato (2008), os primeiros desbravadores Macuxis nômades se apossaram do lugar por ser uma área de florestas e igarapés com muita fartura de caça e pesca. Porém, pela falta de conhecimento da região, principalmente dos lagos e igarapés, além dos animais ferozes que habitavam os lagos, os indígenas acabavam morrendo, pois acreditavam que o lugar guardava um segredo da natureza.

Foi assim que aquela terra passou a ser um lugar temido por todos. E por causa das mortes, os lagos recebem nomes de acordo com os animais que eram considerados responsáveis pelas mortes. O Lago do Boi, e o Lago da Onça, por exemplo, eram considerados os mais perigosos, pois os moradores acreditavam que neles habitava tais animais míticos extremamente selvagens que quando insultados ou explorados de maneira indevida castigavam fazendo com que, quem os contrariasse, pagasse com a própria vida.

Quem lidava com isso era o pajé, muitos indígenas que habitavam aquela região foram “castigados” até chegar um grande líder guerreiro chamado Tapaiúna Macuxi, que também era um xamã muito considerado que aprisionou esses animais para que as pessoas pudessem pescar e caçar sem medo.

Na medida em que os indígenas conseguiam prender todos os animais ferozes da região outros grupos foram chegando das Serras e da Guiana Inglesa para se instalar

com os que já habitavam a região. Como não havia interferência entre as fronteiras, o povo indígena transitava livremente entre o Brasil e a Guiana. (VIRIATO,2008)

“Até hoje esses animais estão lá no fundo dos lagos amarrados, nós não podemos brincar muito com eles, nem jogar pimenta na água, porque pimenta os atíça como eles não podem sair, eles invocam o deus deles chamando chuva, vento, trovão com muitos raios, uma forma de dizer que eles estão ali, a pessoa fica com medo desnorreados e acabam caindo na água e morrendo afogado” **(Depoimento do Srº. Faustino da Silva Macuxi).**

Outro momento histórico da comunidade, lembrado por alguns moradores que ainda estão vivos, é a terrível epidemia, que ocorreu devido aos primeiros contatos com não indígena, conhecida por poucos na época como sarampo, pois era uma doença desconhecida e os pajés não sabiam curar, por causa disso muita gente acabou morrendo.

“Morria gente todo dia, quem pegava essa doença era difícil se curar, o único jeito era fazer banho com casca de mato para sarar as feridas que saía no corpo, era um sofrimento que só quem passou por isso sabe, colocavam as pessoas para dormir encima da folha de bananeira, porque não dava para dormir na rede, a salmoura que escorria do corpo grudava na roupa e lençol, por isso que ficaram deitados na folha de bananeira. Às vezes a família toda da mesma casa pegava a doença e não tinha como um cuidar do outro, o que era mais fraco morria.” Isso era muito triste, diz dona Demilza da Silva Trindade Macuxi, lembrando-se de relatos de sua mãe Tetulina Salvador da Silva que presenciou o acontecido. Nesse período mais da metade da população morreu, restando algumas famílias que continuaram morando no local e outros que foram morar em lugares vizinhos com medo da doença. **(Em entrevista: Demilza da Silva Trindade)**

Para o pequeno grupo do povo Wapichana, ocupava o local na época, o povo Macuxi, foi castigado por ter violado as leis da natureza. Embora fosse um lugar terrível, o povo Wapichana que chegou para morar nesse local, era a minoria, chamavam a região de “lugar proibido” por ser um lugar que guardava segredos. Para os Macuxi era um lugar tentador para se viver, porém perigoso. E foi assim que os Wapichana denominaram a terra de “Mana Wa’ú”, que quer dizer “lugar perigoso”. (VIARIATO, 2008)

Mais tarde o lugar passou a se chamar de “Mana Way” para “Manauwa”, justamente por não conseguirem pronunciar o “Wa’y”. Nos anos 60, os membros da comunidade procuraram saber o significado da palavra “Manawa’y”, era uma palavra Wapichana e tinha o significado de lugar perigoso. Os macuxis do mesmo local, que eram mais envolvidos com missionários e padres, analisaram e concluíram que o lugar apresentava belas paisagens e fartura e por isso o lugar passou a ser chamado de “Manoá”, nome bíblico dado pela influência das missões religiosas da época. (DOUGLAS, 2008)

O nome “Manawa’y” sofreu várias alterações ao longo da história. De Mana Wa’y para Manawá e desse para Manoá, o qual foi registrado pelos agentes da FUNAI. Atualmente Manoá, é nome registrado pelos missionários, e usado na área da saúde e Manauá, nome registrado pela secretaria de educação, ambos, tanto Manoá como Manauá são aceitos. Porém, na comunidade, o nome de maior aceitação é o Manoá.

Atualmente as fronteiras étnicas na comunidade indígena Manoá são constituídas de várias etnias em função de arranjos residenciais entre parentes integradas por homens e mulheres em diferentes procedências. “Há agrupamentos compostos por famílias extensas e mistas, entre Macuxi e Wapichana, e os que não se misturam, como Macuxi que só se casam com Macuxi, e Wapichana que só se casam com Wapichana como também tem a integração de outros indígenas como Wai Wai e Yanomami e “brancos” dentro da comunidade” esta fala é do professor e do diretor da escola estadual Alan Douglas em uma conversa informal sobre os povos que existem da comunidade.



(Foto retirada em drone em 2018 doada pelo fotógrafo Robson Laia da Comunidade Manoá)

1.2 COMUNIDADE E FORMAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS

Sobre a estrutura organizacional social, Manoá é uma comunidade composta pelo primeiro tuxaua que é o líder máximo, o vice-tuxaua que responde na ausência do primeiro, capatazes que são responsáveis pelos trabalhos comunitários, conselheiros

formados por aqueles que um dia já passaram por algum tipo de cargo de liderança, considerados experientes ou aptos para colaborar nas decisões da comunidade como tais. Fazem parte dessas lideranças professores agentes de saúde indígena, os homens, as mulheres e os jovens a partir de 14 anos, pois estes podem dar opiniões, propostas, e votar nas tomadas de decisões dentro da comunidade.

Todos os cargos constituem um sistema de diversas lideranças dentro da comunidade que são eleitos na assembleia comunitária. Além dessa organização de liderança local, o Manoá também conta com representantes locais no Conselho Indígena de Roraima (CIR), da Organização dos Professores indígenas de Roraima (OPIRR), e da Organização das Mulheres Indígenas de Roraima (OMIRR), organizações maiores em nível estadual, mas que contribuem com a organização local.

As assembleias comunitárias acontecem uma vez ao mês, onde são avaliados os serviços na comunidade, dentre eles, temas como educação, saúde, segurança, lazer e outros mais que envolvam a qualidade de vida da comunidade. Esses encontros acontecem no centro comunitário, chamado de “malocão”, que é utilizado para festas comunitárias, encontros e reuniões comandadas geralmente pelos líderes para resolver assuntos do cotidiano.

“O malocão, é o espaço comunitário usado pela população geral, se reúnem para realizar diversas atividades como festejos comunitários, reuniões, aniversários, e outros eventos de interesse comunitário, a expressão que já é usada a bastante tempo reafirma a ideia de comunidade unida, onde há uma atmosfera de mutualidade. Que vem de algo como comum dentro da localidade e caracterizado principalmente pela segunda palavra que é unidade. É construído no centro da comunidade, para ser um lugar de cerimônias, onde constantemente as pessoas da comunidade se auto afirmam como “parente” e vivem como irmãos.” **(Professor Jonatas Simplicio)**

Todo o contexto de formação social dos jovens se faz presente tanto na colaboração, quanto na elaboração de costumes, culturas, crenças e outros fatores que acontecem conforme o ambiente que o cerca. Stuart Hall em seu livro *A identidade cultural na pós modernidade* fala que “a identidade se torna uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação as formas dos quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam, é definida historicamente e não biologicamente.” (Hall, 2006 p.13).

Esclarecendo as atividades relacionadas a espaço territorial e social dentro da perspectiva de educação no contexto sociedade-natureza Gasché (2008) que nos referenda com suas experiências com a sociedade Bosquesina, diz que podemos entender a cultura a partir das atividades sociais que as pessoas realizam, do que elas fazem, como fazem em que tempo em que espaço, pois a cultura é contextualizada na

vivência das pessoas. Portanto a cultura é dinâmica, as pessoas ressignificam os elementos que fazem parte da dimensão material e simbólica para atender suas necessidades.

Manoá incorpora ao seu contexto de vida atual uma mistura entre o velho e o novo. Para nos ajudar na maneira de pensar e chegar a um entendimento sobre como a comunidade se organiza com os jovens, é preciso dizer que antes não existia a figura do Tuxaua, os cargos de chefia eram repassados de pai para filho, hereditariamente, os pajés, as mulheres e os homens que repassavam os valores e os princípios a serem seguidos por suas gerações.

No Manoá este personagem aparece nos anos 60, com o senhor Angélico, já refletindo a ação do órgão indigenista de Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Nomeados por eles, naquela época, o tuxaua e os capatazes eram mais um representante do SPI, entre os índios, um “vigilante”, e não um representante pleno dos indígenas. Aos poucos o tuxaua foi sendo reconhecido como um legítimo representante da comunidade. Mas, para isso, a comunidade gerou um novo modelo de organização que é como atualmente a comunidade se organiza. (DOUGLAS, 2008)

No Manoá as relações sociais são dinâmicas, no sentido da interação entre os grupos sociais e as instituições presentes na comunidade, como as igrejas, escolas e outros que se encontram dentro dessa mesma sociedade indígena.

Na comunidade todos tem o mesmo direito, recebem o mesmo tratamento, é claro que as normas são colocadas com o consentimento de todos, definidas na reunião comunitária através de regimento interno.

A formação social é simples, porém dividida em três pontos estratégicos, usada como forma de defesa de uma possível invasão da terra ou de exploração indevida ao meio ambiente, ou ainda, como algum perigo que pode ocorrer com a concentração maior de pessoas no centro da comunidade.

A coletividade é exercida nos serviços comunitários, na limpeza, em reparos no retiro da comunidade (uma mini fazenda comunitária), em atividades, onde se dividem em grupos e fazem seus trabalhos conforme a necessidade e/ou em eventuais serviços de interesse, em todas essas atividades os jovens a partir dos 12 anos já são envolvidos e as tarefas são divididas conforme a sua capacidade de trabalho dentro do grupo.

Uma das figuras mais importantes dentro da organização social da comunidade, é a figura do tuxaua, que tem a função administrativa e de liderança de seu povo nos amplos aspectos da vida social, como garantir as necessidades básicas para que haja um

bom funcionamento da sociedade local, ele é um administrador que recebe todas as informações existentes na comunidade, que envolve todos, mesmo que algo aconteça fora, mas se alguém da comunidade estiver envolvido é o tuxaua que toma todas decisões necessárias, juntamente com seu grupo de trabalho e gestão.

Ainda dentro da situação social há varias relações de convívio interpessoal, que vai desde a atividade que envolve a quadra de esportes, como jogar futsal, o campo de futebol, campeonatos, festejos, encontros religiosos envolvendo homens e mulheres, crianças, jovens ou senhores (as), os que não participam diretamente, estão na indireta como telespectadores, pois na comunidade atividades sociais todos se envolvem nas atividades sociais.

Enfim a comunidade Manoá tem sua própria característica, é um povo hospitaleiro, que recebe todos os anos pessoas de outras localidades, tanto do estado de Roraima, como de outros estados brasileiros, e também da Guiana Inglesa.

Quem deseja fazer parte da comunidade pede moradia em uma reunião ordinária, que acontece uma vez por mês, e dizem o porquê da intenção na escolha do lugar, a maioria tem sido aprovada por causa de suas justificativas, mas ficam dois anos em observação para não fazer ou cometer nenhuma fraude, passado esse período a pessoa pode construir e se apropriar de um espaço para se fixar dentro da comunidade como legitimo morador.

Os jovens estão relacionados nesse processo de organização como observadores e participantes de todo o processo de aprendizagem de convívio e como se organiza a sociedade local, dando suas opiniões em reunião comunitária ou em grupos de igreja ou na escola.

1.2 ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA, POLÍTICA E SOCIAL DA COMUNIDADE INDÍGENA MANOÁ

No contexto socioeconômico, a comunidade indígena Manoá tem como principal base de sustentação a agricultura familiar ligada à produção de farinha (sua principal fonte de subsistência), a pecuária bovina, atualmente com aproximadamente 400 (quatrocentas) cabeças de gado, e um pequeno extrativismo vegetal e animal somente para o consumo das famílias, que com sua venda ou troca, produz um pequeno capital financeiro, agregado aos proventos dos professores, dos agentes de saúde aposentados e

dos beneficiários de programas sociais do governo estadual e federal, movimentam a economia local.

A criação de gado é comunitária, qualquer pessoa da comunidade, exceto aquelas com cargos públicos, pode se candidatar para ser cuidador (fazendeiro), sendo que a cada semestre este tem que se fazer uma prestação de conta juto a comunidade, pois esta participa pagando os gastos da fazenda. O gado é uma fonte de renda e alimentação, quando ocorre uma comemoração ou evento dentro da comunidade, quando uma pessoa ou família passa por uma situação financeira delicada, ou até mesmo durante um período de cuidado com a saúde, é doado um animal para ajudar nos gastos, ou quando a comunidade precisa para compras de materiais e manutenção de equipamentos agrícolas como trator e caminhão que dão suporte na agricultura.

As questões ambientais, por consequência das atividades feitas pelos moradores na área da comunidade Manoá, vêm apresentando um efeito negativo, principalmente nos meses de dezembro à março (período seco), quando a vegetação sofre com queimadas e desmatamentos e construções de roças, os igarapés secam, tornando a pesca e a caça cada vez mais difícil. Nas roças tradicionais o povo normalmente planta mandioca, macaxeira, milho, feijão, batata, amendoim, banana, abóbora, melancia, mamão e pimenta, que são os principais produtos de subsistência familiar na comunidade.

Outra maneira que o povo tem de acrescentar essa produção é por meio da criação doméstica de galinha, pato, picote, peru, porco e carneiro nos quintais de casa ou em pequenos sítios afastados do centro da comunidade, uma maneira também de evitar possíveis furtos de animais por parte de alguns que não criam animais, mas os consomem clandestinamente. No entanto, mesmo com esse cuidado, os criadores sempre têm reclamado sobre desse problema social com o tuxaua, que é informado de tudo que acontece na comunidade e junto ao conselho comunitário, ele é o delegado e o juiz.

A estrutura organizacional e administrativa da comunidade é composta pelo tuxaua, vice-tuxaua, conselheiros, secretario comunitário, tesoureiro, capatazes, grupo tático de vigilância, professores e agentes de saúde. Cada um compõe um grupo de trabalho para realizar as atividades anuais da comunidade. O plano de ação é feito em reuniões ordinárias, onde tratam somente das atividades do ano, isso geralmente é feito no período de dois a três meses antes de finalizar um ano, como por exemplo, nos meses de outubro ou novembro.

A Organização dos Professores Indígenas (OPIRR), o Conselho Indígena de Roraima (CIR), e a Organização das Mulheres Indígenas de Roraima (OMIR), tem uma relação de apoio recíproco em prol do fortalecimento do movimento indígena. Algumas instituições, como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), estão sempre presentes na comunidade, orientando, tirando documento e fazendo outros serviços que alguns comunitários não têm como fazer na cidade, outra instituição que está presente 24 horas por dia é a ELETROBRAS, que faz a fiscalização, o abastecimento de energia elétrica, através do consumo, cortes e cobranças em residências que são atendidas pela própria empresa.

Os representantes da comunidade são escolhidos por meio de uma assembleia geral interna, que acontece no mês de março ou abril, quando é concluído o período de dois anos de mandato ou quando a comunidade avaliar que o líder não está fazendo um bom trabalho com a sociedade local.

Neste dia são avaliados os trabalhos da escola, igreja e saúde, trabalhos individuais e comunitários, principalmente o das pessoas que ficaram à frente destes trabalhos durante aquele período. Nessa avaliação pode ocorrer que algum desses líderes desista do cargo e faça a entrega do mesmo perante a comunidade, ou a própria comunidade se reúne para retirar do cargo por meio de votação, outras vezes eles são reconduzidos aos cargos pela própria comunidade, lembrando que estas pessoas representam a comunidade sem nenhum tipo de remuneração.

Então quando um tuxaua entrega o cargo pelo cansaço do trabalho, ou por pressão das cobranças que este cargo exige, nestas assembleias comunitárias, novos nomes que vão para a votação são indicados, quem pode participar deste ato democrático na comunidade são jovens a partir de 16 anos, homens, mulheres, pais de família e anciões, quem é visitante e morador de outra comunidade não pode votar ou se candidatar para tal cargo. Repetto esclarece melhor o funcionamento desta organização.

Às vezes os membros das comunidades distinguem lideranças que lidam melhor com as questões do mundo externo de outras que lidam melhor com as questões internas. De qualquer maneira, por estar à frente das atividades o tuxaua deve ser referendado periodicamente. Dependendo da comunidade o cargo de tuxaua pode durar dois ou muitos anos, segundo o prestígio e reconhecimento perante a comunidade (REPETTO, 2008, p. 117).

Gasché também fala das experiências dos princípios da democracia ativa em seu livro sociedade Bosquesina, a qual ele observou por bastante tempo e relaciona com o que é vivenciado por esses líderes indígenas quando são escolhidos.

Su experiência prática es la de la vivencia diária; ella “llena el tempo vivencial”. Com libertad personal, respeto del outro y gestos de reciprocidade

y generosidade que cumplen com la exigência de igualdad y justicia, [...]. Es de notar que los principios que sustentam la democracia activa no son temas de debate, no son cuestionados, ni siquiera mencionados por los bosquesinos; no son temas de una afirmación discursiva positiva, salvo cuándo una persona no los respeta y se conduce manifiestamente em desconformidade com estos principios (gasché e mendonza, 2011, p.171).

As lideranças escolhidas têm como missão dar continuidade aos trabalhos internos da comunidade e fazer a representação dos mesmos nos órgãos governamentais, não governamentais e nas organizações indígenas regionais, estaduais, nacionais e até internacionais, quando for preciso.

Manoá atualmente tem como tuxaua, Sr. José Rodrigo dos santos que é o líder máximo eleito em Agosto de 2020, filho de branco com índia, mas se identifica como macuxi, cresceu na comunidade, mas devido a profissão do pai que era caminhoneiro passou o período da adolescência fora da comunidade, com 19 anos voltou à comunidade casou-se com índia wapichana onde reside até os dias atuais, o vice tuxaua é o Sr. Ronaldo da silva nascido e crescido dentro da comunidade índio macuxi casado com índia wapichana.

O contexto de vida atual da comunidade é uma mistura entre o velho e o novo. Um exemplo disso são as estruturas habitacionais da comunidade que aos poucos foram sendo substituídas por materiais de construções comprados na cidade e não fabricados artesanalmente, embora ainda seja possível encontrar bioconstruções. Outro exemplo dessa incorporação de costumes está no centro da comunidade, que recebe o fornecimento tanto de energia elétrica, como também de água encanada, que abastece o centro e o entorno, e nestes últimos dois anos há instalação de rede wifi particular em quase todas as casas e uma rua asfaltada.



Fotografo Desconhecido - Imagem da Comunidade Manoá 2020

Existem pequenos estabelecimentos comerciais espalhados pela comunidade para a compra de produtos industrializados de necessidade que o povo precisa, evitando assim algumas viagens desnecessárias à cidade. A comunidade também é assistida pelo DSEI LESTE em parceria com a SESAI. O posto médico é composto por duas equipes multidisciplinares uma volante que passa dez dias e uma fixa que passa vinte dias em área, as mesmas trocam escalas nesses períodos, esta é composta por médico, técnicos em enfermagem, enfermeiros, dentista, psicólogo, assistente odontológico, vacinador e motorista da empresa ASATUR que é para locomoção de pacientes sem estado grave de saúde para hospitais especializados na cidade, além dos Agentes Indígenas de Saúde (AIS), Agentes Indígenas de Saneamento e Meio Ambiente (AISAM).

O trabalho da equipe de saúde é cadastrar as famílias, imunizar a população, fazer acompanhamento das gestantes, cuidar da saúde bucal, monitorar o desenvolvimento das crianças e fazer as visitas domiciliares cuidando da saúde local.

As lideranças comunitárias contribuem com a organização da comunidade para que possam planejar e obter resultados nos trabalhos que são realizados durante o ano.

Os trabalhos se dividem em individuais e coletivos, os individuais são nas roças das famílias e nas produções que cada família faz durante o ano, os coletivos são os que são realizados pelos grupos comunitários, como atividades nas fazendas, retirada de palhas de buriti ou najá para a construção das casas de apoio, retirada de madeira ou construção da roça comunitária e outros que surgem no decorrer das atividades cotidianas da comunidade.

A reunião de planejamento e a avaliação são realizadas no quarto bimestre, onde são convidados todos os membros comunitários, ou seja, todas as famílias. Nesse planejamento se dá o prosseguimento das atividades que são vistas como prioridades do ano anterior, como farão para melhorar no ano posterior e outros assuntos que entram na pauta para discussão e aprovação por todos os membros da comunidade.

É a partir dessas reuniões comunitárias que se constrói o calendário das atividades para dar prosseguimento das ações e também para se escolher os nomes dos coordenadores para cada evento.

Esses são os que convocam as pessoas que irão participar dos trabalhos, isso acontece por que existem trabalhos que só os homens adultos fazem e outros que são atividades das mulheres adultas, os jovens e as crianças são inseridos conforme a participação de seus pais.

As lideranças citadas trabalham de forma democrática, compartilhando tudo que acontece dentro da comunidade, ouvindo e buscando alternativas para as ações que ocorrem no cotidiano comunitário visando sempre à melhoria e o desenvolvimento da comunidade, dessa forma a comunidade Manoá se organiza de acordo com os costumes tradicionais, compartilhando conhecimento e interagindo um com o outro, pois segundo Bertely essa forma de organização é um exemplo de democracia.

La sociedad indígena es ejemplo de un tipo de democracia activa y solidaria cuyo rasgo genérico se determinan por la vigencia de lazos de parentesco, en menor medida de vinculación. Por motivo, estamos de acuerdo en que el parentesco:

- Configura los vínculos intra e intercomunales;
- Define los derechos y las obligaciones económicas, sociales y culturales entre parentes;
- Norma los comportamientos y conductas específicas que relacionan a las personas entre sí (BERTELY, 2008, P.38).

Como qualquer lugar a comunidade Manoá se modifica a cada ano, parte física, economia, atividades, meios de convivências, educação indígena, educação escolar enfim todos os anos constrói-se algo novo ou diferente na comunidade.

Os moradores de Manoá tem um estilo de vida que varia entre os costumes locais indígenas e os costumes que aos poucos foram levados e deixados pelo contato interétnico. Eles têm tanta ligação com os igarapés, as matas, e as atividades relacionadas a terra quanto com os aparelhos eletrônicos e as facilidades urbanas.

Alguns valores culturais ainda se mantem vivos na comunidade, como o modo de se organizar, as relações sociais, políticas, econômicas e culturais, o trabalho em grupo, como a pesca e a caça, são feitas entre famílias ou individuais, o preparo das roças é feito em grupo, as reuniões acontecem em assembleia para resolver e tomar decisões, e ainda temos dois pajés dentro da comunidade que curam as doenças através das rezas tradicionais. As doenças mais comuns que os pajés curam é susto, quebrante e ferida, ou algum tipo de doença que não são diagnosticadas por médicos usam em suas rezas algumas ervas medicinais retiradas diretamente da natureza.

A comunidade também pratica atividades na agricultura, por parte da maioria dos moradores, alguns professores e agentes de saúde não trabalham na agricultura, ou seja, na roça, mas há outros que nunca deixaram os costumes que aprenderam com seus pais e avós.

. O produto mais cultivado é a mandioca, tanto para a subsistência como para o comércio, pois dela são produzidos os derivados como farinha, beijú, tapioca e pajuaru, que são alimentos que estão na mesa do povo da comunidade diariamente. A bebida

fermentada (pajuarú com mais de três dias coado) é a que mais é usada para o trabalho comunitário coletivo, uma atividade rotineira da comunidade que é chamado de ajurí (quando se reúnem para fazer um trabalho de uma família tomando o pajuarú).

Todos os produtos da comunidade servem para suprir as necessidades internas e pessoais, que são usadas ou vendidas, dentro da comunidade ou fora em feiras, como na capital ou no município, por exemplo, onde estes produtos naturais são trocados e vendidos por materiais e alimentos ou mesmo por valores em espécie.

Os professores tem grande contribuição nas orientações sobre meio ambiente, saúde e na formação da sociedade. Através das práticas que a comunidade vivencia, eles procuram preparar os jovens para interagir no meio familiar e social, para que eles se formem, de modo que cada cidadão possa ter a preparação crítica diante da sociedade atual. Dessa forma trabalham com uma proposta de integração dos conhecimentos indígenas com os conhecimentos científicos.

Sabemos que tudo que está ao nosso redor pode ser aproveitado, como o modo de aprendizado científico e cultural. Segundo Leontiev (1978), a educação é um processo de internalização e de apropriação da cultura produzida historicamente. Para o autor, a escola é uma via importante pela qual a criança experimenta um conjunto de vivências diferenciadas do contexto cotidiano, o que possibilita a apropriação do conhecimento científico. (EL-HUSNY,2003P.67).

1.4 EDUCAÇÃO ESCOLAR NO MANOÁ

Atualmente a comunidade indígena Manoá possui duas escolas, uma estadual e uma municipal, a principal e pioneira delas é a Escola Estadual Indígena Nossa Senhora da Consolata, localizada no centro da comunidade, A escola surgiu nos anos 1960 com a necessidade de escolarização do povo que vivia na localidade. Na escola estão matriculados atualmente 360 alunos do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos), onde trabalharam 32 professores no ano de 2020.

No início a escola foi construída de palha, com paredes de adobe e com um único compartimento para apenas um professor e seus alunos, feita pela própria comunidade. A Escola Estadual Indígena Nossa Senhora da Consolata foi reconhecida pelo Decreto nº 115/7 durante a gestão do governador Hélio Campos. Até então era uma

escola construída pelos moradores da comunidade Manoá. E em 1980, o governo do Estado construiu uma escola de alvenaria. (DOUGLAS, 2008)

Desde o seu surgimento a escola teve apenas seis gestores. O primeiro foi o professor José Antônio. e na sequência vieram: Elizabeth Figueiredo, Odinéia João da Silva, Jaime Jerônimo Raposo e Alan Douglas. O primeiro professor foi o senhor Alfredo Nazareno que veio para a comunidade por intermédio dos padres do Centro de Formação Indígena do Surumú, na época, como professor e responsável pela escola.

Atualmente a escola é composta por dois pavilhões, com sete salas de aula, uma diretoria e uma copa. Há também uma bateria de banheiros, quatro masculinos e quatro femininos. As salas são amplas, mas não oferecem conforto aos alunos. A biblioteca, improvisada, fica dentro da sala dos professores, que é também a sala de informática e sala de vídeo. É praticamente uma sala quatro em uma.

Os livros vêm para a escola através do convênio do Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD). Há uma discussão desde 2005 entre professores, alunos, pais e responsáveis sobre os livros didáticos enviados pela Secretaria de Educação. Alguns professores utilizam os livros, mas antes fazem a comparação com a realidade local.

A merenda escolar também é enviada pela Secretaria de Educação. A escola compra merenda escolar, através do programa agricultura familiar do governo federal, os responsáveis pela escola recebem diversos gêneros alimentícios dos moradores da comunidade que são cadastrados no programa, como carne, peixe, legumes, hortaliças e farinha. Isso foi bom para os alunos que puderam se alimentavam conforme a sua própria cultura, como garantiu os direitos dos povos indígenas e ajudou a gerar renda entre os moradores da comunidade.

Apesar das dificuldades a educação em si, aplicada na escola, tem sido avaliada pelos professores e alguns pais como boa, pois, todos os anos alunos são aprovados em vestibulares na capital e Universidades Federal e Estadual, Instituto Federal no município de Bonfim, onde também já foi implantada uma faculdade. Além de alunos que representam a escola dentro e fora do estado em conferências relacionado à educação onde passam por treinamentos e orientações na escola.

Enfim, a educação indígena na comunidade Manoá em partes precisa ser mais bem pensada, analisada, praticada de forma tal que os jovens possam aproveitar com mais dignidade seus valores, crenças e culturas, ou seja, permitindo que eles passem a gostar da atividade que praticam todos os dias, que é estudar.

A escola também vem desenvolvendo pequenos projetos importantes na formação dos estudantes, como: roça escolar, música e danças indígenas, palestras educativas e de saúde, em parceria com a equipe de saúde local e de artesanato, com alunos do 6º ano do ensino médio, e EJA (Educação de Jovens e Adultos), estes conhecimentos trazem uma nova maneira de os jovens lidar com a realidade, pois nem todos conseguem cursar uma faculdade, então estes abrem portas para lidar com o comércio com a agricultura de forma mais específica com os conhecimentos adquiridos na escola e com o convívio da família.

Todas as atividades desenvolvidas no projeto, através da escola e comunidade, têm o objetivo de fortalecer os conhecimentos indígenas, aprofundar os conhecimentos escolares no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, trabalhando a interculturalidade inserindo o método indutivo intercultural, preparando-os para sua participação integral na vida familiar e comunitária, em seus aspectos socioculturais e produtivos, políticos e organizativos, assim como em qualquer sociedade humana.

Um dos problemas que a escola tem enfrentado são os alunos ditos “rebeldes”, que muitas vezes atrapalham as aulas, são alunos que deixam de assistir a aula para ficar na quadra esportiva ou saem da sala simplesmente pelo gosto de estar ou se sentir livre.

Isso tem preocupado os agentes formadores de opiniões (professores), que buscam alternativas como palestras, todas as sextas-feiras, com vários temas, entre eles: O que é ter determinação? O que é ser cidadão? Os direitos e deveres que temos, marginalidade, cultura, convívio em sociedade, aceitação, responsabilidade, compromisso e outros, estas são realizadas na própria quadra poliesportiva antes do início das aulas em sala de aula, alguns jovens têm buscado os palestrantes do dia que são os próprios professores para poder dizer o quanto as palavras são importantes, que tocou no coração de alguma maneira, que tudo que foi falado parece que era para pessoa, e isso tem mudado algumas atitudes de alguns jovens.

Observamos que depois das palestras alguns alunos mudaram as atitudes, pois antes praticavam vandalismo contra o próprio patrimônio da comunidade como a escola, a quadra poliesportiva e o malocção comunitário. Os pais agora comentam que os seus filhos têm obedecido mais e, em casa, tem colaborado com as atividades, que ficaram mais dedicados com o estudo e com outras atividades cotidianas. Isso vem mostrando um ponto positivo com alguns jovens.

A gestão da comunidade também tem colaborado para esse desempenho dos jovens, colocando no regimento interno o toque de recolher, que serve para reger o

horário de das pessoas que fazem barulho até altas horas da noite, principalmente dos jovens que em todas as partes estão envolvidos, isso tem sido um ponto positivo na sala de aula, pois os alunos dormem mais cedo e conseqüentemente tem mais disposição para o estudo no dia seguinte.

Na escola são realizadas reuniões pedagógicas, ordinárias ou extraordinárias para debatermos assuntos internos sobre os alunos, professores e decidir como fazer uma educação melhor na escola e na comunidade.

Acredito que a gestão atual faz os tipos de gestão necessária para cada momento, às vezes, ela é centralizadora, ao decidir tomar decisões quando está sozinha. Ela também é democrática, quando faz reuniões, ouve a opinião de todos que se fazem presentes e depois toma uma decisão a partir da decisão da maioria.

Atualmente, neste ano de 2020, devido à pandemia do covid-19, a escola e a comunidade pararam com algumas atividades que aglomeram pessoas, o que é estranho e muito raro dentro dos costumes da população local pois, gostam de estarem sempre reunidos tomando decisões e fazendo eventos, o que é normal dentro de comunidades indígenas.

A comunidade parou por um tempo, com medo da doença que vem com o vento, muitos não saiam de suas casas, os poucos que saiam para fazer compras na cidade ou em vilas próximas a comunidade contraíram a doença, tendo 70% (setenta por cento) das pessoas da comunidade sintomáticas, 17 (dezessete) casos confirmados, e 4 (quatro) mortes de anciões que não saiam de suas casas, mas contraíram a doença através dos filhos e netos ou de outras pessoas que saíam em busca de alimento fora da comunidade com que tiveram contato.

A porcentagem de casos na comunidade cresceu devido à aglomeração que ocorreu por causa das reuniões e em meio à crise da pandemia, precisou trocar de tuxaua, pois no auge da crise da doença houve um ocorrido dentro da comunidade que não agradou a alguns moradores. Então se formaram dois grupos rivais dentro da comunidade, os que apoiavam a gestão que estava no poder, e os que queriam mudança devido a alguns entraves ocorridos entre moradores por parte da segurança comunitária.

Com o ocorrido e o que a comunidade já apresentava se tornou mais interessante, pois, se tratou diretamente sobre o tema da pesquisa que é sobre a formação social, onde os jovens também estavam envolvidos o que pensavam e o papel deles para toda uma mudança foi fundamental e principalmente a concretização do resultado final.

Junto ao problema mundial que acontecia fora e dentro da comunidade, que foi a pandemia do corona vírus a mudança de gestão em meio a uma confusão e decisão social comunitária, as famílias que com medo não sabiam se saiam de casa para reivindicar os direitos os se ficavam em casa aguardando uma resposta sobre a decisão da maioria que era a troca de tuxaua um ato importante que todos fazem questão de se fazer presente.

Foi um período de sufoco entre os meses de abril a julho de dois mil e vinte, para equipe de saúde e para as pessoas da comunidade que com tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo, senhores, senhoras jovens e principalmente crianças e os anciões vulneráveis a uma doença desconhecida que não sabiam como tratar, em meio a isso um problema social de saúde e de convivência a resolver, momentos que só quem presenciou pode relatar.

“Tem que resolver logo essa questão de liderança, ate quando nós vamos viver brigando por causa de poder, por causa dessa multidão de gente tudo junto, nosso povo tá ficando doente de uma doença que ninguém conhece que não sabe como curar, se for pra trocar de tuxaua troca hoje, se não for permanece o que está, mas vamos parar de brigar, se não nós todos vamos morrer e não vai ficar ninguém pra contar nossa historia”. **(Senhora Luana Pito em voz alta e lagrimas em reunião faz sua reivindicação e desabafo diante de todos os presentes no ano de 2020).**

Diante do ocorrido FUNAI e CIR intermediaram a reunião que aconteceu a troca de tuxaua em agosto de dois mil e vinte que amenizou a doença e tranquilizou a população local, onde a maioria dos votos foi dos jovens mostrando pela primeira vez que também poderiam fazer parte dos processos de mudanças e decisões dentro da comunidade.

2. FORMAÇÃO SOCIAL E CONHECIMENTOS CULTURAIS NA COMUNIDADE INDÍGENA MANOÁ.

2.1 FORMAÇÃO SOCIAL NA COMUNIDADE

Para falar de formação social reportamos ao pensamento vigotskiano, debatido no livro “A formação social da mente” (org. COLE; STEINER; SOUBERMAN, 2007). O pensamento de Vigotski seguiu a linha teórica de Marx e Engels, trazendo da teoria marxista o materialismo histórico, raiz de suas contribuições, ao dizer que, o ser humano aprende a partir de um processo de vida. Para ele, é através da ação humana, no meio social, criando signos, linguagens e instrumentos que sendo transmitidos vão se aperfeiçoando historicamente na sociedade, é por meio da realização de atividades

sociais que esse processo de formação é construído.

Com isso, para uma compreensão mais ampla relacionada à formação social adentramos na concepção de Vigotski, no mesmo livro citado a cima, onde ele explica que as origens sociais do ser humano ocorrem a partir da realização de atividades sociais que o indivíduo realiza. Desta forma, compreende-se então que é através da ação humana, da realização de atividades sociais, que se constitui processo de formação do sujeito.

Assim como os sistemas de instrumentos são criados pelas sociedades ao longo da história mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural, para Vygotsky a internalização dos sistemas de signos produzidos culturalmente provoca transformações comportamentais, neste sentido entendemos que a mudança individual tem sua raiz na cultura e na sociedade. Esse método é a junção de sociedade e cultura, a qual pode ser estudada como um processo em movimento e em mudanças. (COLE; SCRIBNER, 2007)

Neste sentido, compreender a formação social explicitada por Vigotski é compreender a formação do ser humano através da cultura e do contexto histórico no qual está inserido, o que chamamos de sociocultural, o instrumento de pesquisa é construído na medida em que é considerada indissociável a relação entre sociedade e natureza por utilizar como objeto de análise a relação entre a atividade humana e os indicadores da natureza: climáticos, vegetais, animais, astronômicos, socioambientais, rituais e produtivos. Dessa forma, o instrumento reflete a integração entre a atividade social humana e a natureza (VIGOTSKI, 2007; GASCHÉ; MENDONZA, 2012).

Com essa leitura, Jorge Gasché traz a proposta do Método Indutivo Intercultural, que surgiu a partir de experiências com professores e escolas indígenas subsidiando pesquisas da proposta educativa intercultural através do calendário cultural junto aos povos indígenas. Esta proposta parte do suposto teórico de que as sociedades da floresta Amazônica vivem num sistema de vida em que a cultura depende diretamente do meio ambiente no qual o grupo vive. (GASCHÉ, 2008)

O Método Indutivo Intercultural toma como ponto de partida a experiência empírica das pessoas para refletir criticamente o que é cultura, levantando um ponto de reflexão crítica sobre a produção de conhecimentos, buscando refletir sobre fatos observáveis na vida cotidiana das pessoas. No método, as atividades humanas são chamadas de atividades sociais. (REPETTO; SILVA, 2016)

As explicitações das atividades sociais dos povos indígenas da comunidade a serem estudadas se encaixam no Método Indutivo Intercultural, procuramos entender

principalmente o contexto histórico da comunidade e a relação cultural, hoje substituída pelos teóricos do método pela palavra “sociotureza”. Uma vez que a cultura responde diretamente pelo campo que envolve a sociedade e sua interação com a natureza (GASCHÉ; VELA MENDOZA, 2011).

Estas contribuições teóricas servem de base para a identificação das atividades dos sujeitos associados às práticas através da realização de atividades, por isso, estudar a formação social dos jovens com o viés do Método Indutivo Intercultural, poderá levar a compreensão destas sociedades e seus valores, considerando os processos de mudanças que acontecem na comunidade Manoá.

Para compreender o processo de formação social, principalmente dos jovens, que foi o foco desta pesquisa fizemos a identificação das atividades realizadas por eles na comunidade Manoá. Que atividades faziam anteriormente? O que fazem hoje? Que mudanças ocorreram com a chegada da energia e tecnologias que a comunidade usufrui atualmente? Como isso tem contribuído na formação de seus estudantes principalmente dos jovens?

Considerando que as pessoas se relacionam entre si e com a natureza, partimos do entendimento que os moradores se organizam em seus tempos e nos espaços que precisam, conforme suas necessidades e tomam como indicativos esses dois elementos para organizar suas atividades diárias, das mais específicas as mais grandiosas, sejam individuais ou as que envolvam outras pessoas da comunidade.

Atualmente, muitos não conseguem observar que é os jovens que fazem o conjunto de características de uma comunidade, reproduzindo as tradições, a religião, a culinária, a música, o modo de vestir, falar e outras maneiras de comportamento, como estão sempre atentas as novidades que surgem, podem até mudar o cotidiano de uma comunidade. Os adultos podem até citar as regras dos comportamentos sociais, ter os mais sábios conhecimentos, com relação à vida e a natureza, mas se esquecem de que muitos desses conhecimentos estão guardados em casa. E os jovens apresentam à sociedade o que aprendem ou o que querem aprender.

Entre os jovens, o que acontece em uma comunidade indígena, como principalmente o conhecimento cultural, perde o valor, quando não acreditam que uma moça no seu período menstrual não pode ir ao igarapé ou a roça devido ao que pode acontecer com ela, como, por exemplo, algum “bicho” pegar sua alma ou engravidar de algum animal silvestre ou mesmo adoecer e chegar a morte sem laudo médico para algum tipo de doença científica. O rapaz também desacredita na cultura quando os

anciões dizem que qualquer um pode ser tornar “panema” (aquele que tem dificuldade de matar, caçar ou pegar peixe, ou mesmo quando sua produção na agricultura não produz em abundância) quando ele dorme com uma mulher menstruada. Isso são conhecimentos indígenas que aos poucos vão se deixando de lado e esquecidos entre os jovens.

Para entender melhor toda essa diferença, essa troca, ou seja, o ponto de vista de interpretar situações cotidianas culturais na comunidade e toda essa modificação vamos aprofundar a pesquisa um pouco mais sobre o processo de formação social naquilo que se realiza hoje, analisando as atividades que se fazia antes, e o que se faz nos dias atuais, observando sempre a maneira que o jovem tem em tal conduta, tanto antes como agora.

Analisar e buscar entender estes conceitos implica em como inserir o conhecimento indígena na escola e como chamar a atenção do aluno para as análises das atividades sociais, ao final chegar a um conceito das preferências dos jovens indígenas quanto às escolhas das práticas profissionais e pessoais na sociedade. Estudando esses entraves presentes na comunidade, refletimos as diversas situações que vem afetando a população indígena local.

O jovem tem a curiosidade e está sempre atento às novidades que acontecem na comunidade e fora dela também, pois a comunidade tem essa facilidade devido às tecnologias como TV, internet e outros que já estão no meio social, essa vontade de estar sempre em busca de novas experiências é que traz para a comunidade uma nova identidade social.

Contudo, esta proposta na qual sistematizamos os conhecimentos a partir realidade da vivência, das situações concretas, do que os jovens fazem em seu cotidiano e de suas relações, entre si, e com a sociedade e a natureza, de reconhecer suas identidades, detectar as transformações ocorridas em suas identidades, decorrendo da influência da religião, do contato com não índio, assim como dos meios de comunicação social, se fazem necessários no convívio com a comunidade.

Diante de tal situação este presente trabalho também desenvolve uma análise de experiências específicas baseadas no Método Indutivo Intercultural (MII) no estado de Roraima, especificamente em apenas algumas escolas Indígenas. Esse método surgiu a partir de experiências inovadoras, implementadas a princípio no Peru, e consolidadas no México, e que subsidia, agora, ações educativas interculturais junto aos povos indígenas no Brasil, principalmente, nos estados de Minas Gerais, Bahia e Roraima.

Essa proposta levanta questionamentos ao uso oficial e comum, dado os debates acerca de interculturalidade, e pretende se reposicionar para uma proposta de reflexão crítica e de prática embasada na Teoria Histórico Cultural da Atividade, que se fundamenta na reflexão sobre as atividades e experiências vividas cotidianamente por povos indígenas, para fornecer elementos e repensar o papel dos diferentes conhecimentos inseridos na escola indígena, os quais apontam para possibilidades de ampliação, articulação e contraste entre os conhecimentos indígenas e os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

O estudo tem realização de experiências concretas de professores e estudantes indígenas que levantam uma reflexão crítica sobre a produção de conhecimentos e seu uso no processo educativo. Busca refletir sobre os fatos observáveis na vida cotidiana das pessoas, assim, é realizada a pesquisa colaborativa das atividades humanas como fatos particulares no próprio contexto.

No método, as atividades humanas são chamadas de atividades sociais. As pesquisas são empreendidas e experimentadas pelos professores e estudantes que buscam a colaboração das pessoas ‘mais velhas’ da comunidade para o *fazer* prático de dada atividade relevante que ocorre na comunidade.

Costumeiramente, as comunidades e povos indígenas transmitem seus conhecimentos e saberes pela oralidade, principalmente, no âmbito das escolas e eventos, comunicando e perpetuando a herança cultural de geração a geração. O grande investimento desta pesquisa é dar apoio à produção intelectual indígena, possibilitado a transmissão de suas heranças culturais por meio da escrita na produção de seus próprios currículos e metodologias de ensino, usando as atividades como materiais e instrumento didático-pedagógico para seu próprio conhecimento na escola indígena.

Com os dados da pesquisa colaborativa, podem-se extrair os conhecimentos indígenas que estavam implícitos nas atividades sociais. Em um momento posterior, esses conhecimentos são refletidos criticamente pelos envolvidos e também por pessoas interessadas no Método para explorar seu potencial.

Assim, as pesquisas das atividades começam a fazer parte das práticas pedagógicas dos professores, que carregam um potencial passível de incorporar nas propostas curriculares mais politizadas nas escolas indígenas. Deste modo educação indígena nas comunidades aplicadas através do método indutivo intercultural tem despertado uma série de discussões entre os mais conceituados autores e pesquisadores da área, que buscam questionar a incorporação de pressupostos curriculares para que

assim o ambiente escolar se torne favorável aos alunos de todos os grupos sociais, étnicos e culturais.

Verificar a importância da formação social dos jovens na comunidade indígena Manoá e o que a cultura traz para o processo de ensino aprendizagem, averiguar os pontos positivos que a cultura tem a oferecer a ao processo educacional, e conscientizar educadores e educandos da importância da cultura no processo de aprendizagem, é necessário.

Contudo trago registros do modo de convivência de viver de uma comunidade, em destaque a formação social dos jovens e as atividades que realizam em seus contextos cotidianos, é um meio de valorizar seus conhecimentos, e assim contribuir com seus projetos futuros, subsidiando a construção de proposta pedagógica nas escolas indígenas. Baseados em outros trabalhos nessa mesma linha de pesquisa, como o de Andrade (2016), que fala dos conhecimentos indígenas e do processo de formação social do jovem no contexto da comunidade Maruaí, na terra indígena São Marcos, e que teve um grande apoio nessa linha de pesquisa deste trabalho. Mas apesar de ser um trabalho parecido, trago realidades diferentes, pois cada comunidade tem suas particularidades.

Então analisamos as atividades sociais que são realizadas por jovens a fim e explicitar os conhecimentos indígenas e de como eles colaboram na formação social. Os autores que vamos citar neste trabalho, organizam seus conhecimentos a partir da vivência, de situações concretas, do que as pessoas fazem em seu cotidiano e de suas relações entre si e com a natureza.

As informações levantadas sobre as principais atividades sociais da comunidade e dos jovens foram colhidas durante as visitas e convivência com algumas pessoas da comunidade Manoá e durante uma oficina realizada sobre educação indígena, formação social e a reconstrução do calendário cultural da comunidade.

Na oficina tivemos como orientador, o professor da Universidade Federal de Roraima, Repetto e a minha pessoa como pesquisadora, no ano de 2019 com a participação dos professores e alunos do Ensino Médio. A oficina realizada com os alunos e professores nos permitiu compreender um pouco mais sobre método indutivo e os conhecimentos que estão presentes de forma implícita dentro das atividades da comunidade, pois a cada encontro e diálogo com relação à pesquisa aprendemos algo novo.

Aprendemos juntamente com o grupo um pouco mais a cada encontro, que o laboratório de socionaturais vivos nos permite perceber que, o que fazemos é apenas uma ponta do iceberg de uma grande pesquisa.

Os levantamentos das atividades significativas nos permitiram visualizar como os conhecimentos próprios, os valores e os processos de transmissão estão implícitos nas atividades que são realizadas por moradores, e a identificação das atividades nos possibilitou localizar os espaços e o tempo em que se realizam.

O conjunto de atividades sociais da comunidade realizados ao longo do ano foi sistematizado dentro do calendário que iremos identificar como calendário socionatural, por fazerem parte de um contexto da relação sociedade e natureza.

Nesta perspectiva cultural trazemos um novo conceito de educação para a sociedade, onde ele traz um método de aprendizagem ligado aos conhecimentos da natureza e do sujeito. A atividade social ganha assim um status de reflexão como uma categoria de análise. No Calendário Cultural identificamos as principais atividades sociais das comunidades indígenas e dos jovens e refletimos como estas se relacionam com a natureza, a partir dos indicadores do calendário, já estudados, aprofundamos nosso estudo, para o qual identificamos uma atividade social relevante por sua finalidade social, para aprofundar uma reflexão sobre os conhecimentos indígenas implícitos nela.

Procedemos em explicitar tais conhecimentos, no qual analisamos o passo a passo da atividade, na reconstrução do processo de desenvolvimento da atividade. Para isto, consideramos os diferentes aspectos já analisados da teoria da atividade, buscando explicitar os conhecimentos indígenas presentes nas atividades e nos desdobramentos cognitivos que relacionam a sociedade com a natureza, o qual Gasché chama de sociotureza, em seu livro *Sociedades Bosquesinas*, isto significa que a cultura responde diretamente pelo campo que envolve a sociedade e sua interação com a natureza.

Discutindo a proposta, a partir da perspectiva da Educação Intercultural, baseadas nas experiências do Método Indutivo Intercultural (MII), desenvolvido no estado de Roraima pela a Universidade Federal, e junto ao Instituto Insikiram de Formação Superior Indígena. Abrimos um debate sobre a interculturalidade e o reconhecimento de direitos educacionais dos povos indígenas, em uma perspectiva de entendimento das relações sociais e formações dos jovens no conceito de cultura que se tornou o tema central nesse processo.

O Método Indutivo Intercultural norteará o debate sobre educação escolar indígena, o que inclui também a visão de mundo e percepção que os professores e pais têm sobre a educação, neste sentido faz-se necessário também discutir o conhecimento indígena na comunidade, pois sabe-se que a teoria intercultural sobre a educação indígena vem da contrapartida de valorização dos conhecimentos tradicionais de cada povo e comunidade.

A proposta de educação indígena apresentada permite contestar e interrogar os modelos curriculares que folclorizam a cultura e a reduzem a expressões isoladas e fragmentadas, em meio a esse processo de mudança social que passam os povos indígenas, do desafio do estudo da língua, do diálogo entre os conhecimentos culturais e escolares.

Na temática da Interculturalidade tratamos diversos conceitos construídos ao longo de datas e que ainda hoje a interculturalidade carrega em si uma multiplicidade relativa ao seu termo e se insere num palco de posições variadas, provocando debates que tem produzido incompreensões, contradições, tensões, debates e controversas. Desse ponto de vista a interculturalidade ainda não tem um conceito definido, mas como um campo de debate e reflexão, no qual está diretamente inter relacionado com as relações sociais. (REPETTO; SILVA, 2016).

Dessa forma, para a construção do Calendário Socionatural é necessário que a sistematização dos conhecimentos e significados sejam explicitados e estabeleça uma semelhança de forma relacionada com os chamados indicadores, posteriormente permitindo ler essa relação como um todo. Esses indicadores evidenciam a relação sociedade-natureza e funcionam como avisos dessa relação, portanto eles indicam e mostram essa relação.

No meu entendimento e compreensão da relação entre o homem e a natureza, a atividade social do homem é a caça, pesca, cultivo da natureza (agricultura), para isso consideramos como os indicadores da natureza: o animal que se apresenta como atividade social, a caça ao veado, o vegetal que é alimento, as frutas e a astronomia, ou seja, devem observar as atividades ligadas as fases da lua. Então estão ligadas as relações homem e natureza.

Então acredito que desde o princípio da humanidade, existiu a tentativa de compreensão do espaço vinculado a intervenção do homem com a natureza. Atualmente a configuração física e social do nosso planeta é resultado do modo como a humanidade se vê e se relaciona com o meio ambiente.

“A relação do homem com a natureza é fácil e ao mesmo tempo difícil de entender, pois, por mais que o homem tente nunca pode se afastar da dela, precisamos para nos alimentar, se vestir, tomar banho, para não morrer de sede, para respirar, para fazer um abrigo, enfim tudo que é da natureza está ligado ao homem. Ela só precisa ser usada corretamente com cuidado com consciência para não acabar, nós precisamos mais dos recursos da natureza do que a natureza de nós. Aprendi nos últimos dois anos que em certo mês não devo caçar veado, pois aquele período é de reprodução deles”. **(Moacir Souza da Costa em entrevista 2019, agricultor e caçador da TI Manoá Pium).**

Para interpretar as dinâmicas dos povos da comunidade indígena Manoá, vamos pegar uma análise da relação do homem com o meio, pois é necessário ter uma definição do conceito da palavra “homem”. Markus (1974) fala que “o homem é antes de tudo uma criatura material, natural, um elemento da natureza que promove sua necessidade transformando os elementos da natureza disponibilizando um número infinito de potencialidades naturais”. (MARKUS, 1974, p.82).

Nessa compreensão precisamos entender o conceito de cultura para compreender as práticas sociais do homem com a natureza. “A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos”. Em vez de modificar para isso o seu aparato biológico o homem modifica o seu equipamento superorgânico”. (LARAIA, 2008, p.48).

Na comunidade as relações homem e natureza estão diretamente ligadas às atividades de todos, das crianças, dos jovens, dos adultos e dos anciãos, pois precisamos da natureza para construir nossas casas e nos alimentar. Atualmente o espaço territorial e os recursos naturais têm diminuído cada vez mais.

Diante da situação e do envolvimento do homem e da natureza, Santos (2012) explica que, quando tudo era natural, o homem escolhia na natureza aquelas suas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da sobrevivência, valorizando diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais que se construía a base da existência do grupo. Esse meio natural era utilizado, pelo homem sem grandes transformações. As técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da natureza, com o qual se relacionava, sem outras mediações. (SANTOS, 1996, P 225).

Os moradores Manoá vivem de maneira comunitária, observam suas maneiras de convivência na organização de suas casas, no ambiente em que se reúnem para discutir suas aflições em assembleias, os desafios que aparecem, quando fazem seus planejamentos de trabalhos, da preparação de suas roças, dos plantios, da construção de suas casas e de seus festejos.

Observamos que há maneiras específicas do povo da comunidade tratar e preparar os mais jovens para exercerem e darem continuidade a suas atividades, essa

transmissão não é fragmentada, ela é contínua, até quando se tornam adultos (as). E essa preparação se dá através dos pais avós ou membros da comunidade.

Para essa discussão, partirmos do pressuposto que o homem é um ser social, na sua formação sociocultural e psicológica, isto é, a humanidade específica do homem é a sua sociabilidade. Sendo que essa socialização o obriga a fornecer a si mesmo um ambiente estável para sua conduta.

O ser social é apresentado, de forma imediata, como indivíduo. Esse modelo é uma base forte na manutenção da sociedade burguesa, pois, a noção de indivíduo leva a crença fiel de que é possível ser independente, autônomo, isolado, autoconsciente, livre, insubordinado e apartado. Contudo, Marx aponta para uma análise de mediações que ocultam essa aparência do ser.

O primeiro fato histórico apresentado por Marx na ideologia alemã refere-se ao conceito de necessidade. O ser humano apresenta falta e carência, sendo essa uma disposição universal.

Temos que começar por constar a primeira premissa de toda a existência humana, e, portanto, também, de toda história, ou seja, a premissa de que os homens têm de estar em condições de viver para poderem ((fazer história)). Mas da vida fazem parte sobretudo comer e beber, habitação, vestuário e ainda algumas outras coisas (MARX, ENGELS, 1984, p. 31)

Nesse sentido, a socialização, advinda de suas necessidades sociais e biológicas, leva o ser humano a executar atividades e ações, que realizadas repetidamente, permitem o aperfeiçoamento conforme o seu contexto, produzindo assim o conhecimento para cada ação e utilizando-se dessa aprendizagem prática quando sentir necessidade.

Assim, Sandin Esteban (2010, p.51), fala que “o conhecimento é construído por seres humanos quando interagem com o mundo que interpretam”. E nessa interação, o homem constrói, modifica e aperfeiçoa de acordo com sua socialização, sua vivência do dia a dia e das suas necessidades sociais e biológicas.

Contudo, a sistematização dessa prática, segundo Berger e Luckman (2012, p.92), “faz com que um segmento inteiro do mundo social seja objetivado por este conhecimento”. É nessa perspectiva que os conhecimentos dos moradores da comunidade Manoá são transmitidos, construídos, ressignificados e reorganizados. Para Severino (2006), essa é uma prática humana, mediada e mediadora do agir histórico dos homens.

Nessa visão de formação social, cada sociedade apresenta suas intenções ao que se refere a manutenção de suas concepções de vida e dos valores que perpetuam. O

sujeito intervém na sua realidade, transforma os espaços que vive em espaços que atendam suas reais necessidades, sejam elas individuais ou coletivas.

Esse conjunto de valores, hábitos e costumes é repassado de geração a geração, nessa passagem há elementos que vão e as que ficam, há aqueles que são agregados a outros e passam pelo processo de apropriação, quem movimenta esse processo de mudanças são os sujeitos, isto é, quem faz a educação são as pessoas (sujeitos).

Partindo dessa compreensão que a educação é uma prática humana e social, consideramos que a denominação educação indígena faz parte de um todo da vida indígena, enquanto socialização de valores, conhecimentos, experiências e transmissão oral dos saberes, desse modo, ela apenas concretiza suas intenções de uma maneira específica de cada povo, daquele lugar, naquele lugar da qual é regido pelas normas próprias de suas vivências.

A socialização se dá a partir das experiências acumuladas (práticas, vivências), dos conhecimentos dos mais velhos (experientes). É nessa particularidade que os sujeitos da educação indígena interagem seus conhecimentos, é no aprender a ouvir, a observar e a praticar as atividades do contexto do qual fazem parte.

Para Kahn e Azevedo (2014, p. 57), esses são os modos pelos quais cada povo transmite valores, informações, normas e regras de sociabilidade, ou seja, quando realizam suas atividades práticas comunitárias.

2.2 FORMAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS MACUXI E WAPICHANA NA COMUNIDADE MANOÁ

A informação levantada neste sub tema foi escolhido durante as visitas de campo a comunidade Manoá, e durante as oficinas realizadas sobre a construção do calendário sionatural da comunidade. Junto a essas oficinas, fizemos também alguns levantamentos com alguns moradores, que complementaram riquissimamente com seus conhecimentos os dados para o nosso trabalho de pesquisa.

Os moradores da comunidade Manoá realizam os trabalhos que para eles são importantes no desenvolvimento social da comunidade, e as atividades onde interagem uns com os outros, o papel dos capatazes nos trabalhos é importante, pois são eles que motivam a participação de todos. Porém, alguns trabalhos exigem somente a participação de homens, outros só de mulheres. Quanto a participação dos jovens, se dá

nos acompanhamentos dos mais experientes da atividade, observando e acompanhando os mais velhos na realização das tarefas.

A educação indígena e formação social dos jovens da comunidade Manoá, se dão a partir dos conhecimentos dos mais velhos através das convivências históricas entre culturas vividas desde os tempos passados até os dias atuais.

Para o povo Wapichana a educação cultural tem seus costumes, sua cultura e suas tradições, que estão presentes na língua, no modo de viver, na forma como se dão uns com os outros, como caçam e pescam, plantam, cultivam a terra, realizam suas festas respeitando o lugar onde habitam e principalmente no respeito com a natureza.

Segundo o senhor Alan Douglas professor e morador da comunidade, na cultura indígena a mulher Wapichana tem o papel de organizar as atividades de preparação das jovens, juntamente com as anciãs da família, acordam de madrugada para tomar banho, e assim evitar qualquer tipo de doença, esse é um dos primeiros ensinamentos repassados.

A mulher Wapichana se preocupava ou se preocupa com as fabricações dos artesanatos indígenas, como os adereços, em fiar algodão para fazer redes e tipoia para carregar seus filhos, são responsáveis por coletar as frutas e plantar as sementes e fazer as bebidas como o caxiri, são responsáveis pela fabricação da farinha e do beijú, e de cuidar das casas e dos filhos. Esses ensinamentos são repassados para as meninas desde crianças até chegarem a formar suas próprias famílias.

Durante o inverno ensinam seus filhos a tomar banho no igarapé, para não pegar gripe ou tumor no corpo e não ficar preguiçosos. Antes do banho as avós preparavam um molho de pimenta “olho de peixe” ou “malagueta” para os netos tomarem uma colher e também queimarem os olhos, quando comem pimenta acreditam que nenhum “bicho” da mata ou rio vai olhar para eles, é como se fosse uma proteção. E quando queimam os olhos com pimenta é para se ter uma boa visão.

As moças eram acordadas cedo para acender fogo, preparar os alimentos, como a damorida (de peixe ou de caça) e o mingau (de abobora, cará, batata, milho, banana, tapioca ou goma), e se preparar para ir para roça. Aprendem desde cedo a respeitar os mais velhos como “paunary” (parente).

Os avôs e os pais ensinavam que os filhos tinham que esquentar os pés na brasa de fogo antes do banho, para prevenir contra picadas de cobras, arraias nos igarapés, acreditando que assim a onça não os seguia na mata quando estavam caçando. Acreditavam que essa era a primeira maneira de se proteger e se preparar para a serem

bons caçadores e pescadores. Curavam os filhos com pequenos cortes na ponta dos dedos e colocavam um tipo de puçanga (sementes ou raízes triturados e rezados pelos xamãs para uma devida cura, às vezes usavam sangue dos animais), ou seja, uns remédios tradicionais para serem bons pescadores ou caçadores faziam o mesmo ritual nas pernas para terem resistência e força para trabalhar e garantirem o sustento da família quando forem ter uma.

Os artesanatos sempre são importantes para ajudar nas atividades de casa e da roça. Os artesanatos como jamanxim, peneira, darruana, tipiti, abano, arco e flecha são fabricados pelos homens que repassam esses conhecimentos para os filhos quando chegam à juventude. O jamanxim serve para as mulheres carregarem mandioca e os produtos da roça, os homens carregam suas caças, a darruana é uma bolsa feita da palha de buriti para carregar peixe durante a pescaria ou guardar algo em casa, o tipiti é um saco de palha que serve para espremer a massa de mandioca na fabricação da farinha. A peneira é para peneirar massa de mandioca ou coar o caxiri, o abano serve para acender o fogo, virar o beijú no forno ou colocar alimentos em cima, como carne ou peixe assado, o arco e a flecha são armas para caçar e pescar.

A educação indígena é fundamental na preparação da formação social dos jovens e das crianças, pois é nesse espaço e tempo de observação e aprendizado, que os jovens formam suas personalidades e decidem o que querem para o futuro, as especificidades de todos os detalhes, e na cultura Wapichana se aprende o cuidado com natureza, é na prática das atividades de um povo ou da sociedade que são repassados os elementos da cultura, de acordo com a língua, a tradição, os costumes e a crenças. Com isso observamos que essa relação homem-natureza, para com os moradores é indispensável nas suas vivências.

Os Wapichanas repassam seus conhecimentos oralmente, desde cedo, o primeiro ensinamento vem com o aprendizado da sua língua indígena, e praticamente todos, desde as crianças, falam, ou seja, se comunicam na língua indígena Wapichana. É importante frisar que a maioria do povo Wapichana que vive na comunidade fala sua língua, e tem ela como primeira língua entre os parentes.

O que achamos interessante foi à importância dos tipos de atividades do cotidiano e da interação das crianças e jovens com as atividades dos adultos, então são nesses momentos que são repassados como fazer, onde encontrar e como utilizar dos instrumentos de mediação encontrados na própria natureza, e encaixar a teoria da

atividade para alcançar o objetivo das ações. É praticando as atividades que os jovens vão aprendendo a lidar com a natureza e o mundo.

Nos dias de hoje, a cultura Wapichana, tem passado por algumas mudanças, como o uso de seus materiais tradicionais, feito com recursos da natureza que foram substituídos pelos industriais. Principalmente a maneira de fazer a farinha. Não fazem mais suas curas com sangue e dentes de animais, mas ainda preservam o costume de comer a damorida bem picante, para espantar os maus espíritos na mata ou na água, quando pescam ou caçam ou mesmo quando se faz um trabalho na roça.

As moças ainda são resguardadas somente na primeira menstruação, mas sem ritos de passagens, somente como uma forma de respeito com o corpo e com a natureza, se alimentam de forma natural, porém comem a mesma alimentação dos demais, não se sentam a mesa, se alimentam dentro do quarto durante todo o período menstrual, para não atraírem forças negativas para a família.

Entre o povo Wapichana no Manoá o casamento de meninas na comunidade, acontece depois dos 15 ou 16 anos, quando acreditam que a moça já está pronta para tomar conta de sua casa e de uma família. Entre os rapazes, é entre 19 e 20 anos, quando já tem o tempo de preparar suas roças, e de ter responsabilidades com sua família.

Esses conhecimentos e a socialização das atividades se dão a partir das experiências dos mais velhos através das práticas e vivências. É nessa particularidade que os sujeitos Wapichana fazem da educação indígena interagem seus conhecimentos é no aprender a ouvir, a observar e a praticar as atividades do contexto do qual fazem parte é que cada uma vai aprendendo a sobreviver e viver para contar suas histórias e repassar para os mais novos. (Depoimento de Alan Douglas em entrevista)

Os Wapichana utilizam-se dos seguintes tratamentos em sua língua pra as diferentes fases da vida, dos homens e das mulheres : *xim* (masculino) e *ximeaba* (feminino) de 0 a 10 anos, *tuminari* (masculino) *mawyzaba* (feminino) de 11 a 15 anos, *daunaiura* (homem) *zyn* (mulher), dos 16 anos até quando formarem suas famílias e se tornarem avós depois dos 40 ou 50 anos começam a ser chamados de *kooko* (vovó) e *dukuzy* (vovô) ou *maskunau* (mulher velha) e *tynarynau* (homem velho). Esses tratamentos expõe a relação entre os membros familiares e os tratamentos externos (DOUGLAS, 2014).

Essas formas de tratamentos entre os Wapichanas são comuns até com quem chegou recentemente na comunidade. Uma forma de respeito que se dá entre todos. Mas que não foi bem aprofundado nessa análise, pois apesar de ser bem interessante acredito que se torna outro estudo, talvez para uma nova pesquisa futuramente.

Essa pesquisa, relacionada com a primeira, tem algumas coisas em comum com a dos povos Wapichana, envolvendo a participação dos alunos, professores e alguns pais. Explica como é o projeto de pesquisa e as atividades que eram realizadas em diferentes épocas do ano, estudando os indicadores do calendário socionatural e observando como se dá a formação social dos jovens Macuxi dentro da comunidade, segundo alguns anciões nos tempos mais antigos e atuais.

Os Macuxi da comunidade Manoá vivem de maneira comunitária, assim como os Wapichana, observam suas maneiras de convivência na organização de suas casas, no ambiente em que se reúnem, discutem suas aflições e os desafios que aparecem, fazem seus planejamentos de trabalhos, de suas pescarias, de suas caçadas, da preparação de suas roças, dos seus plantios, da construção de suas casas e de seus festejos comunitários e individuais em família. Observando as maneiras específicas como tratam e preparam os jovens para exercerem e darem continuidade à suas atividades, com transmissão de conhecimento contínuo desde quando crianças até se tornarem adultos.

Partindo da teoria de que a educação é uma prática humana e social, consideramos que a educação indígena e a formação social indígena faz parte de um todo na vida comunitária, socializando valores, conhecimentos, experiências, transmissões orais dos saberes, o modo específico de viver entre o povo Macuxi presente na comunidade não é diferente.

Do mesmo modo que o povo Wapichana, a formação social e o conhecimento do povo Macuxi se dá a partir das experiências observadas nos mais velhos pelos mais novos, e da aquisição os conhecimentos através das convivências e práticas com os mais experientes. Existem particularidades entre os sujeitos da educação indígena, ao interagirem seus conhecimentos, ouvindo e observando as atividades do contexto do qual fazem parte.

Quanto à formação dos jovens, há uma divisão de trabalho conforme as atividades em casa, na roça ou em outros ambientes nos quais pratiquem uma atividade. Durante as tarefas eles são orientados por seus pais, por seus avós, por pessoas que são mais presentes no seu cotidiano, ou até pelas pessoas mais experientes na atividade que fazem em cada ocasião, algumas atividades são direcionadas para o sexo masculino, mas, isso não impossibilita a participação do sexo feminino nesses trabalhos, e vice versa.

As meninas são orientadas pelas mães e por outras mulheres a obedecerem aos homens (ou esposos quando se casam), a prepararem os alimentos, a cuidarem da

organização e a limpeza da casa, essa aprendizagem inicia-se com o acompanhamento das mães em casa, que são as responsáveis pela educação dos filhos, ou quando se realizam atividades comunitárias com outras pessoas em meio social. As crianças do sexo feminino, a partir dos seis anos, e as jovens participam ativamente nos preparos de alimentos e afazeres domésticos. Desde cedo elas aprendem que são o centro da família.

A senhora Maria de Fatima uma moradora da comunidade faz um relato de como era feita a educação no passado dentro da comunidade;

“As mães acordavam suas filhas cedo para tomar banho e pegar água na cacimba (poço feito no olho d’água perto do igarapé), quando chegava com a água tinha que pilar arroz, para fazer mingau e cozinhar damorida, cedo antes dos pais acordarem e se prepararem para ir para roça. Depois todos se arrumavam para pra as roças. Com terçados, enxada jamanxim. Mas roças plantavam mandioca, arroz, feijão, abobora, melancia, melão, mamão e batata. Na atividade de fazer a roça, plantar e cultivar todos participavam homens mulheres meninas e meninos trabalhavam por igual, cada um colaborava conforme sua resistência e capacidade no trabalho”. (Depoimento da dona Maria de Fátima Trindade).

As mulheres macuxis se preocupava em repassar para os filhos, principalmente para as meninas, as fabricações dos artesanatos indígenas, como as redes de algodão, primeiramente aprendiam a fiar o algodão para fazer barbante, roupas e tipoias para carregarem seus filhos, elas e suas filhas, eram responsáveis pela coleta das frutas, por plantarem as sementes e por fazerem as bebidas como o pajuaru (bebida feita de beijú de mandioca e decantada por três dias) e o caxiri (bebida fermentada feita de batata, abóbora ou batata cozida).

As jovens, até os dias atuais, são as responsáveis pela fabricação da farinha, do beijú e do caxiri junto às mães, ensinamentos passados de geração em geração, justamente para continuarem a ensinar esses conhecimentos às mais novas, quando formarem suas próprias famílias.

As jovens tomam banho no igarapé, para não pegarem gripe ou tumor no corpo, não fiquem com preguiça e purifiquem a alma, jogando fora as coisas ruins do dia anterior. Para esse banho acontecer de forma completa as avós preparavam um molho de pimenta para queimar seus olhos, acredita-se que assim vedavam os olhos do “bicho” da mata ou rio, assim como os Wapichana uma forma de proteção.

Aprendem desde cedo a respeitar os mais velhos, ensinam meninos e meninas a tomarem a benção, independentemente de ser da família ou não, como uma forma de respeito com os mais velhos, uma prática que foi deixada pelos brancos, mas que até hoje ainda é bem viva entre o povo Macuxi na comunidade.

Eram curadas quando crianças para ficarem espertas e fazer atividades com mais agilidade, as meninas a partir de 5 ou 6 anos pediam para bater palmas na hora que aparecia o relâmpago nos tempos de inverno, acreditavam que isso fazia com que elas ficassem mais ágil nas tarefas de casa.

Os avôs e os pais ensinavam aos filhos que eles tinham que aprender a caçar e a pescar desde cedo, curavam os jovens a partir dos 13 anos com um tipo de batata e reza dos pajés para serem caçadores e trabalhadores. Quando cresciam acreditavam que essa era a primeira maneira de se protegerem e se prepararem para serem bons caçadores e pescadores. Essa cura era feita de madrugada, quando acordavam, acreditavam que assim estariam sempre espertos.

Para serem caçadores e pescadores arranhavam os braços dos rapazes com os ossos ou as garras dos animais, e esquentavam com essa batata de um tipo de mato, um remédio tradicional para serem práticos na pesca e na caça, faziam o mesmo ritual nas pernas para terem resistência e força para trabalhar quando formarem sua família.

Os artesanatos eram feitos pelos homens e assim passavam seus conhecimentos para os mais jovens que estavam sempre ajudando os pais e avós. Os mais fabricados pelos macuxis na comunidade eram: jamanxim, peneira, tipiti, abano, arco e flecha, coxo de madeira (para colocar massa de mandioca), pilão de madeira, cabaça (feita da cera de abelha), e jiqui um tipo de arapuca para pegar peixe.

A educação indígena macuxi servia, principalmente, para proteger a natureza e para ajudar na preparação da formação social dos jovens e das crianças, é observando e praticando as ações que são aprendidas as formas de como lidar com a natureza, dessa forma os jovens formam as personalidades e decidem o que querem para o futuro, ou seja, como será seu futuro. Suas culturas e tradições são repassadas conforme cada época que passa uns de maneira tradicional na língua indígena, e outros conforme vivem na atualidade da comunidade, mas o cuidado com a natureza é a mesma.

Os macuxis repassam seus conhecimentos oralmente, antes na língua indígena, mas como hoje na comunidade a maioria não fala a sua língua indígena é na língua portuguesa. A importância dos tipos de atividades do cotidiano e a interação das crianças e jovens com as atividades dos adultos é sempre interessante, são nesses momentos que são repassados como é que se encontra na natureza e como se faz os instrumentos que serão usados e utilizados no cotidiano, tendo como provedora desses conhecimentos, a própria natureza através da utilização da TA, praticando as atividades

que os jovens vão aprendendo para lidar com a natureza, exercitando assim a teoria de sociotureza.

Esse processo de transmissão do conhecimento para os jovens das duas etnias pertencentes a comunidade Manoá, transforma-se num conjunto que compõe o conhecimento do meio social, cultural e político da comunidade, é neste sentido que se constrói a Educação Indígena e a formação social dentro dela. O senhor Avelino Boaventura macuxi, ex-tuxaua da comunidade diz que a educação indígena acontece quando se orienta as crianças e os jovens em como fazer as coisas certas, ele diz que os pais devem ensinar a respeitar, cuidar da natureza, e aprender com os mais velhos como administrar tudo que acontece ao nosso redor, complementa dizendo que:

“se não cuidar, a natureza se revolta, os frutos não florescem bem, os animais comem as roças, ou a chuva acaba com tudo, desde a plantação caça e pesca, essa é revolta da natureza” então vamos cuidar dela direito. Nós temos pouco, mas temos que aproveitar da melhor maneira e preservar”. **Sr. Avelino Boaventura Macuxi, 2018.**

Essa educação indígena é fundamental na preparação dos jovens, pois é nesse período específico que se aprende a fazer as atividades, na prática com os mais velhos, nas atividades de um povo ou da sociedade, onde são repassados os elementos da cultura, de acordo com a língua, a tradição, os costumes e a crenças.

Há uma ligação de conhecimentos, entre as duas etnias na maneira de transmissão do saber, na utilização do tempo e do espaço, nos pontos em que se harmoniza com o que a natureza oferece dentro do território. Sendo que esses moradores se utilizam de instrumentos naturais disponíveis a seu favor, ou seja, se apropriam ou transformam esses instrumentos em algo propositalmente pertencentes a suas culturas, pois a necessidade faz com que eles adquiram e adaptem suas realidades para que as atividades costumeiras sejam realizadas.

É notado que atualmente os jovens estão sempre em atividades realizadas na comunidade, seja com os pais ou sozinhos, uma dessas atividades em que os jovens estão sempre presentes é na preparação de seus alimentos, seja para a família, limpeza da comunidade ou para as festas comunitárias.

Nas práticas dessas atividades os jovens vão aprendendo os costumes e tradições da localidade, as reuniões comunitárias são também um meio de passagem desses conhecimentos, principalmente da forma de se organizar social e politicamente.

A maioria dos macuxis, na comunidade não fala a sua língua indígena, a comunicação entre eles, principalmente entre os mais novos, é na maioria das vezes em

língua portuguesa. Os mais velhos é que ainda resistem e se comunicam na língua Macuxi.

Atualmente entre o povo Macuxi quando a menina menstrua pela primeira vez, alguns pais orientam as meninas moças a andarem com um pano branco na cabeça, elas vão para escola e passeiam na comunidade normalmente, não vão para roça, nem tomam banho no igarapé, não podem coçar o corpo com as unhas para não criar estrias, não podem fazer força, pois acreditam que o útero fica baixo, podendo ter complicações ao engravidar. As mães ou avós ainda têm o costume de fazer a alimentação destas sem sal e sem açúcar durante todo período da sua primeira menstruação.

Elas estão prontas para casar depois que acaba o primeiro período menstrual e já são chamadas de mulher. Entre os macuxis da comunidade, é comum encontrar meninas de 13 anos grávidas e casadas, às vezes com homens que tem duas vezes a sua idade ou com rapazes da mesma etnia com idade entre 16 e 17 anos.

Inicialmente quando estes jovens se casam, moram com os pais da moça, o rapaz vai se adaptando às atividades sociais da família dela, como fazer roça, pescar, fazer farinha, capinar, enquanto outros aprendem como o pai da moça a cuidar de sua família. A menina vai aprendendo com a mãe os seus deveres do lar e da família, até construir sua própria casa, que geralmente é construída bem ao lado da casa dos pais da moça.

As duas etnias apresentam atividades parecidas porém alguns detalhes caracterizam uma diferença que cada um apresenta. O povo Wapichana demora mais para formar suas famílias, e os macuxis principalmente as mulheres casam e têm filhos mais cedo. Tem as mesmas maneiras de cura para serem caçadores ou pescadores, porém os Wapichana fazem com os filhos na pré adolescência e os macuxis quando crianças, conforme o tempo passou, alguns adultos ainda lembram como eram feitos os rituais e os ensinamentos e somente fazem relatos pra filhos e netos, e os macuxis por acharem que era um castigo nem comentam com seus filhos sobre os ocorridos e os mais novos nem sabem o que são ritos pois não conseguem lembrar dos ocorridos.

2.3 CONHECIMENTOS CULTURAIS DA COMUNIDADE E A RELAÇÃO COM A TEORIA DA ATIVIDADE (TA) E O MÉTODO INDUTIVO INTERCULTURAL (MII)

Na proposta do Método Indutivo Intercultural iremos apresentar como a comunidade organiza as atividades sociais e como se relacionam com a natureza. Como os moradores organizam seus tempos e os espaços que precisam, conforme suas necessidades e como tomam enquanto indicativos esses dois elementos para organizarem suas atividades diárias, das mais específicas às mais grandiosas, sejam individuais ou as que envolvem a comunidades.

Nesse tipo organização das atividades as pessoas partem da necessidade de que, para usufruir dos indicativos da natureza, é preciso conhecer a realidade do seu contexto para utilizá-las nos momentos propícios, então o sujeito parte para a prática, ou seja, para a concretização da ação pensada. Gasché (2008) orienta como utilizar o Método Indutivo Intercultural, onde se organizam os conhecimentos a partir da vivência, das situações concretas, do que as pessoas fazem em seu cotidiano e de suas relações entre si e com a natureza.

Os levantamentos das atividades significativas dentro da comunidade nos permitem visualizar como os conhecimentos próprios, os valores e os processos de transmissão estão implícitos nas atividades que são realizadas por moradores, a identificação das atividades nos permite localizar os espaços e o tempo nas quais elas são concretizadas. Concomitante a oficina realizada, foram feitos levantamentos com alguns moradores, que complementaram riquissimamente com seus conhecimentos os dados para o nosso estudo.

Nesse contexto, a análise e a ação de uma atividade social são consideradas Teoria da Atividade, e seus elementos, como parte que irá identificar a necessidade do sujeito e seus motivos, nesse sentido, a explicitação dos conhecimentos implícitos em cada atividade nos faz compreender os passos em que a ação se desenvolve. Os elementos estruturantes dessa teoria são compostos pela necessidade que geram uma atividade, pelos motivos de cada situação que o sujeito pontua e no objeto da qual busca concretizar.

Os sujeitos são pessoas que realizam a atividade, que por sua vez necessitam de instrumentos; durante as tarefas existem pessoas que estão envolvidas diretamente, e aquelas que indiretamente participam das ações, todo trabalho realizado há regras que

devem ser observadas dentre os métodos de análise, este é definido por partes, os trabalhos realizados pelos homens, mulheres, jovens ou crianças, com essa organização é feito na divisão do trabalho para que o resultado seja alcançado, ou seja, para que ocorram os processos resultantes da atividade, isto é, o produto ou objeto.

A TA, desenvolvida a partir do conceito de mediação, proposto por Vygotsky (DANIELS, 2003), descreve a relação mediada entre os seres humanos e o ambiente pelo uso de instrumentos como foi citado a cima, ele mesmo concorda com as concepções de Engels sobre o uso de instrumentos como meio de transformar a natureza conforme a necessidade humana e, assim, de alguma forma dominá-la (COLE e SCRIBNER, 1991, apud DANIELS, *op. cit.*).

Então a TA, que é atividade social e a ação, é constituída por agentes que são os **sujeitos**, que diante de certa situação percebem suas necessidades, e são motivados por um propósito que é o objeto final, o qual é mediado por artefatos, ou seja, os **instrumentos**, o meio de uma relação entre indivíduos que é a **comunidade**, é onde se constituem as regras e a divisão de trabalho.

Um exemplo claro dessa relação é a produção de farinha dentro da comunidade Manoá, onde a **necessidade dos sujeitos** é produzi-la para trocar por objetos ou outros alimentos, este é o único capital financeiro de muitos dentro da comunidade, que gera uma atividade social que envolve todos da comunidade em busca de um **objeto final** que é a farinha, onde para isso são usados vários **instrumentos** como: machado, foice, terçados, tipiti, ou prensa, motor para ralar a mandioca no forno, tarubá (instrumento de madeira feito para mexer a farinha) sebo de boi, peneira, couxo (recipiente feito de madeira para colocar a farinha), que é feito envolvendo várias pessoas desde as crianças, jovens até os idosos, ou seja, toda a **comunidade**. Um verdadeiro campo de aprendizagem e formação social repassado de geração a geração.

Em cada atividade observam-se os objetivos específicos das ações, desde o início em que o sujeito apresenta a necessidade do objeto. Dessa forma as ações são concretizadas, considerando as técnicas e a forma específica dos sujeitos que fazem a operação.

Na proposta do Método Indutivo Intercultural iremos apresentar como as atividades sociais da comunidade estão organizadas como se relacionam com a natureza. Para isso buscamos as orientações de Repetto e Carvalho (2016), com a explicação da significância dos sete indicadores.

Nesse aspecto buscamos as orientações de Repetto e Carvalho (2016, p.12) com a explicação e significados dos sete indicadores: 1) **Atividade da comunidade**, identificando como são realizadas as tarefas por homens e mulheres, identificando a divisão social do trabalho, por faixas etárias, e por sexos; 2) **Atividades das crianças**, identificando se são realizadas por meninas e/ou meninos, de acordo com faixas etárias. Buscamos entender como na cultura e língua de cada povo se compreende e se explica o processo de formação e socialização das pessoas; 3) **indicadores astronômicos**, que se refere aos conhecimento sobre os corpos celestes e os fenômenos a eles relacionados; 4) **indicadores climáticos**, onde devem ser identificados os diferentes climas e as diferentes estações do ano; 5) **indicadores animais**, tanto para animais silvestres como animais de criação silvestres e os de criação domesticos; 6) **indicadores vegetais**, que podem permitir coletar informações sobre as plantas silvestres e cultivadas e compreender como se relacionam como as atividades humanas; 7) **Problemas socioambientais** e de saúde, que tratam de identificar os problemas sociais relacionados ao ambientais e a saúde.

Os indicadores servem para mostrar a representação gráfica das atividades sociais organizadas esquematicamente e enfatizarem a relação intrínseca da integridade, sociedade e natureza, de acordo com o que acontece em cada lugar ou comunidade, buscando destacar a perspectiva indígena de leitura de mundo e da educação enquanto processo de socialização, de interação e de formação social.

Na abordagem do Calendário, é necessário entender e buscar os significados indígenas para cada etapa do processo das atividades sociais; somente depois disso, é possível analisar o material que surgiu, abrindo a possibilidade de reflexão sobre esses significados procurando maneiras de trabalhar esses materiais pedagogicamente na escola. (BERTELY. 2012)

Um ponto importante na perspectiva do MII é o de interaprendizagem (BERTELY, 2011), que propõe superar a perspectiva dialética reducionista do processo de ensino e aprendizado, como sendo apenas em uma ou duas vias, para reconhecer um diálogo social com muitos mais atores envolvidos no processo de tomada de consciência. Isso quer dizer que, no primeiro momento, todos os sujeitos são envolvidos na atividade social e na aprendizagem desenvolvida e orientado por um tutor em sala ou em um processo coletivo de reflexão e aprendizagem, uns com os outros, com entre os pais, entre alunos, entre a comunidade, enfim em um ambiente de socialização.

O MII constrói uma suposição de análise de uma atividade social praticada na comunidade, onde é permitido se desenvolver atividades pedagógicas de caráter social e essa atividade comunitária no ambiente escolar, como uma proposta pedagógica, faz a comunidade estar presente na escola, e isso é a base da interculturalidade, isto é, partir da própria realidade de vida de cada comunidade para desenvolver as atividades pedagógicas. Maxim e Bethonico, (2019, p. 92)

A partir do MII e da relação sociedade e natureza, com as ações praticadas, ou seja, atividades, é possível construir um calendário sacionatural da comunidade. Gasché (2011) apresenta essa ideia dizendo que, o morador de comunidade indígena, que possui uma estreita relação com a natureza que o cerca, isto é, seu território, tem a possibilidade de decidir quando e onde vai realizar uma atividade, e essa decisão está ligada aos ritmos diários, estacionais e biológicos da natureza. É a natureza que indica o tempo das coletas, dos peixes, da produção agrícola, da extração de recursos e produtos da floresta, da caça, estabelecendo uma situação de manejo sustentável da vida no território, ele define essa pratica como “saber aproveitar”. GASCHÈ (2011)

Gasché (2011) faz a seguinte afirmação, os moradores das comunidades conhecem os diferentes ecossistemas, os recursos disponíveis e sua localização, as técnicas para sua extração e transformação. As atividades relacionadas a esses recursos são direcionadas pelos ciclos naturais. Conhecer esses calendários é a melhor forma de aproveitar os momentos oportunos para extração e uso de recursos naturais.

Para o autor, os moradores das comunidades indígenas desenvolvem várias atividades que são vinculadas a biodiversidade em uma variedade de ecossistemas, o que os torna pessoas “*pluri- ativas*”; por outro lado, o saber e o saber-fazer que é adaptado aos diversos ambientes e recursos naturais disponíveis tornam esses moradores seres “*pluri- capazes*”, isto é, não especializados em apenas uma atividade ou produção, mas em uma variedade de atividades que desenvolvem para sua vida.

2.3.1 Calendário sacionatural da comunidade indígena Manoá

O calendário sacionatural é uma junção das relações sociedade e natureza, ou seja, socioambiental, no qual se organiza todas as atividades realizadas em uma comunidade indígena durante todo o ano, levando em consideração tudo o que acontece com as pessoas e a natureza. Essas atividades estão baseadas em sete indicadores, que são: as atividades dos homens, as atividades das mulheres, as atividades das crianças, a

astronomia, o clima, os animais, os vegetais e os problemas socioambientais, citados anteriormente.

Na área da educação, esses indicadores são bases para o planejamento de conteúdo, a ser estudado nas aulas de acordo com a realidade de cada comunidade.

Esse calendário serve como elemento norteador para realização do planejamento das atividades sociais da comunidade, permitindo que as pessoas desenvolvam as ações de forma planejada sem prejudicar a natureza e nem o meio ambiente, havendo uma interação entre os conhecimentos tradicionais da cultura indígena e os conhecimentos científicos atualizados. Dessa maneira, cada pessoa (pais) precisa entender e fazer a articulação desses dois universos cognitivos (científico/tradicional) a fim de preparar o jovem para o mundo, bem como para o convívio em sua comunidade de origem, ampliando assim o olhar dos entes envolvidos no processo tanto na área da educação como na área social. (GASCHÉ, 2008).

Gasché (2013) tem trabalhado em parceria com professores e universidades sobre o tema e outras questões que envolvem a educação intercultural indígena. Em Roraima a introdução da técnica do método indutivo intercultural ocorreu em parceria com o professor Maxim Repetto na Universidade Federal de Roraima.

En Mexico, gracias a la iniciativa de un grupo de maestros comunitarios chiapanecos de la Unión de Maestros para la Nueva Educación de Mexico (UNEM) e independientes y por la compresion y compromiso de docentes universitarias mexicanas entre las que se encuentran Maria Bertely (Centro de Investigaciones y estudios Superiores em Amtropologia Social CIESAS DF), Rossana Podestá (Universidade Pedagogica Nacional UPN Puebla) Erica Gonzalez (CIESAS Oxaca) Uli Keyser (UPN Michocán). Em Brasil, gracias a la colaboración de Maxim Repetto (Niversidade Federal de Roraima UFRR) Marcia Spyer (Universidade Federl de Minas Gerais UFMG) u Jucimar dos Santos (Universidade Nacional do Estado de Bahia UNEB) (GASCHÉ, 2013, p.18)

A pesquisa do calendário sacionatural (homem natureza) se fundamenta na sistematização das atividades cotidianas e nas relações socioespaciais dos povos indígenas que habitam na comunidade Manoá na terra indígena Manoá/Pium, região Serra da Lua, evidenciando as relações do homem com o meio e as transformações que ocorrem no decorrer dos ciclos anuais.

Uma maneira de entrar em este âmbito de conoimentos bosquesinos es establecer el Calendario bosquesinos de una comunidade en el cual se inventaria, mês por mês, los fenómenos astronómicos, climáticos hidrológicos e biológicos que se sucedem a lo largode um año, vinculados com las actividades sociales cuya realización se orienta em la aparición de estos enómenos (GASCHÉ; VELA, 2011, p.66)

As informações das atividades que são realizadas na comunidade foram adquiridas através de uma oficina que foi realizada na escola Nossa senhora da

Consolata que envolveu alunos membros da comunidade e professores. Posteriormente as informações foram sistematizadas e organizadas conforme as informações repassadas dentro da realidade na qual estão inseridos.

A importância das atividades culturais realizadas cotidianamente faz parte da comunidade e da vida social dela. Nesta é possível perceber que os jovens estão envolvidos na organização e atividade interna da comunidade, com as lideranças e outros membros. Nesse processo, vamos citar as atividades dos jovens após a análise do calendário cultural da comunidade visto que o conhecimento é transmitido dos pais para os (as) filhos (as) no contexto de cada mês e época do ano, como é a educação indígena.

No quadro abaixo apresento algumas das atividades da comunidade Manoá, associados aos indicadores citados anteriormente. Substituímos atividades das crianças por atividade dos jovens.

Tabela 1: Calendário socionatural da comunidade indígena Manoá

Meses	Atividades dos membros da comunidade	Atividade dos Jovens	Astronomia	Clima	Vegetais	Animais	Problemas socioambientais
Jan	Preparação do cultivo das roças (derruba e broca) Pesca individual ou em família, Igarapé com nível baixo, na atividade da caça	Ajudam os pais brocando as roças, os rapazes pescam com malhador ou flecha e as moças tratam os peixes para alimentação do cultivo das roças. As meninas ajudam as mães nas tarefas domésticas, e no final da tarde. Jogam bola na quadra poliesportiva. Tomam banho no igarapé	Em Noite escura e noites de luar se faz essa atividade	Verão- com muito vento; Lagos e igarapé secando;	Frutas como manga, inajá e mirixi. Laranja tangerina Lodo no igarapé devido a seca; Folhas; jucá soltam as bajas.	Jabuti, queixada, tatu, período propicio para pescar vários tipos de peixe que existe na região.	Queimadas de matas e desmatamento
Fev	Os adultos queimam as roças individuais e coletivas e as crianças soltam pipias.	Os jovens fazem os aceiros das roças junto com os pais para não queimar a mata. Pescam de malhador e jogam bola. Alguns jovens caçam veado no campo durante as	Noites claras ou na lua nova com maior visibilidade das estrelas três Marias	Verão com muito calor durante o dia, vento o dia todo e também a noite muita poeira de vido ao vento.	Período do fruto do marfim, copaíba Cumaru, Amapá, buriti, maga, tamarina e goiaba, as árvores como as mangueiras começam a	Desovas dos tracajás, nascimento dos papagaios, arara, e as abelhas estão produzindo mel.	Desmatamento, queimada, pesca sem controle.

		noites escuras.			florir.		
Mar	Continuação das atividades nas roças, planta das manivas, Reformas das casas de palha	Os jovens plantam as sementes junto com os pais, e ajudam na produção de farinha.	As sete estrelas no céu começam a subir para o meio do céu indicam que o inverno está próximo	Período seco, muito calor de dia e a noite ventos fortes.	Frutas: Caju, araçá, tamarina, jatobá, buriti, mamão, amendoim, ingá,	Tracajás, papagaio e periquitos estão nascendo, procriação dos veados caçadores sempre matam casais.	Seca dos igarapés prejudicando a pesca local, queimadas das roças e lavrados, muita fumaça.
Abr	Semana de reflexão indígena (cultura, tradição, costumes e valores indígenas). Plantação das roças individuais e coletivas, plantio feijão, milho, troca de palhas das bioconstruções.	Fazem apresentação cultural na comunidade como a parixara, e seguem as crenças da igreja de comer somente peixe na semana santa, ajudam o tuxaua na roça comunitária.	As sete estrelas chegam ao centro do céu indica que inverno chegou	Início do inverno período de chuva fraca	Manga, mamão, banana, laranja e tangerina.	Canto da cigarra anuncia o inverno cervas (veado fêmea) estão prenhas. As formigas começam a subir e levar os ovos para algum lugar alto. A perereca verde canta no caule das árvores também anunciando que em poucos dias haverá chuva.	Alguns caçadores matam os animais em reprodução que estão como, por exemplo, as cervas.
Mai	Colheita de melancia e plantio de macaxeira, pesca com baixa produção, produção de farinha intensa antes do período chuvoso, pois quando começa a chver a mandioca fica mais úmida e a farinha não fica boa.	Os jovens se reúnem no início do mês para fazer coral, peças teatrais, músicas, paródias, para o dia das mães, ajudam os pais fazer bolo, caxiri, e comida no dia da comemoração do dia das mães. Jogam futsal e voleybol. Começam a formar grupos de ensaio de quadrilha junina,	As noites ficam mais escuras sem aparecimento da estrela cruzeiro do sul indica o tempo de colheita.	Chuva com baixa intensidade (chuva do boiaçú). Tempo nublado.	Caju começam a florir, as melancias das roças estão prontas para colheita, na metade do es começa acolher milho verde e feijão verde, as frutas silvestres mais comuns são taperebá najá e jatobá.	Nascimento de veados e jabuti. Reprodução dos peixes (piracema) Peixes subindo o igarapé	
Jun	Festa junina, Arraial da igreja católica, comemoração da padroeira da comunidade	Os jovens fazem grupos dançante de quadrilha junina, para fazer apresentação na comunidade e em outros lugares como comunidades vizinha ou municípios.	Noites escuras visibilidade de todas estrelas e astros	Intensidade das chuvas enchente dos igarapés o vento fica mais forte e as noites mais frias.	Colheita de milho melancia e castanha	Captura das saúvas tanajuras.	Pesca intensa com malhador
Jul	Observação dos plantios nas roças para os animais	Os jovens fazem arapuca para	Noites escuras e céu nublado	Período de chuva com alta	Colheita de manga, limão,	Período de proliferação de	Enchentes prejudicam as

	silvestres não danificarem a plantação. Período da replanta da roça. Período de caça com fartura. Quem tem roça na mata fica mais tempo nos barração de farinha.	captura de animais, aves e peixes	sem observação de astros	intensidade com enchentes e transbordamentos dos igarapés.	laranja, melão, goiaba.	pragas, como mosquito, mucuim, maruim, mutuca, pium e carapanã. Nascimento de bezerros no retiro comunitário produção de leite. Veado, jabuti, cutia tatu, e outros animais estão gordos	aulas e a colheita das roças.
Ago	Colheita da mandioca e maior intensidades na produção de farinha. Período de cautelas	Jogam bola, e tomam banho no igarapé.	Aparecimento da estrela d'alva no céu indica tempo de boa caçada, mas com cuidado.	Inverno rigoroso transbordamento, dos rios, lagos e igarapés, trovoadas e relâmpagos com ventos fortes capaz de derrubar arvores.	Segunda produção de feijão, colheita de batata, e cana de açúcar.	As cobras ficam mais perigosas e venenosas devido suas reproduções. Reprodução dos jacarés. Menos captura de peixe. E muita praga nas roças e nos campos.	
Sete	Festejo tradicional da comunidade (FESTA DA FARINHA) produção de farinha. Período de pesca com maior fartura	Estão presentes no evento comunitário ajudando a organizar e envolvidos em todas as atividades principalmente na limpeza da comunidade.	Noites com céu estrelado. Céu limpo, A lua pode ser vista ao entardecer.	Ventos fortes e dias quentes ajudam a secar os igarapés. A água começa a baixar, início do verão.	Segunda produção do milho verde, e coleta dos milhos secos, colheita de abobora, mamão, pimenta, abacaxi, banana soltam os cachos, e colheita da folha do tabaco na mata.	A captura dos peixes como mandi, Matrinchá, cará, pacu traíra, tucunaré, jaraqui, jacundá, fica mais fácil de malhador, anzol e linha. As caças como tatu, caititu, veado, cutia, capivara saem do mato para beber água nos igarapés.	No festejo se usa muito materiais descartáveis, e muito materiais industrializados, é o período que mais o lixo se propaga na comunidade, pois até então não se tem um aterro sanitário na comunidade.
Out	Preparação dos replantes das roças e formação de grupos para fazer novas roças. Ferra de gado e troca de vaqueiro.	Os jovens vão para ferra do dado as moças, para fazer comida e os rapazes para laçar e segurar o gado na hora da ferra. Tomam banho no igarapé. Ajudam na limpeza do cemitério		Período de poucas chuvas, os igarapés ficam com níveis mais baixos, os moradores dizem que a água está no canal, ou seja, só onde corre a água dos igarapés.	Os cajueiros estão florindo, coleta da banana, cará, manga, ingá, tamarina e laranja, chegada do verão, final do inverno.	Fatura em todos os peixes da região, e caça também. Caça de veado no lavrado.	Os igarapés começam a ficar polidos devido a grande demanda de frequentadores que levam os materiais de consumo, mas não recolhem deixam jogados onde eles consomem as bebidas e comidas.
Nov	Preparação dos replantes das roças e formação de grupos para fazer	Tomam banho de igarapé e praticam	Final do mês a estrela cruzeiro	Início do verão, igarapés com	Fatura de caju, e colheita de	Fatura de peixe e pouca caça, captura	Queimada de lavrado, quando

	novas roças.	esportes como futebol, futsal, e voleibol.	do sul é mais visível	pouca água o clima fica mais quente durante o dia e frio durante a noite.	castanha de caju, as plantas nos quintais das casas ficam mais floridas. Período das flores	de cangapara ou quelônios nos igarapés e rio próximo da comunidade.	algumas pessoas vão pescar tocam fogo no capim.
Dez	Natal e comemorações coletivas, cada grupo de trabalho se reúne pra fazer as brocas e derruba das roças	Praticam esportes na quadra poliesportiva e no campo de futebol	A noite o céu fica mais estrelado. A lua aparece à noite com um anel e volta.	Verão com ventos muito forte durante o dia e a noite	Floração de madeiras como pau rainha, jucá, copaíba, cedro.	Período de caça aos animais como veado, tatu, jabuti e porco do mato, na pescaria fica mais difícil nos igarapés próximos a comunidade, então esse período as pessoas pescam fora do território indígena nas fazendas próximas	Matança dos animais para período festivo de natal

Para cada atividade realizada, neste calendário, observam-se os objetivos específicos das ações, desde o início em que o sujeito situa a necessidade do objeto. Dessa forma as ações são concretizadas, considerando as técnicas e a forma específica dos sujeitos que fazem a operação, ou seja, cada atividade é gerada partir de uma necessidade.

A análise da atividade social é considerada, na Teoria da Atividade, o elemento que faz parte da necessidade do sujeito, seus motivos e o exercício em que realiza a tarefa, nesse sentido, a explicitação dos conhecimentos implícitos em cada atividade nos faz compreender os passos da ação e como ela se desenvolve.

Os elementos estruturantes dessa teoria são compostos pela necessidade que geram a atividade, os motivos de cada situação que o sujeito caracteriza e do objeto da qual busca concretizar. Contudo há os elementos que fazem a mediação na realização das atividades, interligando a relação do sujeito com a natureza.

Os sujeitos são pessoas que realizam a atividade, que por sua vez necessitam de instrumentos, durante as tarefas existem pessoas que estão envolvidos diretamente e aquelas que indiretamente participam das ações, todo o trabalho que se realiza há regras que devem ser observadas, dentre os métodos de análise, este define por partes os trabalhos realizados pelos homens e pelas mulheres e com essa organização, que é feita pela divisão do trabalho para que seja alcançado o resultado, isto é, são os processos resultantes da atividade, ou seja, o produto ou objeto. Dessa forma as ações são

concretizadas, considerando as técnicas e a forma específica dos sujeitos que fazem a operação.

O Método Indutivo Intercultural traz o debate sobre educação indígena, o que inclui também a visão de mundo e a percepção que os professores e pais tem sobre a formação social, neste sentido é necessário discutir o conhecimento indígena na comunidade, pois sabe-se que na teoria intercultural sobre a educação indígena temos por contrapartida a valorização dos conhecimentos tradicionais.

A temática da Interculturalidade trata de diversos conceitos contruídos ao longo das décadas. Ainda hoje a interculturalidade carrega em si uma ampla polissemia e se insere num palco de posições variadas, provocador de debates que tem produzido incompreensões, contradições, tensões e controversas. Desse ponto de vista a interculturalidade ainda não tem um conceito definido, mas é entendida como um campo de debate e reflexão, que está diretamente inter-relacionado às relações sociais. (REPETTO; SILVA, 2016)

Nesse sentido a construção do calendário cultural passa a ser um instrumento em que podemos visualizar as atividades sociais como um todo e pode servir de orientação para os trabalhos diários, para o planejamento social comunitário e da escola norteando outras atividades.

Em 2014 tivemos a primeira experiência efetiva na construção do calendário cultural na comunidade Manoá, serviu para identificar as principais atividades sociais da comunidade e das crianças, pois estas refletem como esses sujeitos se relacionam com a natureza, e a importância que ele nos traz como conhecimento da realidade e da natureza.

As características como a linguagem, modo social, de se vestir e principalmente as atividades em relação com a natureza, que fazem parte de um cotidiano, em ocasiões específicas, são algumas características que podem ser determinadas por uma cultura que acaba por ter como função possibilitar a cooperação e a comunicação entre aqueles que dela fazem parte. Jorge Gasché fala do modelo sintático de cultura, nesse sentido a relação do homem com a natureza onde ele também caracteriza como “sociotureza”. Em Sociedade Bosquesinas ele fala:

“Nuestra lengua es una forma cultural de nuestra facultad lingüística que usamos en nuestra vida diaria en diferentes formas (culturales) de discurso de acuerdo a la relación social en la que nos ubicamos frente a una situación y un interlocutor, manifestando con esta forma de discurso un componente del valor social de esta relación. El uso de una forma de discurso es parte de una conducta social que manifiesta el valor de la relación social, que vincula a los interlocutores en una situación dada. Decimos que sólo es parte de una conducta social, pues ésta contiene, además, la actitud corporal, los gestos, la mímica etc. El ejercicio de nuestra capacidad lingüística, desde luego, siempre tiene componentes culturales y sociales, que descubrimos si enfocamos los actos del habla desde el punto de vista de las formas y desde el punto de vista de las relaciones y valores.” (GASCHÉ, 2011. Pag. 78)

Nesta perspectiva de cultura ele traz um novo conceito de educação para a sociedade como o método indutivo de aprendizagem ligado aos conhecimentos da natureza e o sujeito.

A atividade social ganha assim um status de reflexão como uma categoria de análise. No Calendário Cultural identificamos as principais atividades sociais das comunidades indígenas e dos jovens, e refletimos como estas se relacionam com a natureza, a partir dos indicadores do calendário já estudados. Aprofundamos nosso estudo, para o qual identificamos uma atividade social relevante por sua finalidade social, para aprofundar uma reflexão sobre os conhecimentos indígenas implícitos nela.

Procedemos explicitando tais conhecimentos, para o qual analisamos o passo a passo da atividade, reconstituímos o processo de desenvolvimento da atividade.

Para isto, consideramos os diferentes aspectos já analisados da teoria da atividade, buscando explicitar os conhecimentos indígenas presentes nas atividades e nos desdobramentos cognitivos que relacionam a sociedade com a natureza o qual Bertely chama de sociotureza, a cultura responde diretamente pelo campo que envolve a sociedade e sua interação com a natureza.

Vigotski (2010) diz que, a atividade consciente do homem se baseia nos conhecimentos e habilidades presentes na experiência da humanidade acumulada no processo da história social, isto se dá a partir das atividades práticas da vida cotidiana que faz com que o homem tome consciência quanto ao aperfeiçoamento, à modificação dos elementos que o ajudarão no contato com a natureza, desta maneira buscamos entender os jovens macuxis e wapichanas da comunidade indígena Manoá e as razões da nova formação social e de seus conflitos juntos as possibilidades e os desafios que temos na atualidade.

2. 4 CALENDÁRIO SOCIONATURAL ANUAL DAS ATIVIDADES DOS JOVENS

Na atividade dos jovens, discutimos algumas propostas educativas a partir da perspectiva da Educação Intercultural baseadas nas experiências do Método Indutivo Intercultural (MII) desenvolvidas na comunidade, como jogar futsal que é uma das principais atividades praticada pelos jovens. Tanto o público masculino como feminino praticam esportes todos os dias do inverno e do verão.

Com a proposta da teoria, metodologia e prática do MII, podemos abrir possibilidades que podem refletir sobre o significado dos conhecimentos e da vida indígena, fundamentados que concretizem sua realidade local. Oportunizando aos envolvidos na formação social da comunidade (re) pensar a prática os elementos da dimensão cultural, política, filosófica que eles querem que estes se apresentem nos processos de educação na escola e na sociedade.

Na relação aprendizagem e interação com a escola precisamos identificar o que representa ou qual a relevância do saber, e do aprender, para o jovem nessa sua formação social. Bernard Charlot dá o nome de “relação com o saber”. Charlot (2000) propõe uma abordagem do ponto de vista da relação que o homem estabelece com o saber levando em conta a característica antropológica em que o homem se torna homem na sua relação com os outros.

Busca-se compreender como se opera a conexão entre um sujeito e seu saber. Tal abordagem considera o aprender como um movimento interior que não pode existir sem o exterior, pois toda relação com o saber é também uma relação consigo, com o outro e com o mundo.



Foto: Delaide Trindade Douglas, 2019.

(Jovens jogando futsal a atividade mais praticada entre eles).

Essa atividade é praticada diariamente entre o público jovem, tanto homens como mulheres, a quadra é a uma das distrações que existe na comunidade entre os jovens, tanto de dia como à noite, na atividade jogar bola quase todos se envolvem,

quem não joga vai para torcer por algum time, as crianças pequenas (tipo, de colo) ou que estão começando a andar são observadas pelas maiores de 8 anos ou mesmo pelos pais que ficam esperando a vez de jogar, a faixa etária do público que frequenta o local para praticar o esporte diariamente é de 12 a 35 anos.



Foto: Delaide Trindade Douglas, 2019.

(Pais cuidando dos filhos na quadra poliesportiva, aguardando sua vez de jogar, enquanto as mães jogam Futsal).

Estudar a relação com o saber é estudar esse sujeito enquanto confrontado com a necessidade de aprender e a presença de “saber” no mundo. Assim sendo, não se pode deixar de considerar o sujeito ao estudar-se a educação. Mas nem por isso podemos esquecer que o sujeito da educação é um ser social. (CHARLOT, 2000, p.34).

As instituições, que rodeiam a vida dos jovens, devem oferecer condições adequadas ou necessárias para desenvolver relações significativas com os saberes que são relevantes na formação. A escola, a família e outras instituições podem favorecer, ou se tornar entraves no processo de formação.

Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou quem é o mundo, quem são os outros. Esse sistema se elabora no próprio movimento através do qual eu me construo e sou construído pelos outros, esse movimento longo, complexo nunca completamente acabado, que é chamado educação. (CHARLOT, 2000, p.53).

Se levarmos em conta que o saber e o aprender faz parte do homem como característica ontológica, e se estabelecem em suas relações, devemos pensar que a formação também depende de diversas condições, fatores e ambientes que podem ou não favorecer ou possibilitar relações propícias ao aprender.

Toda relação precisa de comunicação, diálogo e linguagem, aspectos reconhecidos por todos. Na escola não pode ser diferente é preciso interpretar e buscar

respostas para situações que, de certa forma, representam ou evidenciam a eficiência e também a deficiência em algumas relações educativas entre os jovens o que interfere em sua formação. Para esse propósito, é imprescindível que se parta da identificação desse jovem no seu contexto.

Com base nessa teoria buscamos respostas para nossa pesquisa através dos conceitos discutidos, a noção de educação indígena, formação social do jovem, método indutivo intercultural (MMI) e currículo para compreender como a escola trabalha o conhecimento hoje, no contexto das mudanças sociais das comunidades indígenas, e como o currículo escolar vêm sendo abordado nos diferentes conhecimentos.

A reconstrução do calendário sacionatural com as atividades praticadas tanto pelos jovens como por outras pessoas da comunidade passa a ser um instrumento no qual podem visualizar suas atividades sociais como um todo e assim servir de orientação para os trabalhos diários, para o planejamento pedagógico da escola e também nortear outras atividades da comunidade.

Apresentaremos algumas atividades em que os jovens têm suas participações, como jogar bola, ajudar a organizar as atividades da roça e pescaria, ajudar seus pais a fazerem farinha, uma das produções mais consumida no município, isto é, estão sempre acompanhados pelos mais experientes nessas atividades, verifica-se que eles são ajudantes, auxiliares de seus pais ou dos mais velhos, e é com essa participação e observância que aprendem atuar no espaço, no ambiente em que vivem.

Veremos agora o resumo das atividades anuais dos jovens apresentando suas atividades sociais, relacionado aos sete indicadores do calendário sacionatural. Esta análise nos permite refletir e ter uma visão panorâmica do conjunto de vivências na comunidade Manoá.

No mês de **janeiro**, os jovens participam de atividades da limpeza da comunidade, estão presentes nos aniversários que acontecem, alguns do sexo masculino bebem caxiri (bebida típica indígena da comunidade) participam também das atividades na roça, e as meninas fazem a comida esperando os meninos que vão à roça. Os meninos caçam e pescam peixe no lago que está secando. Ajudam os pais e familiares na limpeza, na capina, no tocar fogo nas galhadas nas atividades de construção das roças. O clima, no ano de 2019, nessa época é de vento forte e o lavrado fica muito seco. Os igarapés estão começando a secar. As frutas dessa época são: caju, manga, limão, banana, laranja e tangerina.

Em **fevereiro**, ajudam na derrubada da roça, preparam as capoeiras. E na maioria das vezes os jovens é que fazem as farinhas usando a roça do ano anterior. Os rapazes fazem a limpeza da área, plantam e ajudam a fazer a farinha, além de buscar lenhas. As atividades das meninas são: ajudar os pais na limpeza da roça e ajudar a mãe na preparação dos alimentos, todos estudam. Em casa as atividades das meninas são: ciscar o quintal, tocar fogo no lixo, lavar roupa, lavar louça e cuidar das crianças menores. Os meninos pescam e capinam o quintal. O clima nessa época é de vento muito forte, seca no igarapé e no lavrado, os animais que mais aparecem nessa época são: veados que saem para beber água nos igarapés, a tartaruga, que desova nas areias do rio, enquanto os problemas socioambientais são as queimadas frequentes nos campos, lavrados e matas.



Foto: Delaide Douglas, 2019 (Nível baixo do igarapé Arraia em fevereiro)

Já em **março**, acontece a continuação do preparo da roça. E a participação dos jovens é ajudar os pais na plantação das sementes. Planta-se feijão, milho, melancia etc. É época de mirixi. Ajudam os pais na pescaria, pescarias com flecha ou no malhador, costumam também brincar e participar de festejos realizados pela escola e pela igreja. No final do mês a cigarra começa cantar anunciando o início do inverno, o mirixi vai amadurecendo e as pessoas começam colher no lavrado.

O mês de **abril** é o mês em que toda a comunidade faz plantações de suas roças, tem a chuva da Semana Santa, é o mês em que os jovens estão todos envolvidos na semana da reflexão indígena um projeto da escola que envolve a comunidade e todos que estão inseridos nela. A escola promove um dia de jogos e brincadeiras indígenas,

mas para acontecer tem uma semana de preparação, pois envolve também as atividades praticadas na comunidade. Nesse mês criam-se os grupos para a gincana. Os rapazes caçam e pescam, as moças colhem frutos e preparam os derivados da mandioca, além de se preparar físico para as competições, pois as competições nesta gincana os produtos colhidos são avaliados em quantidade e qualidade, no final tem sempre um bom prêmio para o grupo vencedor em dinheiro ou um boi doado pela própria comunidade. Ajudam na roça, plantando melancia e jerimum, devido o início do período chuvoso o mato que cresce muito rápido na roça.



Foto: Jonatas Simplício – Jovens dançando parixara na gincana do dia do índio.

No mês de **maio**, participam do dia das Mães, do festejo que é realizado pela escola e igreja e comunidade. Os pais que realizam as festas das mães junto com os filhos. Os rapazes, nessa época, caçam e pescam para terem seus alimentos. As meninas junto com alguns pais preparam os bolos para as mães. A sete estrelas no céu indica que chegou o inverno. O sol se posiciona ao norte.

É o início de inverno, as minhocas saem de dentro da terra, os peixes sobem ou desovam, as saúvas voam, as lagartas (atacam) comem as folhas das manivas e as plantações das roças, os veados, os patos e os marrecos se reproduzem. E começam os ensaios de quadrilhas para a preparação das festas juninas. Tomam banho no igarapé, nesta atividade alguns levam seus alimentos como frango ou carne para assar na beira do igarapé, jogam bola e faz brincadeira como quem nada mais rápido pega-pega dentro da água (brincadeira comum onde tem que pegar o outro para ficar de manja, manja, é a pessoa que esta na vez de nada atrás dos outros). Enfim criam dias de lazer neste e em outros meses enquanto o igarapé estiver cheio.



Foto: Alan Trindade Douglas (Jovens tomando banho no igarapé Arraia).

Em **junho**, os jovens participam dos festejos juninos na terra indígena Manoá/Pium, e no município, como integrantes das quadrilhas juninas em competições. As moças se juntam para fazer caxiri, farinha, bolo, raspam buriti para fazer vinho para vender e assim comprar ou alugar os vestidos da quadrilha. Os rapazes também ajudam, vendendo o produto das roças para comprar as botinas e o chapéu de palha.



Foto: Delaiza Trindade Douglas - Grupo jovem da quadrilha junina “Pisada Quente”.

Em **julho**, continuam as quadrilhas juninas e os jovens ainda se envolvem nesses festejos, nesse período os igarapés estão todos transbordando, cheios e geram outra atividade que os jovens gostam que é tomar banho nesses locais. Participam da reunião de organização da comunidade, e ajudam na limpeza coletiva organizada pelo tuxaua na comunidade. Ajudam os pais nos afazeres da roça, da pesca e da casa. Há bastante e fortes trovões e raios, por causa das chuvas e do inverno intenso. Neste mês também ocorre jogos escolares estadual onde os jovens de 13 a 18 anos participam representando a escola estadual Nossa Senhora da Consolata



Foto: Jônatas Simplício (Time de futsal mirim NSC 1º lugar Jogos escolares 2018).

No mês de **agosto**, continua todas as atividades da coleta de produtos da roça, festejo do Dia dos Pais, realizado principalmente pela comunidade, escola e igrejas. As mães fazem a festa dos pais juntos com os filhos. Fazem os comes e bebes, fazem farinha e os homens brincam de bola. Os jovens ajudam os pais na roça. Período de produção de farinha com mais intensidade devido ao festejo do próximo mês.

Em **setembro**, tem o festejo da farinha onde os jovens fazem a recepção das pessoas que frequentam a festa, no período da festa alguns jovens se embriagam e usam produtos entorpecentes, mas a maioria se envolve no jogo de futebol e futsal, corrida pedestre e outras competições do festejo que contém prêmios e é um meio de faturarem um dinheiro participando do evento, são 3 (três) dias de festa. Outros ajudam os pais nas vendas dos produtos agrícolas, damorida e caxiri, nas barracas durante a festa. A festa serve para arrecadar fundos para a comunidade. O envolvimento dos jovens é importante na organização da festa, na organização da torcida e na participação nos jogos contra outros times femininos, além de outras comunidades convidadas.



Foto: Jonatas Simplício – Malocão comunitário

Outubro é o mês em que é realizada a comemoração do Dia das Crianças pela escola, no dia 12. A festa é organizada para dar presentes aos estudantes, tanto os pais quanto as mães, como os membros de outras comunidades, mas que têm filhos ali estudando. As crianças costumam brincar de bola na quadra, no campo etc. Os jovens colaboram ajudando os professores e organizando as brincadeiras e as crianças. Nessa época, a juriti se reproduz e dá bastante melancia, milho, araruta, ata e outros.

Em **novembro**, o sol se posiciona ao sul, já é verão, há manga em quase todas as casas. Há a preparação de replantio das roças e a formação de grupos para novas roças. A ferra de gado acontece nesse mês, aonde os jovens do sexo masculino vão para a fazenda da comunidade e separam o gado pra derrubar os bois, enquanto os mais velhos fazem a ferra, as moças juntamente com as mães fazem a comida na beira do curral. Outra atividade importante no início do mês é a limpeza do cemitério da comunidade, uma forma de demonstrar gratidão com os seus entes queridos.

Em **dezembro**, todos se preparam para a festa de Natal, que é comemorado junto com as igrejas e toda a comunidade. Os jovens participam da festa de natal fazendo as coreografias, cantam músicas no coral da igreja, e fazem pequenos teatros relacionados ao tema do mês. O período é de vento forte, é verão, há reprodução de jabuti, e costumam-se caçar veados e capivaras. Tempo de caju, melancia, limão, laranja e tangerina.

Tabela 2: Calendário dos Jovens

Meses	Atividades dos Jovens	Relações com a Natureza	Formação Social
Jan	Participam da limpeza da comunidade, jogam bola na quadra, estão presentes nas festas particulares, alguns do sexo	A limpeza na comunidade serve para manter os animais peçonhentos longe das casas e do centro da	Aprendem quais suas obrigações com a natureza e com os outros.

	<p>masculino bebem caxiri (bebida típica indígena pode ser consumida doce ou forte depende da ocasião) nos trabalhos e nas festas, Participam também das atividades na roça, os rapazes brocam o mato (corte dos cipós e arvores mais finas) e as moças fazem comida. Os rapazes caçam e pescam. Pegam peixe no lago que está secando. Ajudam os pais e familiares na limpeza, na capina, no tocar fogo nas galhadas e com atividades de construção das roças.</p>	<p>comunidade. Mantendo uma relação de distanciamento com esses tipos de animais. O caxiri doce serve como alimento depois das refeições ou como um suco oferecido a visitas, o caxiri forte (fermentado) serve para ser usado no trabalho como uma forma de manter os trabalhadores mais espertos, e na festa para se alegrarem e começar a dançar. Na atividade da roça, os pais que escolhem o terreno, tipo de solo melhor para plantar, e tipo de vegetais (arvores) que irão ser derrubada, respeitam o espaço que estiver com árvores centenárias e madeira de lei (cedro, pau rainha e outros), então não destroem elas completamente. Ficam como ponto de referência dentro das roças, e quando derrubadas são usadas para fazer as casas. Observação do tempo é importante, e as técnicas utilizadas pelos mais velhos.</p>	<p>Valorização do trabalho familiar e comunitário. Aprendem a fazer um planejamento anual de das atividades que subsistência.</p>
Fev	<p>Os rapazes ajudam na derrubada da roça, preparam as capoeiras. Os rapazes fazem a limpeza da área, plantam e ajudam a fazer a farinha, além de buscar lenhas. As atividades das moças é ajudar os pais na limpeza da roça, ajudar a mãe na preparação dos alimentos e dar conta dos estudos. Em casa atividades é ciscar o quintal tocar fogo no lixo, lavar roupa, lavar louça e cuidar das crianças menores. Os meninos pescam e capinam o quintal.</p>	<p>Fazer uma roça nova serve para formação de trabalho do jovem para a vida, manter sua alimentação, sempre respeitando a natureza. As atividades domésticas são para socialização dos jovens com a família e suas obrigações para vida.</p>	<p>Respeito com a natureza valorização do trabalho familiar e da cultura aprende com os mais velhos seus compromissos e responsabilidades.</p>
Mar	<p>A participação dos jovens é ajudar os pais na plantação das sementes. Planta-se feijão, milho, melancia etc. é época de</p>	<p>Aprender o melhor tempo de plantar as sementes, o início do inverno é anunciado pelo canto da</p>	<p>Aprendem as técnicas de plantio e observação de melhor tempo para esta</p>

	mirixi. Ajudam os pais na pescaria, pescando o peixe na flecha ou no malhador, costumam brincar e participar de festejos realizados na escola ou na igreja.	cigarra.	atividade.
Abr	Estão envolvidos na semana da reflexão indígena um projeto da escola que envolve a comunidade e posteriormente todos que estão inseridos nela. Fazem grupos para a gincana. Os rapazes caçam pescam, as moças colhem frutos e fazem os derivados da mandioca e se preparam fisicamente para as competições de jogos indígenas. Ajudam na roça, plantando melancia e jerimum, e também fazendo limpeza nas roças.	Na semana santa é sagrada, a maioria não fazem esforço físico ou caçam e pescam, nem vão à roça, temem que aconteça algo com eles ou com seus filhos, tipo, quem pesca nesse período é comum ser ferrado por arraia, quem caça raramente encontra um animal, quem vai à roça se corta ou se machuca de alguma maneira a relação com a natureza é mais próxima, temem mais nesse período. Geralmente a semana de reflexão acontece nesse período, mas só comemoram um dia após, pois acreditam que é quando o espírito da natureza dorme.	Respeito com a natureza, e os parentes da comunidade, período em que se aproximam mais uns dos outros respeitando seus credos.
Mai	Participam no dia das Mães, festejo que é realizado pela escola e igreja e comunidade. Iniciam os ensaios de quadrilhas para a preparação das festas juninas.	A sete estrelas iniciam o inverno. O sol se posiciona ao norte. E início de inverno, nessa época é o começo da piracema, os peixes sobem ou desovam, as saúvas voam, as lagartas (atacam) comem folhas das manivas, e plantações nas roças, os veados saem nos campos, os patos, marrecos se reproduzem. Esse período esses animais ficam mais vulneráveis.	Respeito a natureza, cultura e tradições da comunidade.
Jun	Os jovens participam dos festejos juninos na terra indígena Manoá/Pium e no município de Bonfim, em competições que vale prêmio. As moças juntam-se para fazer caxiri, farinha, bolo, raspam buriti para fazer vinho para vender, para comprar ou alugar os vestidos da	Nesse período começam a colher o que plantaram no início do ano. A natureza começa a dar o retorno do trabalho.	A festa junina dentro da comunidade foi inserida pelos fazendeiros e professores não indígena que trabalhavam antes na comunidade. Mas atualmente é uma tradição

	<p>quadrilha. Os rapazes vendem o produto das roças para comprar a botina e o chapéu de palha.</p>		<p>da comunidade que principalmente os jovens não querem acabar por esse motivo se esforçam para manter, aprendem por meio dela levantar capital financeiro para si e para o grupo, através do esforço físico e pessoal.</p>
Jul	<p>Os jovens ainda estão envolvidos nos festejos juninos, nesse período os igarapés estão todos transbordando cheio e gera outra atividade que os jovens gostam, tomar banho no igarapé. Participam da reunião de organização da comunidade, e ajudam na limpeza coletiva organizada pelo tuxaua na comunidade. Ajudam os pais nos afazeres da roça, na pesca colocam malhador no igapó e colaboram nos afazeres da casa.</p>	<p>Há fortes trovoes e raios, devido às chuvas e ao inverno intenso. Os jovens tomam banho no igarapé e na chuva, os rapazes podem tomar banho tranquilamente a qualquer momento, já as moças se estiverem no período menstrual não podem, pois acredita-se que os espíritos da água pode sentir seu cheiro e assim se levantarem contra ela ou a qualquer pessoa que esteja acompanhando, a moça pode correr doída, ou mesmo cair na água e nunca mais voltar (o espírito da água o leva) , ou até mesmo o espírito da água pode flechar (é quando nasce tumor maior que o normal no corpo de uma pessoa) um de seus companheiros</p>	<p>Respeito com a natureza, com sua família e os parentes da comunidade.</p>
Ago	<p>Continuam as atividades da coleta de produtos da roça, para ajudar os pais, festejo do Dia dos Pais realizado pela comunidade, escola e igrejas, as mães fazem as festas dos pais juntos com os filhos. Fazem os comes e bebes, para a festa e os homens jogam de bola. Os jovens ajudam os pais na roça, pois é período de produção de farinha com mais intensidade devido ao festejo da farinha que acontece no mês seguinte.</p>	<p>Neste mês é recomendado que todos tenham cautela quando fazem seus trabalhos na roça ou mesmo quando andam nos caminhos (pequenos trechos feitos para ir de um lugar para outro) , pois este é o mês que as cobras atacam com mais frequência. É tempo de pragas de insetos,</p>	<p>Respeito com a natureza e a comunidade, valorização do trabalho familiar e da cultura aprende com os mais velhos seus compromissos e responsabilidades.</p>

Set	A principal atividade é festa da farinha, todos se mobilizam para o melhor acontecimento da festa. Alguns jovens fazem a recepção das pessoas que frequentam a festa, no período da festa alguns jovens se embriagam e usam produtos entorpecentes, mas a maioria se envolvem no jogo de futebol e futsal, corrida pedestre e outras competições do festejo que envolvem prêmios e é um meio de faturarem um dinheiro participando do evento, que são 3 dias de festa. Outros ajudam os pais nas vendas dos produtos agrícolas, damorida e caxiri, nas barracas durante a festa. A festa serve para arrecadar fundos para a comunidade. O envolvimento dos jovens é importante na organização da festa, na organização da torcida e da participação nos jogos contra outros times femininos, além de outras comunidades convidadas	Nessa atividade relação com a natureza esta lidada ao respeito com os animais e vegetais, ate que ponto se retira da natureza para ser vendida no festejo, ligado principalmente a necessidade de cada um.	Valorização da cultura e a tradição comunitária, saber observar e ter cuidado com os perigos que a vida oferece. Preparação deste jovem para lhe dar com o mundo interno e externo.
Out	Principal atividade o mês é comemoração do dia das crianças. Os jovens colaboram ajudando os professores e organizando as brincadeiras e as crianças.	A criança é vista como um ser abençoado, que atrai coisas boas, pra a família e para comunidade. Pois na brincadeira ajudam seus pais nos trabalhos da roça e de casa.	Valorização e reconhecimento das crianças como pessoa, no futuro serão grandes líderes na comunidade.
Nov	A Ferra do gado e atividade principal deste mês, os jovens do sexo masculino vão para a fazenda comunidade separa o gado derrubar os bois enquanto os mais velhos fazem a ferra, as moças juntamente com as mães fazem a comida na beira do curral. Limpeza e o cuidado com o cemitério da comunidade também é importante.	É época de fartura de peixe. Então este acaba sendo um dos principais alimentos em quase todas as casas, e nos trabalhos individuais e comunitários.	Aprender lhe dar e respeitar o conhecimento externo, a cultura do outro, seus credos e a coletividade.
Dez	Preparam para a festa de natal que é comemorado junto com as igrejas da comunidade. Os jovens participam da festa de natal fazendo as coreografias, cantam músicas no coral da igreja, e	É época de festejo na comunidade, os espíritos da natureza andam em meio ao povo, cuidando e punindo os que descumprem as leis naturais, não deixam as crianças andarem	Respeito com a natureza, e os parentes da comunidade, período em que se aproximam mais uns dos outros respeitando

fazem pequenos teatros relacionados ao tema do mês.	sozinhas, pois estes espíritos adoecem as crianças.	seus credos entre as famílias
---	---	-------------------------------

Neste calendário estão as principais atividades dos jovens, durante os meses do ano, porém, há atividades que são executadas diariamente como jogar bola, três ou quatro vezes por semana, pescar, três ou quatro dias por semana vão a roça ajudar os pais ou cuidar das suas próprias roças. Três vezes por semana vão à igreja, uma vez no mês participam das reuniões ordinárias da comunidade.

Os valores, costumes e crenças são passados de geração para geração por seus familiares, porém, nos deparamos com a ausência desses ensinamentos. Cada indivíduo está condicionado à cultura do meio social em que está inserido. É muito comum encontramos pessoas que desvalorizam a fala de até mesmo os costumes de outra. Porém, este indivíduo não pode fugir de sua realidade.

Esses processos de formação social dos jovens na comunidade Manoá, especificamente sobre o conhecimento indígena e de como são preparados para vida social estão organizados juntamente com a família. Isto implica em descrever as atividades: domésticas, agrícolas e todo o processo dessa formação para a sociedade futura. E isso traz um debate e uma preocupação sobre identidade e conhecimentos que são adquiridos com a chegada da tecnologia e outros no local.

A preocupação com a identidade não é nova. Podemos dizer até que a modernidade nasce dela e com ela. O primeiro nome moderno da identidade é a subjetividade. O colapso da cosmovisão teocrática medieval trouxe consigo a questão da autoria do mundo e o indivíduo constitui a primeira resposta. O humanismo renascentista é a primeira paradigmática da individualidade como subjetividade. Trata-se de um paradigma emergente se cruzam tensionalmente múltiplas linhas de construção da subjetividade moderna. [...] (SANTOS, 2003, p. 32-33).

A pesquisa do calendário sacionatural nos possibilita discutir diversas formas de conhecimento dos povos indígenas, mas eu me propus a refletir sobre os jovens indígenas da comunidade, especificamente em suas atividades sociais para discutir como o conhecimento, a partir dessas atividades, está sendo repassado. Isto também permite discutir como o jovem é visto pelas sociedades.

Para entender estes pontos Repetto e Carvalho (2015), destacam que os estudos das atividades humanas propostas pela teoria da atividade, permitem compreender aspectos profundos da vida humana, bem como as estruturas que os organizam, os objetivos, as motivações, as ações humanas específicas, a mediação entre sociedade e natureza, como nas dimensões simbólicas, técnicas e procedimentos, a sequência lógica

das ações, as operações que formam e estruturam uma atividade de acordo com lógicas históricas e cultural de cada sociedade.

Assim as atividades se transformam em unidades de reflexões e análises, onde uma simples atividade realizada pelos jovens na comunidade pode vir a ser analisada, explicitada e explorada, tornando considerável a reflexão da realidade social, bem como uma proposta de valorização da realidade local.

Neste sentido a proposta indutiva toma como ponto de partida a experiência empírica do conhecimento indígena para refletir o que é cultura e como isso vem sendo discutido na comunidade. Nessa reflexão o MII surge da aplicação da TA ao contexto indígena, ou seja, a perspectiva prática de estudo social dos jovens.

O MII debate o conceito de cultura, estrutura conceitual que apresenta noções que podem discutir os conceitos na explicação da realidade desses jovens nas comunidades indígenas e podem ser explicitados para compreender as condições da vida na comunidade, seu processo histórico e as mudanças sociais que ocorreram e ainda ocorrem. Pois, para essa concepção, os povos indígenas aprendem o conhecimento integrado na prática, com os pais na hora que lhe pedem para fazer algo, não separando o conhecimento das atividades cotidianas, alinhando assim na teoria da atividade de Vigotski.

Podemos entender que este conceito busca compreender as sociedades e o meio em que vivem com seu universo de mundo no seu modo de vida cotidiano, buscando na natureza a satisfação de suas necessidades, pois sempre há uma finalidade diante delas. Isso demonstra a sua relação com a natureza mediante as diversas ferramentas de transformação, entre elas a cultura que é o resultado desta mediação. (REPETTO; CARVALHO, 2015)

Para os autores o entendimento do conceito de cultura parte justamente da expressão das atividades sociais “la cultura no es estática y encuentra su máxima expresión em la realización concreta de las actividades sociales.” (REPETTO; CARVALHO, 2015).

Neste sentido propõe uma visão sintática de cultura, em que se entende por cultura parte da relação social com a natureza, e sem ela não se pode entender a sociedade. A natureza e a cultura em si não podem ser isoladas do entendimento que os homens construíram a partir delas. Ou seja, o estudo da natureza não pode ser realizado separadamente da ação humana, uma vez que os povos indígenas da Amazônia, onde as formas produtivas capitalistas ainda não terminaram com seus próprios sistemas,

também construíram relações adaptadas e complexas de sistemas simbólicos que nos falam de diferentes naturezas e humanidades. (GASCHE, 2004)

Andrade faz uma análise sobre o tema, com os jovens da comunidade Maruai em 2016, e promove a discussão sobre as intervenções que ocorre na formação social deles, onde fala do que ocorre com a sociedade.

Diante desses processos sociais e históricos, ainda se percebe o resquício na maioria das comunidades indígenas, e por ser muito recente essa retomada de seus espaços, “a terra onde vivem”, ou seja, as experiências que tiveram desses contatos tais como as violências, maus tratos, trabalhos escravos, a desvalorização de suas línguas, de seus costumes, de suas maneiras de viver, toda este contexto histórico os deixa em uma situação aflitiva nessa transição social. (ANDRADE, 2016, p. 112).

Contudo as formações sociais dos jovens perpassam, dentre seus convívios comunitários e familiares, na interação das atividades com os mais experientes, entre a escola e a igreja. Porém, consideram as orientações das regras de seus convívios e os valores que são repassados no contexto em que estão inseridos.

Diante de todo o estudo realizado na pesquisa, foi possível compreender a importância do ensino e da cultura como processo de formação social do indivíduo, tornando claro e evidente a necessidade de trabalhar a cultura no contexto familiar e comunitário, visto que este tem como finalidade transmitir valores éticos, além de formar cidadãos críticos, reflexivos para atuar na sociedade dentro e fora da comunidade.

3. APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO DO MÉTODO INDUTIVO INTERCULTURAL COMO ESTUDO E APRENDIZAGEM NAS ATIVIDADES SOCIAIS DOS JOVENS DA COMUNIDADE INDÍGENA MANOÁ.

Durante a pesquisa de campo, pude observar que algumas alunos (as) compartilham seus conhecimentos e suas experiências uns com os outros, então em um pequeno espaço de tempo pude também falar da minha vida, dentro da comunidade e dos conhecimentos que adquiri durante o tempo que lá permaneci, sendo uma macuxana (uma palavra criada para chamar a mistura de macuxi e wapichana), da minha infância, até os dias atuais, do fato de ser indígena, por sempre estudar em escola pública (a escola em que hoje faço a pesquisa), em ser pertencente do povo Macuxi e wapichana, e atualmente como estudante do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira na Universidade Federal de Roraima, mãe, professora e membro daquela comunidade.

Usando essas estratégias para romper a visão preconceituosa que se tem contra alguns jovens da comunidade que são julgados pelo fato de não seguirem algumas regras, tentei apresentar uma visão, para os jovens, de que o povo indígena é vencedor, que não é um povo atrasado e que só atrapalha o desenvolvimento do estado como falam algumas mídias, motivando-os sempre a seguirem os conselhos dos pais e a praticarem a cultura e o respeito uns com os outros.

3.1 MÉTODO INDUTIVO INTERCULTURAL

O Método Indutivo Intercultural norteia o debate sobre educação escolar indígena o que inclui também a visão de mundo e a percepção que tenho enquanto professora-pesquisadora, pois esta pesquisa não só contribui para ensino aprendizagem em sala de aula como também contribui com a comunidade, de forma geral, traz uma grande contribuição para repensar o modelo de ensino na comunidade indígena.

Neste sentido, foram desenvolvidas pesquisas no MII, que nos induzem a repensar e a nos perguntar, o que é o conhecimento indígena? E para responder esses questionamentos, olhamos para as juventudes indígenas, para nossas práticas didáticas e pedagógicas, e ainda assim nós continuamos a nos perguntar se realmente tem se concretizado a valorização da educação escolar indígena e como podemos contribuir na educação e formação dos nossos jovens.

Para Bertely (2011), o Método Indutivo Intercultural nos traz a noção de pescar os conhecimentos próprios das atividades sociais em que estão inseridos os povos indígenas. O calendário sacionatural representa a rede com a qual se pescará os saberes tradicionais e, a partir deles é que se efetivará o processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Repetto (2016), os indicadores baseados nas atividades sociais e na natureza contidos no calendário sacionatural evidenciam a relação sociedade-natureza, e funcionam como avisos dessa relação, portanto eles indicam e mostram essa relação. Tendo em mente que cada comunidade indígena tem suas particularidades, o método consiste em analisar as atividades cotidianas das comunidades indígenas e os indicadores da natureza construindo assim um calendário sacionatural próprio, por meio de pesquisas colaborativas realizadas por professores e alunos.

Na temática da interculturalidade tratamos de diversos conceitos construídos ao longo de décadas, que hoje carrega em si uma ampla discussão com diversos autores e

pesquisadores que nos motivam a pensar que essa é uma alternativa para melhorar cada vez mais a educação indígena. “A interculturalidade ainda não tem uma definição por um conceito, mas como um campo de debate e reflexão, o qual está diretamente inter-relacionado com as relações sociais” (TEXEIRA, 2019. p. 56)

Em Roraima, o Método Indutivo Intercultural nas áreas das Ciências Sociais no Instituto de Formação Indígena Inskiran-UFRR, tem sido um campo de debate, tanto dos alunos como dos professores formadores (na graduação na qual eu fiz parte), e na pós-graduação junto ao PPGSOF – UFRR, da qual mais uma vez faço parte com muito gosto e prazer, pois sei o quanto isso vai contribuir na educação para os povos indígenas e com o crescimento do debate na área da educação escolar indígena, bem como do seu uso em sala de aula.

Vamos abordar o histórico da construção da proposta educativa Método Indutivo Intercultural desde as reflexões em Roraima, para depois centramos nas experiências obtidas e posteriormente no tema desta pesquisa que também abrange a construção desse debate nas escolas indígenas. Percebendo os êxitos e as dificuldades dos primeiros experimentos nesse campo de pesquisa.

O livro “Pibid Licenciatura Intercultural: pesquisa do Calendário Cultural e formação de professores em Roraima” dos organizadores Repetto, Carvalho e Santos (2018), reúne experiências de pesquisa educativas realizadas no estado de Roraima, e tem apontado o início do processo de estudo sobre cidadanias interculturais na perspectiva do Método Indutivo Intercultural, com diálogos com a Rede de Educação Indutiva de Educação Intercultural (REDIIN), do México. A REDIIN era formada inicialmente por Maria Bertely, pesquisadores associados e professores indígenas em colaboração com pesquisadores de vários estados mexicanos e de outros países, dentre eles Jorge Gasché, que se destacou anteriormente, como precursor do MII, com longa atuação na Amazônia Peruana (REPETTO; CARVALHO 2018).

Os programas e propostas que deram suporte a esse projeto de pesquisa foram: o programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o subprojeto PIBID de Licenciatura Intercultural, o programa de Educação Tutorial: PET INTERCULTURAL, o PROEXT (2013), que envolveu estudantes indígenas do curso de Gestão Territorial Indígena. (REPETTO; CARVALHO; SANTOS, 2018, p. 9)

Cada ano que passa o projeto vem se fortalecendo segundo os autores, pois a cada pesquisa aprendemos algo novo, e isso é verdade, quando iniciei a pesquisa tinha

apenas cinco indicadores das atividades sociais, atualmente temos sete que norteiam a direção da pesquisa.

Relatamos diferentes atividades voltadas para integração dos projetos das quais destacaram: oficinas pedagógicas em comunidades indígenas, cursos de extensão, na escola e comunidade, realização de diagnóstico nas escolas indígenas e reuniões dos grupos de pesquisa. Com objetivo de colaborar com a educação indígena nas comunidades em experiência na área da educação e principalmente na formação social de jovens e crianças inseridos nela.

As atividades realizadas tanto na UFRR, quanto nas comunidades, visaram fortalecer os esforços de formação e organização dos cursos de extensão realizados em escolas e comunidades indígenas, com a finalidade de formar bases do Método Indutivo Intercultural e orientar os trabalhos dos estudantes, tanto na dimensão teórica, como no planejamento dos trabalhos de pesquisa nas escolas. (REPETTO; CARVALHO; SANTOS, 2018).

Ainda, relatando sobre o início das pesquisas no viés no Método Indutivo Intercultural em um artigo intitulado “Experiencias de investigación educativa intercultural en la formación de maestros indígenas, Brasil” de Repetto; Carvalho (2015), os autores ressaltam:

La realización de investigación educativa há sido um desafio en el proceso de formación de maestros indígenas. Pasamos por vários momentos, en los que el equipo de investigadores y formadores también aprendió del método utilizado, a partir de una experiencia de colaboración y aprendizaje mutuos. (REPETTO; CARVALHO, 2015, p. 51)

A construção da proposta educativa do Método Indutivo Intercultural, segundo os autores passou por vários momentos de aprendizagem juntos aos professores indígenas. A pesquisa se iniciou com o calendário cultural das comunidades que visavam à identificação das principais atividades sociais e produtivas, conforme sua relação com a natureza, a partir desses estudos das atividades e de sua relação com a natureza, se determinavam os conhecimentos sobre animais e vegetais, sistemas astronômicos e climáticos. (REPETTO; CARVALHO, 2015)

Baseado na Teoria da Atividade, o MII apresentado por Gasché (2008), organiza o conhecimento indígena a partir do dia a dia das pessoas na comunidade pesquisada e da sua relação com a natureza. Além de tomar como ponto de partida a experiência vivida do ser humano e de induzir a uma reflexão profunda sobre a definição de cultura, pois no método as atividades sociais são as ações do ser humano.

3.2 ANÁLISE DA TEORIA DA ATIVIDADE NA FORMAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS NA COMUNIDADE MANOÁ

A Teoria da Atividade (TA) é situada em atividades humanas. Aprendizagem enquanto sistema de determinados tipos de atividade cuja realização conduz a novos conhecimentos e práticas, cujas ocorrências são manifestadas sempre em condições sociais e históricas em que se realizam (CAMARGO, 1997).

A TA é uma linha teórica e de pesquisa interdisciplinar proveniente da psicologia sócio-histórica e cultural russa, iniciada nos anos 1920 e 1930 pelos psicólogos Vygotsky, Luria e A. N. Leontiev (CASSANDRE; BULGACOV; CAMARGO, 2011; ENGSTRÖM; SANNINO, 2010).

As atividades sociais mais significativas realizadas entre os jovens do Manoá seguem as orientações e as regras específicas de cada etnia, às vezes com algumas variações as quais foram colocadas anteriormente, são orientados pelos mais velhos, ou seja, os mais experientes dessas atividades e seguidos pelos mais novos (jovens). A partir das anotações, vimos como os cuidados e o respeito para com a natureza tem se mantido na comunidade.

A convivência entre eles, e suas relações intercomunitárias, suas maneiras de viver fazem desses moradores, sujeitos mais próximos da natureza e ao mesmo tempo, sujeitos intrínsecos com o externo através da mídia que também faz parte de suas realidades. Sendo que, são indiscutíveis as apropriações dos materiais disponíveis no meio ambiente em que vivem para suprir suas necessidades.

No contexto de interação com os moradores, pais e avós os jovens aprendem e conhecem o que a natureza disponibiliza em cada época, mês, espaço e lugar, ou seja, no meio ambiente em que vivem. E entre eles mesmos aprendem a tratar com a tecnologia que lhes são apresentados.

Atualmente todos na comunidade aprendem que para tudo que há existe uma origem e um significado, isto é repassado para os jovens, pois é necessário que todos conheçam os significados que a natureza traz como conhecimento, para isso, deve-se ficar bem atento para conhecê-la, isto é, saber quando é o tempo das frutas, dos animais que se alimentam dela, devem conhecer quais animais e suas procriações, se o período é propício para a caça. Seguem as orientações e as tradições que seus pais o repassaram, os conhecimentos têm-se mantido em algumas famílias pela necessidade.

Estas relaciones antes que nascemos, y cuándo nascemos entramos em estas relaciones, las assumimos, es decir, assumimos una tradición promovida por la transmisión, la interacion y los intercâmbios y que abarca, a la vez, el marco social (el conjunto de las relaciones sociales) y las conductas (productivas, sean éstas verbales, comunicativas o gestuales, técnica), que, junto con los productos, constituyen el conjunto de fenômenos observables – pasajeros, reiterativos (repetidos) o duraderos – que llamamos de cultura (GASCHÉ e MENDOZA, 2011, TOMO I, p.68).

Para entender essa realidade, continuamos com estudo das atividades significativas dos jovens, buscamos, em conjunto com os alunos e professores da escola Nossa Senhora da Consolata, visualizar as atividades sociais que já havíamos descrito no calendário sacionatural. Em seguida analisarmos alguns, seguimos as orientações da Teoria da Atividade com ênfase na análise dos elementos estruturantes como primeira ação.

Dentre todas as atividades sociais apresentadas no calendário sacionatural, as mais sugeridas para análise foram escolhidas pelos alunos. Para realização dessas atividades foram desenvolvidas oficinas na comunidade com o acompanhamento dos professores (2020), a partir dessas sugestões iremos aprofundar nosso estudo com intuito de mostrar a importância da atividade na vida social desses jovens.

Como referência ao que propomos, utilizaremos a teoria de Leontiev (1985), o qual afirma que não são os conceitos e sim a atividade real que une o sujeito com a realidade e, é isso que determina o desenvolvimento da consciência. Leontiev investigou a atividade social a fim de demonstrar que o desenvolvimento humano psíquico encontra sua expressão na atividade psíquica como forma peculiar da atividade humana, ou seja, o processo de formação do sujeito se dá através das relações sociais com outros, sem perder de vista a mediação das atividades (trabalho) de seu contexto social e cultural.

De acordo com os autores, as teóricas ações são direcionadas a objetivos e metas somente o objeto da atividade coletiva, e não os objetivos das ações pode explicar o porquê de uma ação. A separação entre objetivo de uma ação e objeto da atividade cria uma relação dialética, atividades não podem ser entendidas sem ações e ações não podem ser compreendidas sem atividade.

Para compreendermos que é através das atividades que a sociedade faz a mediação com o mundo, buscamos fazer as análises das atividades significativas com o propósito de explicitar a educação indígena entre os jovens do Manoá. São na análise do passo a passo destas atividades cotidianas, que podemos associá-los as suas formações

sociais, ou seja, é praticando e interagindo durante as atividades que as pessoas aprendem as regras, os limites e suas potencialidades.

Leontiev (1985) considera a atividade humana como o processo que media a relação entre o ser humano (sujeito) e a realidade a ser transformada por ele (objeto da atividade). Essa relação é dialética, uma vez que não é só o objeto que se transforma, mas, também, o sujeito, ocasião em que se produzem mudanças em sua psique e em sua personalidade. A atividade é o modo, especificamente humano, pelo qual o homem se relaciona com o mundo. É um processo no qual se reproduz e se transforma, de modo criativo, a natureza, a sociedade e o próprio sujeito, com base na realidade objetiva mediada pela prática. A atividade representa a forma básica, sócio normativa e assimilada do ser humano. A assimilação da experiência acumulada pelo homem não é só um processo de adaptação ao meio, e sim também um processo ativo de transformação (NUÑES, 2009, p. 64).

Com o intuito de compreender a interação dos sujeitos com as atividades e o meio, e de como são utilizados os conhecimentos, passamos a analisar os trabalhos que repetitivamente são executados pelos jovens juntamente com suas famílias sob a orientação dos professores da comunidade. Para isso, os professores e alunos da escola Nossa Senhora da Consolata indicaram as atividades mais significativas entre eles que é: fazer roça, fazer farinha, pescaria, jogar bola, tomar banho no igarapé, e ir à igreja. Sendo que na comunidade, durante o ano, se realizam várias atividades, mas essas são as principais entre eles.

Quanto à escolha, segundo eles, são as que mais lhes interessam, são as mais vivenciadas, ou seja, as que eles participam do processo ou veem como atividades principais. Nos grupos de análise, a participação dos alunos foi bem interessante, quanto à identificação de quem faz o quê. Os professores conduziam a discussão da análise e colaboravam na sistematização das ideias.

Segundo Cedro e Moura (2012), Leontiev fala da atividade individual e essa somente existe num sistema de relações sociais, cujo ponto central é o trabalho. Partindo dessa concepção, as atividades sociais surgidas na comunidade são vivenciadas e realizadas a partir de suas necessidades sociais e do contexto em que, eles vivem.

Leontiev apresenta três concepções de análises das atividades que ele chamou de *níveis da atividade*.

O primeiro nível corresponde à atividade que é orientada pelo objeto / motivo e é realizada pela comunidade. Já o segundo nível é representado pela ação, a qual é orientada pelo objetivo e realizada pelo indivíduo ou grupo. Finalmente, o último nível corresponde à operação que é orientada pelas condições e realizada por meio de rotinas humanas ou mecânicas (CEDRO e MOURA, 2012, P46).

Partindo dessas orientações passamos a fazer uma análise de uma das atividades sugeridas em conjunto com os professores e alunos, esses sujeitos

participaram dessa experiência, por meio da escola, e irão continuar com esse estudo das atividades do calendário socionatural.

Para explicar melhor esses conhecimentos analisamos o passo a passo das atividades identificando os conhecimentos indígenas e culturais. Analisando todo o processo de estudo e de formação cultural e social.

3.3 TEORIA DA ATIVIDADE E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO SOCIAL

Para entender a realidade no todo, continuamos com estudo das atividades significativas, buscamos em conjunto com os alunos e professores e a comunidade visualizar as atividades sociais que já descrevemos no calendário socionatural, para em seguida analisarmos alguns, seguimos as orientações da Teoria da Atividade.

Para a realização dessas atividades foi desenvolvido uma oficina na comunidade com acompanhamento de Repetto, Douglas e outros professores colaboradores (2019/2020), a partir dessas sugestões iremos aprofundar nosso estudo com intuito de mostrar a importância da atividade na vida social das pessoas.

Na comunidade, durante o ano, realizam-se outras atividades, mas no momento da escolha eles indicaram essas. Quanto à escolha, segundo eles, são as que mais lhes interessavam, são as mais vivenciadas, ou seja, a que eles participaram do processo ou como trabalhos principais. Nos grupos de análise, a participação dos alunos foi bem interessante, quanto à identificação de quem faz acontecer todo o processo das atividades.

3.3.1 Atividade Social 1: Fazer Roça

A apresentação da atividade social é derrubar a mata para plantar e ter seu material de subsistência durante um ano, o motivo em sentido amplo, refere-se a um fim social.

Sendo assim a composição dos elementos está distribuída da seguinte maneira segundo a análise da Teoria da Atividade.

a) Elementos estruturantes:

Necessidade: Produzir alimento para o consumo da família ou ter produto para troca das suas necessidades pessoais.

Motivo: Derrubar as árvores, pra facilitar a queimada e plantar os alimentos.

Pode ser realizada em família ou em grupo coletivamente

Objeto: Ter uma roça, espaço para plantio.

b) - Análise dos elementos de mediação

Objetivo: Produzir alimento para subsistência.

Objetivos específicos: Organizar as finalidades para que as ações sejam concretizadas, que devem estar claras e dentro de uma sequência lógica. 1- escolher um terreno; 2 – marcar o espaço, para que não prejudique a mata; 3 – brocar a mata; 4 – derrubar roça; 5 – deixar secar; 6 fazer acero, a mata; 7 - queimar roça 8 –coivarar a roça, 9 – plantar as sementes que dão fruto mais rápido; 10 – plantar maniva e macaxeira; 11 - esperar o tempo certo da colheita; 12 – limpeza da roça

Sujeitos - Todos são envolvidos crianças, jovens, homens, mulheres avôs e avós.

Instrumentos - Os instrumentos são: facão, foice, marchado, motor serra, enxada que os sujeitos utilizam para fazer a mediação e realização das atividades.

Comunidade – Todos os sujeitos que participam direta ou indiretamente na realização da atividade.

Regras - em todas as atividades há regras, normas da natureza ou que a própria comunidade possui as quais devem ser levadas em consideração.

Divisão do trabalho - o chefe da família convida sua esposa para escolher o local da roça, depois levam os filhos mais velhos, jovens entre 13 a 18 para brocar, depois o pai em momento de ajuri convidando os amigos para fazer a derruba da roça com presença somente de homens. Para coivarar e plantar, todos são envolvidos, como por exemplo, as crianças a partir de 8 anos, até os velhos de forma coletiva, as atividades são feitas muito rápido para sobrar tempo para fazer outras atividades dentro da comunidade, mas essa atividade também pode ser realizada individualmente, só que demora um pouco mais para ser concretizada, mas sempre há quem inicia a atividade e convida outros a participarem.

Para a escolha da roça os idosos, homens e mulheres, escolhem um local e conversam com a natureza, as plantas e o local, pedindo permissão para modificá-la, e pedindo que seja um local de fartura, sendo que aquele espaço também será de caçada, onde os homens fazem a espera (atam a rede no alto da árvore e esperam os animais como cutia, veado, porco do mato, macaco e outros que irão comer os legumes das roças para matar).

Resultados esperados – produção de produtos, alimentação garantida.

Nessa relação primária, entre o sujeito e o objeto, como descrito por Repetto e Carvalho (2016), as ações são mediadas pelos instrumentos que durante a realização completa-se com outros elementos, as regras, que são postas na execução da ação e a divisão dos trabalhos pelos sujeitos que realizam as ações específicas para concretizar certos resultados.

c) Na **sequência lógica ou passo a passo**, nos mostrará como é feito a operacionalização, como são utilizados as técnicas, a metodologia, o momento certo em que tudo acontece e se transforma para atender a necessidade social ou biológica. O conhecimento cultural próprio da comunidade.

Ação 1 - *escolher um terreno*: deve-se levar em consideração o tipo de solo, e a mata os tipos de árvores que existem no local.

Ação 2 - *marcar o espaço* - aqui utilizam a ferramenta como terçados. Os sujeitos devem saber o tamanho certo que vai ser derrubado, isto é, de acordo com a demanda da necessidade de sua família. Marcando com cortes nas árvores delimitando o tamanho certo.

Ação 3 - *Brocar a mata*, para esta atividade os sujeitos envolvidos são os filhos do sexo masculino, a partir de 10 anos, e femininos, a partir de 13 anos, junto com os pais. Usam as ferramentas como foice e machado para cortar o mato e derrubar as árvores mais finas.

Ação 4 – *derrubar roça*: Esta atividade só os homens que fazem, jovens do sexo masculino a partir dos 16 anos, as mulheres, jovens do sexo feminino, a partir dos 13 anos ficam em casa preparando o alimento. Os homens derrubam as árvores com motosserra quando tem, ou com machado na força do braço.

Ação 5 – *deixar secar*: depois de brocar a roça, derrubando os galhos mais finos, os que ficam embaixo das maiores árvores derrubadas, deixam o mato secar. Preparando para a queimada. Os pais observam como está sendo o procedimento que a própria natureza aprontou, atentando com as folhas secas das árvores para não caírem todas no chão pois isso pode prejudicar na hora de queimar a roça.

Ação 6 – *Acerar roça*: nesta atividade os jovens são envolvidos, junto aos homens e mulheres. Usam machado e terçados para cortar os galhos caídos na beira da roça e jogar para dentro do limite onde será queimado para não queimarem as árvores que não foram derrubadas.

Ação 7 – *queimar a roça*; nessa atividade apenas uma ou duas pessoas fazem todo o processo colocando fogo em todos os cantos estratégicos para queimar bem a roça. Usam isqueiros ou fósforo.

Ação 8 – *coivarar roça*: quando a roça não queima bem, ou quando a queimam antes do período certo ficam os restantes dos galhos no meio da roça. Então é quando reúnem todos da família, principalmente os jovens, para levarem seus alimentos e bebidas como o caxiri para retirar os pequenos galhos que não queimaram, jogando-os para a beira da roça, em pontos estratégicos, pois este mais tarde vai ser usado como lenha para fazer a farinha.

Ação 9 – *Plantar*: nesta atividade, os jovens, homens e mulheres, ajudam os pais, cavando as covas para colocar as sementes na terra, nestas atividades usam inxada, enxada ou terçados.



Foto: Alan Trindade Douglas – Jovens fazendo o plantio de mandioca na roça escolar, 2018.

Ação 10 – *esperar o tempo da colheita*: nesse período todos usam a roça do ano anterior enquanto a roça nova, como é chamada, fica pronta para colher. Depois do período caçam, pescam e se divertem com os amigos na comunidade e ajudam os pais.

Ação 11 – *limpeza da roça*: esse ocorre em períodos de três em três meses, quando o mato começa a crescer na roça os pais convidam os parentes e os jovens do sexo masculino para capinar a roça em forma de ajuri que é quando se reúnem para fazer

trabalhos solidários uns para os outros com bebida regional e damorida. Fazem essa atividade até a roça estar pronta para colheita.

Considerando a análise acima iremos utilizar o esquema “sistema de atividade”, que foi elaborado por Engestron (1987), para apresentar como os elementos estruturantes se relacionam com os elementos de mediação. Na tabela abaixo vou tentar mostrar o esquema apresentado.

A tabela apresenta um resumo dos elementos que formam os sistemas de atividade. A análise desse quadro indica que há semelhanças entre os dois sistemas de atividade como o **motivo (objeto)** do trabalho, os **resultados** buscados e os **artefatos mediadores** do processo grupais e teorias da educação indígena como as **regras**, os compartilhamentos das atividades e decisões.

Atividade social 1: Fazer Roça

Componentes do sistema de atividade.	Educação indígena/ conhecimento indígena	Formação social dos jovens
Sujeitos	Pais e avos ensinam o cuidado com a natureza e o modo de subsistência dentro da comunidade e fora dela	Jovens aprendem os cuidados com a natureza e os valores repassados de geração a geração através da oralidade
Motivação	Ter alimento para consumir e vender quando for preciso comprar algo que não tenha na comunidade.	Quando a fome e a necessidade de se manter é a maior motivação de se fazer a roça aprendem que a ser mais compreensivos com os pais e colaborar nos seus deveres.
Objetivo	Fazer roça para se alimentar	Ajudar os pais uma forma de colaborar com o trabalho que servirá a todos.
Artefatos mediadores	Teorias e práticas como o homem age na natureza e vice versa / machado, foice, terçado, enxada, motor serra.	Os artefatos são apenas para uso do trabalho, da coleta da caça e pesca.
Comunidades	Avô, avó, pai, mãe, filhos, parentes e conhecidos da família.	Jovens de 15 a 18 anos que pretendem formar família ou que já têm as suas.
Regras	Seguir as normas da natureza ou que a própria comunidade e lideranças criam para o cuidado com a natureza.	Compartilhamento de Decisões, planos, discussões que servirão pra suas vidas Aprender a ser objetivo naquilo que vai fazer. Entender como é viver na comunidade
Divisão do trabalho	Todos os elementos da comunidade participam das decisões e	Os jovens participam das decisões e planejamentos, realizados em cada

	planejamentos, realizados em conjunto.	grupo onde trabalham para atingir seus objetivos. Saber trabalhar em grupo.
Resultados esperados	Ter produtos, alimentação garantida. E fazer circular dentro da comunidade os meios de troca e ter capital financeiro para se manter dentro e fora da comunidade.	Entender que tudo ao redor é uma forma de aprendizagem para a vida em sociedade. Que a comunidade e terra pode oferecer tudo que querem.

3.3.2 Atividade Social 2: Festa Junina

A apresentação da atividade social é manter a tradição comunitária entre jovens, criar meios de levantar capital financeiro para o grupo de competições, através do esforço físico e pessoal, ou seja, há um fim social.

Sendo assim a composição dos elementos está distribuída da seguinte maneira segundo a análise da Teoria da Atividade.

a) Elementos estruturantes:

Necessidade: Manter a tradição e cultura social

Motivo: valorização da manifestação cultural

Objeto: festa junina

b) - Análise dos elementos de mediação

Objetivo: Preservar, fomentar a cultura local.

Objetivos específicos: Preparo para competição cultural na comunidade e fora dela. Organizar as finalidades para que as ações sejam concretizadas, e estejam claras e dentro de uma sequência lógica. 1- Brincantes se manifestam por meio de convite ou espontaneamente; 2 – escolhe a diretoria; 3 – reuni-lo para informar as regras, escolher um tema a ser apresentado; 4 – Angariar fundos para a realização da festa e suas necessidades; 5 – ensaios de coreografias com cronogramas; 6 – montagem das roupas; 7 – montagens do figurino e parte cênica 8 – apresentação ao público; 9 – fazer avaliação dos acontecimentos, analisando o que deu certo e o que deu errado, e as propostas para o ano seguinte; 10 - confraternização final com a prestação na comunidade;

Sujeitos – Homens, mulheres, jovens e crianças.

Instrumentos – caixa de som, cd com músicas juninas, pen-drive, notebook, microfones, chapéu de palha, vestidos de quadrinha, sapatilhas, botina e maquiagens.

Comunidade – todos os sujeitos participam direta ou indiretamente na realização da atividade prestigiando ou inserido na mesma.

Regras – quem participa tem que respeitar o ambiente, os brincantes, não ingerir bebida alcoólica nem drogas ilícitas, todos são iguais, sem discriminação e preconceito.

Divisão do trabalho – a diretoria monta as regras e repassa aos brincantes, o presente da quadrilha toma as principais decisões, como orçamento geral, e participa de reuniões em outras comunidades para tratar das competições, o tesoureiro faz a precificação em planilhas e é responsável pela compra de todo o material da quadrilha junto com o presidente, os brincantes são fundamentais para que haja um resultado positivo, ajudam na montagem do cenário são responsáveis em divulgar a quadrilha, manter animação e a união do grupo.

Resultados esperados – que todos se destaquem em competições na comunidade, no município ou no estado, com esforço de todos os sujeitos.

c) Sequência lógica ou passo a passo

Ação 1 - *Brincantes se manifestam por meio de convite ou espontaneamente;* os brincantes se manifestam para fazer a festa junina, geralmente são os jovens que fazem os convites uns aos outros ou em cartaz na escola, juntamente com alguns professores. Não há limitação para quantidade de casais..

Ação 2 - *escolhe a diretoria* – todos os inscritos se reúnem para fazer essa escolha por meio de voto, são colocados os que mais se destacam no meio ou que acreditam que tenham responsabilidade com o grupo. Conforme a quantidade de votos, o mais votado é o presidente, o segundo é o organizador geral responsável pelo convite dos dias de ensaio e o terceiro é o tesoureiro.

Ação 3 - *informar as regras escolher um tema a ser apresentado,* para esta atividade os sujeitos envolvidos colocam suas sugestões o que mais for relevante no meio é o que todos seguem.

Ação 4 - *Angariar fundos:* os jovens fazem caxiri para vender nos finais de semana, fazem bingo, leilão de animais doados, vendem bolo e pão, fazem torneio de futebol com taxa de inscrição e prêmios beneficentes,

Ação 5– *ensaios de coreografias com cronogramas:* essa é uma regra que todos devem seguir, respeitando os dias de ensaio e o horário de início e término da atividade.

Ação 6– *montagem do figurino e parte cênica* nessa atividade é envolvida as costureiras da comunidade para fazer as roupas (masculino e feminino), homens e mulheres do grupo são responsáveis por buscarem materiais para fazerem o cenário.

Ação 7– *montagem das roupas*: A costureira faz conforme o pedido de cada brincante ou eles mesmos colocam algum detalhe que querem em suas roupas.

Ação 8– *apresentação ao público* nessa atividade todos do grupo fazem o melhor para apresentar e alegrar o público com o que foi ensaiado durante os meses anteriores.

Ação 9– *fazer avaliação* todos se reúne, na escola ou no malocão, para analisarem os acontecimentos durante a trajetória de ensaios e apresentações. É nesse momento que é chamado a atenção dos jovens para erros acontecidos como a desobediência com grupo com os pais e com a comunidade. O que acontece de bom, também é debatido para que se repita melhor ainda no ano seguinte.

Ação 10– *confraternização final com a prestação na comunidade*; escolhem uma data para esta atividade, onde todos participam, os católicos fazem o caxiri para a comemoração e a realização da festa, os evangélicos apenas prestigiam as apresentações. Enfim todos se envolvem.

Atividade social 2: Festa Junina

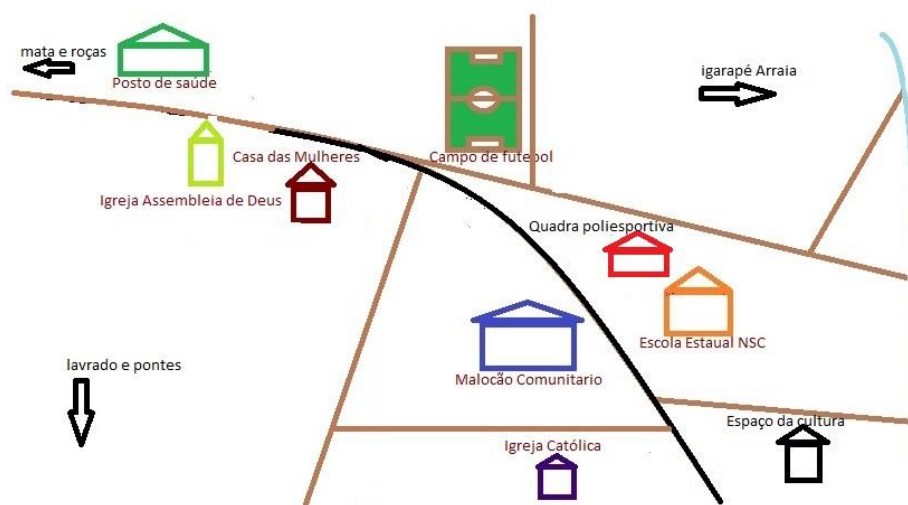
Componentes do sistema de atividade.	Educação indígena/ conhecimento indígena	Formação social dos jovens
Sujeitos	Professores, Homens, mulheres, jovens e crianças e alunos passivos da escola que incentivam os mais novos para a cultura dentro comunidade e fora dela.	Jovens aprendem os cuidados coma natureza e os valores repassados de geração a geração através da oralidade
Motivação	Valorização da tradição local	Valorização da manifestação cultural aprende a ser mais compreensivo com os pais e colaborar nos seus deveres.
Objetivo	Manter a tradição.	Aprendem a preservar, fomentar a tradição local
Artefatos mediadores	Não há artefatos indígenas nessa mediação pois é uma cultura que veio de fora e não criada dentro da comunidade	Aprender a lhe dar conhecer os instrumentos dos brancos, que na comunidade é bem comum ser utilizados os tipos de instrumentos usados nessa atividade.
Comunidades	Avô, avó, pai, mãe, filhos, parentes e conhecidos da família.	A partir de 12 anos de idade jovens formam grupos de competições. Na comunidade há dois. Então quem participa de um não pode ir par o outro, uma regra de convivência e

		respeito ao espaço de cada um.
Regras	Respeitar um ao outro, não ingerir bebida alcoólica nem drogas ilícitas.	Entender como é viver na comunidade, respeito e organização social.
Divisão do trabalho	Aa decisões e planejamentos são realizados em conjunto	Os jovens participam das decisões e planejamentos, realizados em cada grupo para atingir seus objetivos. Saber trabalhar equipe.
Resultados esperados	Ser destaque em competições na comunidade, no município ou no estado, com esforço de todos os sujeitos.	Entender que tudo ao redor é uma forma de aprender a viver em sociedade. Que ganhar ou perder faz parte dessa aprendizagem.

Esta é uma atividade que envolve todos da comunidade, pois abarcam os espaços que existem dentro da comunidade, final cada um apresenta um meio de formação social para os jovens, é uma atividade relevante para eles, porque aprendem a lidar com o que acontece fora da comunidade e que tipo de comportamento deve ter fora dela. No caso são as regras de convivência em grupo e em comunidade.

Durante a realização da análise das atividades observamos que tudo chama a atenção dos jovens. Com isso, uma atividade complementa a outra, foi destacada a atividade da roça no início porque ela é o ponto chave de todas as outras atividades, como por exemplo, na atividade 2 o início de levantar o capital financeiro parte primeiro da roça. Os jovens fazem o caxiri para vender, então precisam da roça antes de tudo, ou seja, precisam da roça para fazer as principais atividades.

Cada espaço tem um objetivo a oferecer na formação aos jovens. Apresento uma pequena demonstração desses espaços na figura a baixo.



Malocção Comunitário: É o espaço de reuniões, onde tomam decisões sérias e importantes para o convívio em comunidade, onde se fazem manifestações, mas também é o lugar de festas, aniversários e festas religiosas em um espaço que é dividido com todos.

Posto de saúde: É onde cuidam da saúde de todos independentes de raça ou cor, que aparecem na comunidade, mas também é o espaço onde é respeitada a cultura dos pajés, rezadores e curadores.

Campo de Futebol: É um lugar de lazer para homens, mulheres, jovens e crianças.

Quadra Poliesportiva: É um espaço de lazer e eventos escolares ou municipais, ultimamente está sendo um lugar de reunião comunitária devido a pandemia do covid-19 e ao distanciamento social.

Igreja Católica: Espaço de liturgias religiosas e respeito ao credo. Onde os jovens formam grupos de coral e grupos de ações comunitárias.

Igreja Assembleia de Deus: Espaço de liturgias religiosas e respeito ao credo. Onde os jovens formam grupos de coral e grupos de ações comunitárias. Incentivo a não consumirem bebidas alcoólicas dentro da comunidade.

Casa da Cultura: espaço onde os jovens aprendem a fazer os artesanatos indígenas, pintura e crochê para fins comerciais, é um meio de arrecadar renda para a família. Todos se envolvem homens mulheres e crianças.

Casa de Associação das Mulheres: espaço de corte e costura e preparo de doces e salgados, ensinam as moças e os rapazes que desejam aprender a fazer estas artes.

Escola Estadual Indígena Nossa Senhora da Consolata: espaço de educação escolar e educação indígena, onde o respeito a todos é o principal objetivo. Espaço que os jovens buscam para se formar e posteriormente escolher um futuro para si e sua família.

Ruas ou caminhos: o espaço por onde trafegam todos os dias para as atividades das rocas, visitas à casa de parentes, tomar banho no igarapé, ou jogar bola então este é o principal meio que fazem para praticar todas as outras atividades.

Estes espaços tem o objetivo de melhorar o convívio das pessoas presentes na comunidade uma forma de organização social interna, onde há uma regra para sua ocupação e utilização conforme o regimento da comunidade.

Cada espaço tem um proposito, que deve ser respeitado, pois para cada um há um regime interno controlado pelo responsável do local, a estada é o único que não tem controle todos são livre para trafegar e fazer suas atividades, e necessidades, mas não

deixa de ser importante, pois é por meio dela que acontece as ações dentro da comunidade.

3.4 APRENDIZAGEM E OS DESAFIOS QUE OS JOVENS ENFRENTAM NA ATUALIDADE DENTRO DA COMUNIDADE

O contato com outras culturas entre os jovens é muito comum mesmo sem sair da comunidade, pois atualmente a maioria possuem redes sociais, estão ligados à tecnologia e em praticamente tudo que acontece fora da comunidade.

A interação dos conhecimentos tecnológicos ao utilizar os instrumentos que agora faz parte da realidade indígena, e os conhecimentos construídos pelo homem, no decorrer de suas necessidades, serão abordados neste item, um tema que traz uma reflexão sobre a formação do jovem indígena.

Segundo o senhor Faustino da Silva, que hoje é um dos anciões da comunidade, os primeiros contatos históricos dos Macuxi e Wapichana na comunidade Manoá com outra sociedade que adentravam em seus espaços territoriais foram por militares, religiosos, expedicionários, exploradores e mais tarde, os fazendeiros e colonos, quando aconteceu a implantação da escola vieram os funcionários públicos, pois, antes não tinha nenhuma pessoa com formação para lecionar na comunidade. Em entrevista ele faz um breve histórico:

“Quando eu era rapaz eu lembro que as missionárias da AMEVA chegavam de avião, porque ainda não existia estrada. Traziam remédio, pano, rede, sabão, sal açúcar, bolacha, bombom pra distribuir dentro da comunidade, todas as crianças corriam para encontra-las, os homens e os rapazes carregavam as bagagens e as mulheres recebiam com cantos. Mas as vezes era exército que chegava de avião também trazendo medico para examinar as pessoas saber se tinha alguma doença. Mais tinha outras pessoa que chegavam a pé, varavam pelas estradas antigas da comunidade como a travessa da galinha, igarapé da onça e tucano pela estada do rei sol, vinham andando uma viagem que durava de cinco dias ou mais para trocar anzol, sabão, sal, tecido, espelho, álcool, terçado, enxada e outros utensílios com os produtos do povo da comunidade. Antes nossa comunidade era de difícil acesso, mas chegavam aqui do mesmo jeito. Porque aqui tinha fatura de caça, pesca e tudo que plantava crescia bonito, e com fartura. Todos queriam morar aqui aí veio os fazendeiros e começaram a se apossar de lugares por perto de onde a gente morava. Depois que abriu a estrada aí entrou todo mundo na comunidade, trouxe coisa boa e coisa ruim, principalmente doenças. Os marreteiros entram e saem hoje trazem de tudo para trocar com os alimentos dos parentes principalmente farinha que é nosso principal alimento”. (Srº. Faustino da Silva)

Partindo desse depoimento, trazemos as memórias de um pesquisador que observou os indígenas Macuxi e Wapichana na região do Rio Branco, focalizamos

apenas os que são descritos nos relatos de Theodor Koch-Grünberg quando passou por essas regiões nos meados de 1911 a 1913.

Acompanhado de um menininho índio, ando a vau horas a fio pelas savanas alagadas, [...]. Um menininho índio vem nos buscar com uma lanterna. [...], minha bagagem é desembarcada e levada por índios, e alojada na grande varanda da casa[...], os vaqueiros são, em sua maioria, índios puros de tribos das redondezas, Makuschí e Wapichána, entre outras, [...], vem, as vezes, em grupos pequenos, homens mulheres e crianças, para trocar alguns artigos europeus e, especialmente, sal por farinha de mandioca, milho e todo tipo de frutas. [...], passam a tarde toda vadiando ao redor da varanda e olham curiosos tudo que eu faço [...] (KOCH – GRUNBERG, 2006).

Os jovens indígenas eram o principal alvo, foram utilizados como intérpretes, por terem mais facilidade de se comunicar como mensageiros. Devido a esses e outros contatos, homens e mulheres tiveram acesso a instrumentos e utensílios, e assim eles foram se readaptando as maneiras de usá-los, conforme suas necessidades.

Aos poucos as vivências foram sendo modificadas com os avanços das ocupações e explorações em seus espaços territoriais, que aos poucos foram sendo ocupados por colonos e fazendeiros, estes também vão incorporando em suas vivências, não só os artigos manufaturados, a venda ou a troca de sua força de trabalho, produtos externos por seus materiais de subsistência, pois o contato os faz dependentes, passam a querer adquirir, consumir e a utilizar os produtos externos. Santille faz um pequeno relato sobre esse contato de brancos e índios.

[...] o perfil crescente da população não decorreu tão somente de movimentos migratórios, mas sobretudo da inserção da população indígena na economia regional, seja enquanto vaqueiros, garimpeiros, seja em funções correlatas como carregadores ou auxiliares na construção de casas, nas tarefas do curral e serviços domésticos, ou ainda, de forma marginal, como fornecedores de farinha e outros gêneros agrícolas aos criadores, garimpeiros e comerciante na cidade. (SANTILLI, 1994, p.36).

Um dos maiores instrumentos utilizados nesse período de readaptação, foi a presença da escola na comunidade, esta reforçou muito as mudanças, pois estavam diretamente com crianças e os jovens da comunidade. Nesse processo a questão da desvalorização da língua dos indígenas na escola foi uma das maiores estratégias para a questão do medo de ser repreendido em público, por praticarem sua cultura e seus conhecimentos comunitários. As crianças e jovens passavam a metade do dia na escola, os pais começavam a perder controle dos horários dos filhos. As crianças e os jovens já não acompanham seus pais nas atividades rotineiras da comunidade.

Um dos relatos mais interessantes do medo de falar a língua indígena em público, é de dois professores indígenas que eram jovens estudantes de magistério na época e foram para cidade de Boa Vista: “Estávamos com fome, mas não sabíamos pedir o lanche na língua portuguesa também era difícil falar português com clareza”.

Sentiram-se envergonhados de pedir um lanche na sua língua materna. Um deles, (Leon Douglas) pediu o lanche na língua Wapichana, e o outro seu primo, (Floyd Manoel) deu um chute na canela dele para não falar a língua, dizendo: “aqui não se fala essa língua não, deixa para você falar quando chegar lá na maloca,” sentindo-se vergonhado saiu de perto do primo”. (Floyd Manoel e Leon Douglas). Os dois contam sorrindo como se fosse uma brincadeira toda vez que lembram. Uma realidade que acontece com muitos até hoje, o medo de falar a língua indígena, mas que foi e ainda é sério com relação à valorização da língua indígena ente os jovens.

A escola não correspondia à perspectiva de educação indígena, os jovens que passavam pela escola não correspondiam aos seus desejos de receber a formação para vida, porém o preparo que se tinham na escola só serviria para atender o mercado de trabalho, a economia que se estabelecia na capacidade e competência da sociedade geral.

Atualmente alguns jovens ainda têm esse pensamento, que herdaram de seus avós e pais, que é de se concluir os estudos para serem médicos, advogados, engenheiros e outras profissões que os pais sonhavam ser quando eram jovens. O que atualmente para alguns chega ser frustrante, pois, para chegar nesse objetivo, existem gastos e muitos não podem arcar com os filhos na cidade.

Mas dentro de muitos desafios que os jovens passam, com julgamentos e outras maneiras de serem tratados dentro da comunidade, por não seguirem algumas regras que a sociedade local impõe, ainda há aqueles que seguem e buscam um objetivo.

Uma aluna do 3ºano do ensino médio fala sua opinião do que é ser jovem na comunidade. “*Ser jovem é muitas das vezes ser julgado, sem ser ouvido, é gostar de eventos, gostar de se divertir com os amigos. E na maioria das vezes termos a vida decidida pelos pais*”. (NOENIA CLARA DA SILVA, Aluna do 3º ano da Escola Indígena Nossa Senhora da Consolata 2019).

Dentro dessas questões da formação social dos jovens na comunidade, alguns pais tem buscado, através dos filhos, um meio melhor ou mais interessante para a vida dentro e fora da comunidade.

LUCIANO (2013) em educação para manejo do mundo, fala que o desejo dos povos indígenas por uma vida melhor quer dizer que eles, como todos os grupos humanos, sempre buscam formas e condições de vida cada vez mais interessantes. A evolução humana, entendida como um processo de aperfeiçoamento de conhecimentos e

técnicas de trabalho, em busca de melhores condições de vida, é parte inerente à existência humana. (LUCIANO, 2013, p. 152).

Contudo, de umas décadas para cá, o modo de viver vem sendo restabelecido, não como antes, mas da maneira que o povo se encontra hoje na comunidade, junto com a educação diferenciada, um dos pontos importantes para essa conquista dos povos indígenas, que retomaram a discussão sobre qual o tipo de escola e educação que atenderiam seus anseios na formação social dentro da comunidade.

O diretor da escola estadual diz:

“A escola na comunidade é um espaço onde as crianças e os jovens aprendem as maneiras de viver e não só a ler e a escrever, mas aprendem como lhe dar com a natureza, com suas famílias, com suas culturas e tradições. Hoje a escola é uma necessidade, querendo ou não ela que faz o papel de alguns pais dentro da comunidade.” (ALAN DOUGLAS diretor da Escola Estadual Indígena Nossa Senhora da Consolata, 2020).

Na situação atual há jovens que buscam completar o estudo escolar para tentar uma profissão, para eles ainda é o melhor caminho, mas também há aqueles que continuam suas vivências no modo comunitário, tendo como base os indicadores da natureza para a realização de seus trabalhos nas suas roças, nas pescarias, nas caçadas, nessa convivência comunitária, pois ainda não há mercado de trabalho para todos, apesar de uma parte da comunidade ter completado o ensino médio, não há espaço de emprego fora para todos.

Há uma cobrança nas reuniões comunitárias para que todos tenham uma escolarização, ou que todos possam ter um objetivo e até concorrer a uma vaga quando surgirem oportunidades de emprego nos órgãos empregatícios, para que se formem e garantam sua sobrevivência e possam no futuro entender que o estudo não serve só para conseguir um emprego, mas que esse é um caminho para entender as relações da vida em sociedade.

Um estudante do terceiro ano diz:

“Ser jovem na comunidade Manoá é sofrer preconceito por alguma parte da sociedade, pois eu tenho uma opção sexual que não é respeitada, mas nem por isso eu deixo de respeitar todos da comunidade, desde o pequeno aos velhinhos, eu sempre trato com respeito porque um dia espero esse mesmo respeito, e ser um orgulho pra minha comunidade reconhecido profissionalmente como, um grade medico ou advogado.” Vou usar um nome fictício para este de João, Fevereiro 2020.

Alguns jovens participam de encontros na igreja, formando grupos de animação de cantos e danças que são apresentados nas próprias igrejas, em eventos na comunidade, em lugares próximos como as comunidades vizinhas ou em encontros regionais. Essa é uma das maneiras de interação do jovem junto aos movimentos sociais

que acontecem na região, a maioria dos jovens que participam do evento na igreja não se envolve com bebidas alcoólicas e nem cigarros, nem com outros tipos que tem na comunidade, são os mais centrados, e traçam uma meta que podem até não conseguir, mas buscam fazer o melhor, o que é um ponto positivo entre eles.

As formações sociais entre os jovens Macuxi e Wapichana na comunidade Manoá perpassam, dentre o convívio comunitário e familiar, na interação das atividades com os mais experientes, no período em que estão na escola, na igreja em comunidade e uns com os outros.

Contudo, percebe-se que a valorização da cultura e o respeito com a sociedade é o primordial, são ferramentas indispensáveis nas instâncias educacionais e da comunidade, com o uso das regras de formação social é possível reverter esse preconceito, que os jovens criaram entre eles ou com eles mesmos, possibilitando uma melhor vivência entre a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo educação indígena e formação social dos jovens Macuxi e Wapichana da comunidade indígena Manoá, nos dias atuais, traz um grande desafio, pois pertencem a um campo complexo de informações.

Para o resultado da pesquisa, tivemos a colaboração dos alunos professores da Escola Estadual Indígena Nossa Senhora da Consolata, e dos moradores com suas narrativas e conhecimentos. Diante dos estudos, refletimos sobre pontos relevantes para explicar os processos atuais em que se encontram os jovens indígenas na comunidade.

Dentre os resultados do trabalho, identificamos que os processos sociais de formação dos jovens indígenas vêm se modificando lentamente, no contexto da comunidade e da sociedade envolvida. Estas mudanças estão relacionadas a diversos fatores internos e externos que estão presentes no cotidiano da comunidade. Uns dos fatores estão relacionados, diretamente ao contato com os centros urbanos que oferecem novas formas de vida para membros da comunidade. Outro aspecto é a desvalorização dos conhecimentos indígenas da comunidade não é muito presente no cotidiano dos jovens.

Com a ausência de conhecimento os processos sociais e culturais não estão mais sendo transmitidos como eram antes para jovens, crianças e adultos. Isso acarreta, definitivamente, no desaparecimento de alguns costumes que eram presentes nas atividades entre jovens principalmente os rituais de respeito à natureza.

No decorrer do estudo, percebemos que as instituições presentes na comunidade tais como, a igreja e a escola, continuam interferindo, na maioria das vezes, positivamente, e, em alguns aspectos, negativamente como na contradição da realização de algumas atividades culturais e sociais.

A escola indígena na comunidade tem ajudado bastante, mas falta melhorar muito mais, pois ela ainda carrega consigo embora as vezes sem perceber um currículo fragmentado de conhecimentos, por diversas vezes preconceituoso, que impõe, de forma silenciosa, ideologias, com uma série de exigências que não atendem aos anseios dos jovens da comunidade, desconsiderando os saberes tradicionais.

As igrejas e a nova gestão comunitária têm ajudado imensamente, em casos como na proibição de bebidas alcoólicas, pois, na comunidade, entre os jovens, isso é

bem comum, assim como na conciliação e valorização da identidade e cultura através da língua materna.

As intervenções, e constantes relações dos jovens com os não indígenas e outras tecnologias, foram importantes para que percebessem que as atividades mudaram, passam a ganhar novas ferramentas de trabalho e comunicação como uso de materiais tecnológicos. Neste processo, passaram a ter mais visibilidade na própria comunidade, usando isto para mostrar ao mundo o que fazem dentro da comunidade através de redes sociais.

A participação de alguns jovens no movimento da comunidade contribui para que eles organizassem melhorias dentro da comunidade, de uma forma que alguns possam ser ouvidos diretamente nas reuniões comunitárias e nas reuniões fora dela seja, em outras comunidades, fortalecendo as reivindicações e os processos de lutas e conquistas dos povos indígenas, pois no futuro eles é que vão assumir algum cargo dentro da comunidade.

Dentro desse processo de luta e conquistas os jovens aprendem sobre aos desafios e conquistas dos povos indígenas, a luta contra o alcoolismo dentro das comunidades, a gravidez na adolescência, trabalhos comunitários, artesanatos e outros que fazem a boa organização de uma comunidade.

O movimento dos jovens contribuiu com a visibilidade deles nas atividades comunitárias e em decisões importantes tomadas dentro da comunidade.

Entre os Macuxis e Wapichana aprendemos que existem os conceitos de jovem na língua indígena, desde o (a) jovem moço (a) mais experiente, com a idade mais avançada, dividido em categorias, conforme identificamos no capítulo dois deste trabalho junto à comunidade.

Os jovens indígenas da comunidade estão presentes em todos os aspectos sociais e culturais desenvolvendo suas atividades, acompanhando os pais e avós como participação nos setores públicos, privados, domésticos e principalmente na agricultura. Mas algumas vezes, desrespeitam as regras da comunidade e consomem bebida alcoólica, chegando a faltar com respeito com os pais e outras pessoas da comunidade e desacatando autoridade local.

A pesquisa sobre a formação social do jovem indígena na comunidade nos proporciona entender como eles são vistos pela sociedade nos dias de hoje, principalmente na colaboração das atividades agrícolas e domésticas. Até porque na

atualidade da comunidade não existe mais tantos rituais de cura para os jovens e os costumes estão sendo esquecidos aos poucos.

Na transmissão desses conhecimentos, vimos que as jovens passam por um processo de preparação desde o nascimento até o casamento, elas são cuidadas pelos seus pais e parentes. Tanto na cultura Macuxi como na Wapichana. Todos participam da criação, mais na maioria das vezes, o cuidado maior e a responsabilidade são da mãe preparando-os para seguirem o seu ciclo de vida.

Muitos conhecimentos e costumes indígenas foram esquecidos, quando falamos das ações que eram praticadas entre os jovens como rituais de cura, mas um deles ainda prevalece que é durante a sua primeira menstruação as moças são trancadas em casa e aparam os cabelos, não banham no igarapé e não vão à roça, ou seja, ficam proibidas de fazerem as atividades domésticas e saírem de casa, ficando apenas em repouso, se alimentando de comidas cozidas, sem tempero de sal ou açúcar, nas duas culturas.

Para entendermos essa complexidade entre os jovens buscamos a educação indígena a teoria da atividade e o método indutivo intercultural, juntando os saberes tradicionais com os saberes científicos, porque o conhecimento passa ser entendido através da realização das atividades, ou seja, só se aprende fazendo.

A proposta inicial desta pesquisa era a reconstrução da identidade dos jovens na comunidade, observando os problemas sociais, os entraves do diagnóstico levantados dentro da comunidade, onde foi possível observar os problemas sociais, os pontos negativos e positivos, mas a reflexão foi se aprofundando cada vez mais chegamos ao tema educação indígena e a formação social dos jovens com o levantamento de propostas desafios e possibilidades, chegando ao tema final de formação social dos jovens Macuxi e Wapichana na comunidade indígena Manoá.

Essa ponderação abriu outros “caminhos” para os tipos de conhecimento que a comunidade já possuía, mas que estava esquecido. Então se percebeu que todos os conhecimentos presentes na comunidade estão nas atividades rotineiras, na prática destas, estarão explícitos os anseios da comunidade, a partir de sua visão, porque na maioria das vezes esses planejamentos das atividades são realizados com a participação de todos.

O calendário sacionatural nos proporciona entender como os conhecimentos estão explícitos nas atividades que fazemos. E suas atribuições dentre as pessoas da comunidade. Para tanto foram apresentados textos sobre a pesquisa, relatórios de

experiências de outras comunidades, fotografias, e outros no planejamento de nossas atividades durante a oficina realizada na escola Nossa Senhora da Consolata.

Os alunos do ensino médio foram os principais personagens na ajuda dessa pesquisa, nas formulações do roteiro de entrevistas, assim como na realização das entrevistas entre os mesmos.

Devido ao pouco tempo, e disponibilidade dos alunos, somente no horário oposto às aulas, a pesquisa não conseguiu acompanhar toda a atividade dos jovens na comunidade, mas destacamos as principais como jogar futsal, futebol, voleibol, tomar banho no igarapé, ajudar os pais nas tarefas da casa e da roça.

Buscando a valorização da cultura e realizando as atividades que estão sempre em revisão das novas metodologias de trabalho dentro da comunidade, que atendam a educação indígena e à formação social dos habitantes da localidade, falamos sobre educação intercultural e sua prática que está voltada para o conhecimento implícito nas atividades presentes, tentando mostrar as propostas e possibilidades que o ensino traz na formação social com os desafios encontrados, na atividade de cada um da comunidade.



Alunos do ensino médio formulando roteiros de entrevistas da pesquisa, e construindo o calendário socrionatural de suas atividades dentro da comunidade Manoá., 2019.(Foto: Joyce Marques Wapichana)

Observamos que os povos indígenas da comunidade estão em busca de um ensino que condiz com a sua realidade, mas, como sempre, o poder burocrático dos sistemas governamentais não demonstra respeito e esse é o maior desafio encontrado na comunidade e gestão escolar.

O interessante é que ao conversar com alguns jovens é notada a busca pela formação e qualificação por meio da educação formal, na qual a escola aparece como uma ponte importante desse desenvolvimento social na comunidade.

A vontade de ter bens materiais é o alvo principal para a influência da socialização dos jovens com outros elementos que os impulsiona a consumir e querer possuir seus bens com seu próprio esforço.

Muitos jovens pensam que estudando irão se profissionalizar, e trabalhar remunerados, contribuindo com a renda familiar, mas não imaginam o caminho a ser percorrido até chegar esse ponto.

Para outros essa relação dos ensinamentos escolares não os influencia, pois dizem que querem morar na comunidade, criar seus animais, plantar, ou seja, não se interessam muito pela escola, querem apenas aprender a ler e escrever o que não deixa de ser um tipo de formação social.

Ao sistematizar as atividades dos jovens da comunidade Manoá, foi possível observar o que eles fazem em cada mês, tivemos como princípio os questionamentos que nortearam o nosso estudo, no sentido de reconhecer suas atividades como uma forma de aprendizado, pois até então ninguém teria dado essa visibilidade aos jovens que se sentiam excluídos, esquecidos, não imaginavam o tamanho da colaboração que prestam dentro da comunidade.

A partir da reflexão sobre a atividade dos jovens na comunidade e da prática em sala de aula, o diagnóstico do calendário cultural e a realização das atividades perceberam que essa proposta é inovadora, porque ela nos abre portas para entendermos esse novo conhecimento que é científico, mas que para o grupo é comum, ou seja, o modo de aprendizado, onde o conhecimento indígena e o conhecimento científico, estão ligados e temos que estudar, pesquisar e esmiuçar a grande bagagem que o povo indígena carrega, em especial, esses conhecimentos entre os jovens.

A inclusão de novos conceitos, trazidos diretamente, de dentro da comunidade indígena para fora, mostra uma nova visão de estudo e formação da sociedade, isso foi relevante para a pesquisa e para o entendimento dos processos de formação dos jovens e para a conclusão deste trabalho.

Contudo, os registros do modo e viver e das atividades que realizamos nos contextos sociais, é um meio de valorizar seus conhecimentos, e assim contribuir com seus projetos futuros e subsidiar a construção da proposta pedagógica da escola, assim

como contribuir com a academia nessa reflexão dos processos de formação social dos jovens indígenas.

Enfim a experiência de pesquisa com os jovens trouxe uma visão que até no momento ainda não tinha percebido que é a importância dessa formação social dentro de cada comunidade, às vezes esquecida, mas que colabora com as atividades que fazem parte de todo o processo de conjuntura da sociedade que está sendo formada para o futuro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Edite. **Conhecimento Indígena e o Processo de Formação Social do Jovem no Contexto da Comunidade Maruwai, Terra Indígena São Marcos – Roraima** Dissertação de Mestrado Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima, 2016

BAINES, S, G. **Os índios Macuxi e Wapichana e suas relações com estados nacionais na fronteira Brasil – Guiana**. Série antropologia, Brasília, v. 338, p.2-19, 2003.

_____. **Povos indígenas na fronteira Guiana-Brasil: nacionalidade e indianidade numa fronteira internacional**. Revista brasileira do caribe vol. V, nº 10, p. 313 331, 2005

_____. **O Movimento político Indígena em Roraima: Identidades indígenas e nacionais na fronteira Brasil – Guiana**. In: **Caderno CRH**, Salvador, v. 25, nº 64, p. 33-44, jan/abr. 2012.

BANQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**/ Ricardo Banquero; trad. Ermani F da Fonseca Rosa. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2005

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010.

BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Ed. 34 – Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2012

BERTELY, Maria & UNEM. **Modelo Curricular de Educación Intercultural Bilingüe UNEM**. México, CIESAS, 2009.

BERTELY, Maria et al. **Conflicto intercultural, educación y democracia activa en México. Ciudadanía y derechos indígenas en el movimiento pedagógico intercultural bilingüe en Los Altos, la Región Norte y la selva lacandona de Chiapas**. México y Perú: Ciesas-Fondo Editorial PUCP. 2009.

BERTELY, Maria. **Educación Intercultural para la ciudadanía y la Democracia Activa y Solidaria. Una crítica de la otra educación al multiculturalismo neoliberal y comunitarista**. In: **Multiculturalismo, Educación Intercultural y Derechos Indígenas en las Américas**. Editores: Gunther Dietz, Rosa Guadalupe Mendoza Zuany e Sergio Téllez Galván. Ecuador: Abya-Yala, 2008a. (267-302)

BERTELY, Maria et al. **Conflicto intercultural, educación y democracia activa en México. Ciudadanía y derechos indígenas en el movimiento pedagógico intercultural bilingüe en Los Altos, la Región Norte y la selva lacandona de Chiapas.** México y Perú: Ciesas-Fondo Editorial PUCP. 2009.

CAMARGO, D. **Emoções no processo de aprendizagem.** 1997. Tese (Doutorado)-Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Os (des) caminhos da identidade.** *Revista brasileira de Ciências Sociais* – Vol. 15 no. 42 fevereiro/2000 disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n42/1733.pdf>

CASSANDRE, M.; BULGACOV, Y. L. M.; CAMARGO, D. **O conceito de prática a partir da perspectiva da teoria da atividade.** In: COLÓQUIO DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO, 1. 2011, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ORD/UFSC, 2011.

CEDRO, Wellington; MOURA, Manoel. **As relações entre a Organização do Ensino e a Atividade de Aprendizagem.** In: A Teoria da Atividade Sócio- Histórico- Cultural e a Escola: recriando realidades sociais. Organizadores: LIBERALLI. Et al., Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

CHARTIER, Roger. **A história cultural - entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990

DANIELS, Harry. **Vygotsky e a Pedagogia.** São Paulo: Loyola, 2003. 246p.

DOUGLAS, Alan. **Alan Douglas** entrevista [dez.2019]. Entrevistadora: Delaide Trindade Douglas. Roraima: Comunidade Indígena Manoá- BO/RR, 2019. Entrevista concedida ao Projeto de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima.

DOUGLAS, Alan. **O impacto social da educação escolar na comunidade indígena Manoá-Serra da Lua.** Trabalho de conclusão de curso da Licenciatura Intercultural - Instituto Insikiran, UFRR, 2008.

DOUGLAS, Delaide Trindade. **A pesquisa do calendário cultural na comunidade indígena Manoá: a produção de farinha de mandioca e a construção de propostas pedagógicas para uma nova escola indígena.** Trabalho de Conclusão de Curso da licenciatura intercultural no instituto Insikiran na Universidade Federal de Roraima, 2014

DUARTE, Newton. **A teoria da atividade como uma abordagem para a pesquisa em educação.** *Perspectiva*, Florianópolis, v.21, n.2, p.229-301. jul./dez. 2003.

FARAGE, Nádia. **As muralhas dos sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: AMPOCS, 1991.

_____. **Terras indígenas no lavrado: o impasse continua**. In: Povos Indígenas do Brasil. São Paulo. CEDI. 1987/ 88 / 89 / 90.

GASCHE, Jorge. Niños, Maestros, Comuneros y Escritos Antropológicos como Fuentes de Contenidos Indígenas Escolares y la Actividad como Punto de Partida de los Procesos Pedagógicos Interculturales: Un Modelo Sintáctico De Cultura. In: Educando en la Diversidad. Investigaciones y experiencias educativas interculturales y bilingües. Coodenadores: Maria Bertely; Jorge Gasché; Rossana Podestá. Ecuador: Abya-Yala/CIESAS/IIAP, 2008. (279-365)

GASCHÉ, Jorge; MENDONZA, Napoleón Veela. **Sociedade Bosquesina**. Tomo II, Peru: 2011. II AP – CONCYTEC – CIAS.

GRUPIONI, Luis Donisete. Livros Didáticos e Fontes de Informações sobre as Sociedades Indígenas no Brasil. In: **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º grau**. Organização: Aracy Lopes da Silva e Luis Grupioni. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. (481-525)

Hall, Stuart. (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade** (11ª. Edição). São Paulo: DP&A. HERRMANN, Lucila. **Organização social dos Vapidianos do território do rio Branco**. In: Sociologia, 1946, vol. VIII, no. 3: 282 – 304.

_____. **Organização social dos Vapidianos do território do rio Branco (continuação)**?. In: Sociologia. 1946, vol. VIII, no. 4: 203-215.

IRIS, Myers. **Os Macuxi da Guiana Inglesa**. In: AMÓDIO, Emanuele. Coord. Boletim. Arquivo Setor Indigenista, no. 01. Boa Vista: Diocese de Roraima, 1981. p. 11 – 25.

KOCH-GRUNBERG, Theodor. **A distribuição dos povos entre rio Branco, Orinoco, rio Negro e Yapurá / Theodor Koch Grunberg**. Tradução de Erwin Frank. – Manaus: Editora INPA/EDUA, 2006.

KOCH – GRUNBERG, Theodor. **Do Roraima ao Orinoco, v.I: observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913**. Tradução Cristina Alberts –Franco. – São Paulo: Editora UNESP, 2006 II

LARAIA, Roque de Barros, 1932 – **Cultura: um conceito antropológico** / Roque de Barros Laraia. – 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge “Zahar ed., 2001

LEONTYEV, A. N. **Activity, consciousness, and personality**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1978

LUCIANO, Gersm José dos Santos. **Educação para manejo do mundo : entre a escola ideal e a escola real no Alto Rio Negro**. Rio de Janeiro : Lacerd, 2013.

MOLINA, Márcia Cristina Gomes. **A construção de identidade do sujeito mediante as transformações da globalização**. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.7, n.2, Pub.6, abril 2014.

MARKUS, G. Teoria do conhecimento do jovem Marx. RJ: Paz e Terra 1974

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach. São Paulo: Moraes, 1984

REVISTA TELLUS, Ano 16. Nº 30, jan/jun, 2016
<http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/issue/view/29/showToc>

SANDIN ESTEBAN, M.P. **Pesquisa qualitativa em educação: Fundamentos e tradições**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SANTILLI, Paulo. **Fronteira da Republica: História e política entre os Macuxi no vale do Rio Branco**. Núcleo de História Indígena e do Indigeníssimo-Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. São Paulo, 1994.

_____. **Pemongon Patá. Território Macuxi, rotas de conflito**. São Paulo: UNESP, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo**. (Org.) Júlio César França Lima e Lúcia Maria Wanderley Neves. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / EPSJV, 2006.

SILVA. Noemia Clara da. **Noenia Clara da Silva** entrevista [jan.2020]. Entrevistadora: Delaide Trindade Douglas. Roraima: Comunidade Indígena Manoá- BO/RR, 2019. Entrevista concedida ao Projeto de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima.

Souza M. S. **Moacir da Silva Souza** entrevista [dez.2019]. Entrevistadora: Delaide Trindade Douglas. Roraima: Comunidade Indígena Manoá- BO/RR, 2019. Entrevista concedida ao Projeto de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima.

TRINDADE. D. S. **Demilza da Silva Trindade** entrevista [dez.2019]. Entrevistadora: Delaide Trindade Douglas. Roraima: Comunidade Indígena Manoá- BO/RR, 2019. Entrevista concedida ao Projeto de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima.

TRINDADE. D. S. **Manivas do Manoá: cultura, educação e biodiversidade**. 2010. 78 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – INSIKIRAN, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2010.

VIGOTSKI, Lev. **A formação social da mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

VIRIATO, A. R. **Reflexão, catalogação e produção de material didático na Escola Estadual Indígena Nossa Senhora da Consolata**. 2008. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – INSIKIRAN, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2008.

ANEXO

FOTOGRAFIAS DA ATIVIDADE DOS JOVENS NA COMUNIDADE MANOÁ



Foto: Delaide Trindade Douglas 2019
Participação dos jovens macuxi e wapichana na reunião comunitária



Foto: Delaide Trindade Douglas 2020
Jovens macuxi ajudando tias a raspar mandioca



Foto: Delaide Trindade Douglas 2020
Jovem macuxi espanando a farinha.



Foto: Delaide Trindade Douglas 2018
Jovens macuxi e Wapichana alegres após uma partida de futsal.



Foto: Delaide Trindade Douglas 2018/ Jovens Wapichana participando de eventos culturais na comunidade.



Foto: Joyce Alberto, 2019
Participação dos jovens no curso Formação social dos Jovens



Foto: Jonatas Simplício 2019
Participação do jovem Wapichana no evento veloterra na comunidade Manoá.



Foto: Alan Trindade Douglas 2018
Jovens fazendo limpeza na roça comunitária.



Foto: Jonatas Simplício 2018
Apresentação cultural dos jovens no evento I olimpíada indígena na comunidade Manoá.